

**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
FACULDADE DE CIÊNCIAS – CAMPUS DE BAURU**

Pós-graduação em Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem

LAÍS AUGSTEN GALVÃO

**Composições corporais na adolescência: a perspectiva do “informe”
de Sylvie Le Poulichet**

BAURU

2024

LAÍS AUGSTEN GALVÃO

Composições corporais na adolescência: a perspectiva do “informe”
de Sylvie Le Poulichet

Dissertação apresentada como requisito para obtenção do título de Mestre à Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” - Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem. Área de concentração Desenvolvimento: Comportamento e Saúde, sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Patrícia Porchat Pereira da Silva Knudsen e Co-orientação da Prof.^a Dr.^a Josiane Cristina Bocchi.

BAURU

2024

G182c Galvão, Laís Augsten
Composições corporais na adolescência: a perspectiva do “informe”
de Sylvie Le Poulichet / Laís Augsten Galvão. -- Bauru, 2024
110 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista (UNESP),
Faculdade de Ciências, Bauru
Orientadora: Patricia Porchat Pereira da Silva Knudsen
Coorientadora: Josiane Cristina Bocchi

1. Corpo. 2. Adolescência. 3. Psicanálise. 4. Desenvolvimento
Psicossexual. 5. Imagem corporal. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca da Universidade
Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências, Bauru. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

Câmpus de Bauru



ATA DA DEFESA PÚBLICA DA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO DE LAÍS AUGSTEN GALVÃO, DISCENTE DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA DO DESENVOLVIMENTO E APRENDIZAGEM, DA FACULDADE DE CIÊNCIAS - CÂMPUS DE BAURU.

Aos 06 dias do mês de maio do ano de 2024, às 09:30 horas, no(a) Google Meet, realizou-se a defesa de DISSERTAÇÃO DE MESTRADO de LAÍS AUGSTEN GALVÃO, intitulada **Composições corporais na adolescência: a perspectiva do 'informe' de Sylvie Le Poulichet**. A Comissão Examinadora foi constituída pelos seguintes membros: Profa. Dra. PATRICIA PORCHAT PEREIRA DA SILVA KNUDSEN (Orientador(a) - Participação Virtual) do(a) Departamento de Psicologia / UNESP Faculdade de Ciências de Bauru SP, Prof. Dr. FRANCISCO RONALD CAPOULADE NOGUEIRA (Participação Virtual) do(a) IPEP / Instituto de Estudos e Pesquisas em Psicanálise nos Espaços Públicos (IPEP), Prof. Dr. ERICO BRUNO VIANA CAMPOS (Participação Virtual) do(a) Departamento de Psicologia / Faculdade de Ciências Unesp Campus de Bauru. Após a exposição pela mestranda e arguição pelos membros da Comissão Examinadora que participaram do ato, de forma presencial e/ou virtual, a discente recebeu o conceito final: APROVADA. Nada mais havendo, foi lavrada a presente ata, que após lida e aprovada, foi assinada pelo(a) Presidente(a) da Comissão Examinadora.

Profa. Dra. PATRICIA PORCHAT PEREIRA DA SILVA KNUDSEN



Documento assinado digitalmente
PATRICIA PORCHAT PEREIRA DA SILVA KNUDSEN
Data: 08/05/2024 15:28:04-0300
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos que contribuíram com esta etapa da minha vida. Aos familiares, amigos e professores, expresso minha profunda gratidão. Sou grata especialmente à minha família, que sempre me deu todo o suporte necessário, estando sempre presente. Sem ela eu não teria conseguido alcançar meus objetivos, pois desde pequena me foi transmitido o valor dos estudos e da persistência.

Agradeço ao meu pai, a quem admiro muito. Seu constante incentivo e crença no meu potencial foram essenciais para alcançar meus objetivos.

À minha mãe, que sempre me fortaleceu com seu carinho e apoio, minha eterna gratidão.

Meu irmão querido também merece um agradecimento, pois com ele aprendi muito ao longo da vida.

À minha avó, cujo amor e preocupação sempre estiveram presentes, e ao meu avô, que mesmo após sua partida, continua vivo em minhas lembranças.

Aos avós maternos, cujas histórias compartilhadas por minha mãe os tornam parte integrante da minha vida.

Não posso deixar de mencionar meu companheiro, cujo apoio foi imprescindível durante toda esta jornada.

Agradeço aos professores que foram fundamentais para a minha formação profissional. Obrigada professora Patrícia e professora Josiane por assumirem o desafio dessa pesquisa junto comigo. Agradeço também ao professor Érico e ao professor Francisco, participantes da minha banca que auxiliaram no desenvolvimento dessa pesquisa e que tiveram um papel fundamental.

Agradeço à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP/ Processo número: 2022/11404-4) pelo apoio financeiro essencial para a realização deste trabalho.

O presente trabalho foi realizado com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior– Brasil (CAPES)– Código de Financiamento 001.

GALVÃO, Laís Augsten. Composições corporais na adolescência: a perspectiva do “informe” de Sylvie Le Poulichet. 2024. 109f. Dissertação (Mestre em Psicologia, área de Desenvolvimento e Aprendizagem) - UNESP, Faculdade de Ciências, Bauru, 2024.

RESUMO

O corpo atualmente está posto em diferentes âmbitos (mídias digitais, redes sociais, consultórios médicos, academias, dentre outros) e exerce grande influência na constituição subjetiva dos indivíduos, em especial, no período da adolescência. Observamos na adolescência o aumento das escarificações, das tatuagens, dos procedimentos estéticos, dos *piercings*, do *cutting* e do uso de hormônios. O adolescente se depara com as mudanças corporais resultantes da puberdade, sendo levado a realizar uma nova construção da imagem corporal. A psicanalista francesa Sylvie Le Poulichet desenvolve a *teoria do informe*, na qual se refere a casos em que a percepção do corpo é distorcida e a sensação de existência é ameaçada, sendo o corpo sentido como sem bordas e inconsistente - um corpo *informe*. Para lidar com o terror de perceber o corpo como informe, o sujeito recorre à construção de teorias permeadas pela fantasia como forma de defesa. O presente trabalho objetiva discutir as contribuições da perspectiva do *informe* de Sylvie Le Poulichet, para compreender as composições corporais do adolescente na atualidade. Trata-se de uma pesquisa teórica no campo psicanalítico. A partir de um ensaio teórico, buscamos alcançar os objetivos da pesquisa. Sugerimos que o informe possa ser compreendido como um fenômeno cultural para além da clínica e que faz parte da constituição da imagem corporal de muitos adolescentes. Concluimos que a teoria de Le Poulichet permite lançar luz sobre os fenômenos corporais da atualidade ao considerarmos a pele como superfície e demarcação corporal.

Palavras-chave: Corpo. Adolescência. Psicanálise. Desenvolvimento psicosssexual. Imagem corporal.

GALVÃO, Laís Augsten. Body Compositions in adolescence: the “*informe*” perspective of Sylvie Le Poulichet. 2024. 109f. Dissertation (Master in Psychology, Developmental and learning area) - UNESP, Faculdade de Ciências, Bauru, 2024.

ABSTRACT

The body is currently positioned in various domains (digital media, social networks, medical offices, gyms, among others) and wields significant influence in the subjective constitution of individuals, especially during adolescence. We observe during adolescence an increase in scarification, tattoos, aesthetic procedures, piercings, cutting, and hormone use. Adolescents confront bodily changes resulting from puberty, leading to a new construction of their body image. French psychoanalyst Sylvie Le Poulichet develops the theory of the “*informe*” (formless), referring to cases where body perception is distorted and the sense of existence is threatened, with the body felt as boundary-less and inconsistent - a formless body. To cope with the terror of perceiving the body as formless, individuals resort to constructing theories permeated by fantasy as a defense mechanism. This study aims to discuss the contributions of Le Poulichet's “*informe*” perspective in understanding contemporary adolescent bodily compositions, through a theoretical investigation in psychoanalytic field. From a theoretical essay, we aim to achieve our research objectives. We suggest that the “*informe*” can be understood as a cultural phenomenon beyond clinical settings, integral to the formation of body image in many adolescents. We conclude that the Le Poulichet's theory sheds light on contemporary bodily phenomena by considering the skin as a surface and bodily demarcation.

Keywords: Body. Adolescence. Psychoanalysis. Psychosexual development. Body Image.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO

INTRODUÇÃO.....	p.12
CAPÍTULO 1: <i>Primeiras aproximações do pensamento de Sylvie Le Poulichet</i>.....	p.23
1.1. O corpo em excesso: lugar psíquico para acontecimentos.....	p.24
1.2. O corpo e suas dimensões: <i>der Leib</i> e <i>der Körper</i>	p.29
1.3. Um corpo instável: limites imprecisos.....	p.31
1.4. O envelope corporal: um processo de individuação.....	p.34
CAPÍTULO 2: <i>A teoria do informe em Sylvie Le Poulichet: a constituição do corpo e de sua imagem</i>.....	p.37
2.1. Os processos-limites.....	p.37
2.2. A origem do informe.....	p.39
2.3. Terrores e Teorias infantis do informe.....	p.42
2.4. Sexualidade, fantasia e morte.....	p.45
2.5. A dimensão traumática do informe e a identificação mortífera.....	p.49
CAPÍTULO 3: <i>Teorias fantásticas do informe na adolescência</i>.....	p.56
3.1. O corpo adolescente: transformações que transbordam.....	p.56
3.2. As teorias fantásticas: desdobramentos do informe na adolescência.....	p.62
3.3. Os envelopes sensoriais paradoxais.....	p.64
3.4. A Bulimia e a Anorexia: raízes do informe.....	p.66
3.5. Um corpo marcado pela fantasia.....	p.75

CAPÍTULO 4: <i>Questões atuais: composições corporais na adolescência</i>	p.78
4.1. A travessia do informe: processos criativos.....	p.79
4.2. O papel do analista: o olhar e a presença.....	p.84
4.3. Há uma composição corporal para além da análise?.....	p.87
4.4. Tatuagens e <i>piercings</i> : dando bordas ao corpo.....	p.88
4.5. Redes sociais: corpos virtuais e procedimentos estéticos	p.91
4.6. Questões de gênero e as Composições corporais.....	p.95
CONSIDERAÇÕES FINAIS	p.100
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	p.104

APRESENTAÇÃO

Este trabalho é o resultado de uma jornada que se iniciou em 2018, durante o meu segundo ano de graduação em Psicologia, na Unesp Bauru. No meu percurso de formação, fui inspirada a desenvolver um projeto de pesquisa. A partir de várias leituras, mergulhei na temática do corpo. Sempre tive interesse na relação entre psiquismo e corpo, considerando o corpo como um meio de comunicação e expressão, especialmente na dança e em outras formas de arte.

Minha primeira experiência em pesquisa foi focada nas neuroses atuais de Freud, com ênfase na dimensão somática. A partir desse trabalho, de discussões, experiências em projetos de extensão e de grupos de estudo, meu interesse só aumentou. Foi nesse caminho que tive a oportunidade de conhecer as ideias de Sylvie Le Poulichet, o que resultou em uma segunda pesquisa de iniciação científica, a qual contou com o apoio da Fapesp.

Foi por meio da apreciação mais profunda das ideias da autora que tomei a decisão de continuar explorando sua teoria no mestrado. O desenvolvimento dessas pesquisas foi acompanhado de diversas apresentações de trabalhos e publicações de artigo, capítulo de livro e resumos em anais de congressos, os quais foram muito gratificantes e importantes para o meu desenvolvimento profissional.

Alguns dos autores que mais contribuíram para minha formação incluem Joyce McDougall, Juan-David Nasio, Maria Helena Fernandes e, obviamente, Sylvie Le Poulichet. O trabalho de Le Poulichet, em particular, transformou a minha visão, destacando o corpo como um espaço de fantasias e de criações. Essa abordagem única foi a que me atraiu para continuar explorando suas ideias.

INTRODUÇÃO

Sabemos que a adolescência é considerada um período transitório entre a infância e a idade adulta. Seu início é marcado pela puberdade e pela maturidade sexual que acompanham muitas transformações corporais. Ouvry (2011) ressalta que “o corpo é, então, o primeiro elemento pelo qual se anuncia aquilo que faz a adolescência” (p. 220). Logo, há uma íntima relação entre a adolescência e o corpo. Diante disso, a psicanálise busca compreender como estas transformações podem se tornar enigmáticas ao adolescente, abrindo questões a nível psíquico e intersubjetivo.

Para Freud (1905/1996), por exemplo, as transformações corporais provocadas pela puberdade geram um estranhamento do próprio corpo para o adolescente, o qual se apresenta com características novas. Desse modo, o sujeito passa a não se reconhecer em sua imagem corporal e em sua corporeidade. Os reflexos deste acontecimento são representados em situações cotidianas e comuns, como quando os adolescentes passam a esbarrar em alguns objetos, tropeçar e a derrubar coisas. Este aspecto “desajeitado” do adolescente decorre das alterações corporais gerando, assim, a necessidade de um redimensionamento da percepção de espaço, de tempo e de um tônus ao novo corpo que ele passou a possuir (Brêtas, 2003). A clínica psicanalítica tem colocado em questão certos fenômenos corporais da adolescência. Há, nesta fase, um aumento de ações e de procedimentos que modificam o corpo, como as escarificações, as tatuagens, os procedimentos estéticos, os *piercings*, o *cutting*, o uso de hormônios, bem como o anseio por cirurgias de readequação de gênero. O adolescente se depara com as mudanças corporais resultantes da puberdade, sendo levado a construir uma nova relação com seu corpo, que não é mais um corpo infantil.

Sylvie Le Poulichet é uma psicanalista francesa que apresenta uma formulação conceitual denominada de *informe* para se referir a uma dificuldade no reconhecimento dos processos e contornos corporais, de modo que o corpo é sentido como instável, hesitante. Elegemos o trabalho dessa autora pois acreditamos que ele possa lançar luz sobre os fenômenos corporais da adolescência que se apresentam tanto na clínica, como para além dela, no nosso meio sociocultural.

Optamos por traduzir o termo original em francês *l'informe* por *informe*, pois não encontramos outra palavra que contenha uma noção tão próxima à ideia pretendida por Le Poulichet. Gostaríamos de enfatizar que este termo se refere a uma sensação de ser ou de estar sem forma, em um corpo que é sentido com contornos instáveis. No dicionário Michaelis

(2015), o significado de *informe* consta como “sem forma definida e precisa” e “sem elaboração; incerto; vago”. Assim, é neste sentido que empregamos o termo.

Nos deparamos nessa pesquisa com a dificuldade de trazer para a língua portuguesa um termo que mantivesse a essência da ideia original. Esse é sempre um desafio de tradução, porque sabemos que toda tradução gera inevitavelmente uma falta no sentido original da palavra. Na língua portuguesa encontramos palavras como “dismorfia” e “amorfia”, mas que não achamos capazes de transmitir a ideia de *l’informe*, pois a definição de dismorfismo é “Forma defeituosa ou mal conformação de um órgão ou parte do corpo; deformidade, disformia, disformidade, dismorfia, dismorfose” e um corpo amorfo é “Sem forma determinada, sem estrutura visível” (Michaelis, 2015).

O termo *informe*, por outro lado, mesmo que pouco utilizado em nossa língua, é um termo que abre caminho para uma nova associação de sentido conceitual. Acreditamos que com a contribuição desse trabalho, através de publicações, a ideia de *informe* possa ser difundida e assimilada por mais leitores e pesquisadores. Assim, consideramos que, por mais que haja um certo estranhamento do termo em um primeiro contato com a teoria do *informe*, ele possa ser assimilado e se torne mais natural, tendo seu sentido original preservado.

Ademais, essa autora traz a noção de *composição corporal*, processo de abertura às novas possibilidades de figuração da imagem do corpo, que se dariam no nível da fantasia, especificamente no processo de análise. É justamente esta ausência de percepção da forma corporal ou sua instabilidade que abre a possibilidade para uma nova composição corporal. Aquilo que se apresenta inicialmente como sintoma e sofrimento do paciente, como uma despersonalização ou desapropriação da imagem corporal, na verdade, contém uma potencialidade para a cura, através da possibilidade de novas montagens corporais. Desse modo, nosso ponto de partida se deu a partir dos seguintes questionamentos: É possível relacionar o aumento de manipulações e procedimentos que incidem sobre o corpo ao fenômeno do *informe*? Seriam estas modificações corporais uma tentativa, por parte dos adolescentes, de realizar uma nova composição corporal e de se defender da dimensão traumática que acompanha a puberdade? Podemos pensar a composição corporal para além do processo analítico?

Este trabalho é uma tentativa de sistematização da teoria do *informe*, uma vez que, Le Poulichet articula sua teoria a relatos clínicos. Desse modo, suas postulações sobre o fenômeno do *informe* estão vinculadas às especificidades desses casos e, assim, sua teorização não é exposta de maneira organizada ou mesmo didática. Portanto, buscamos organizar as

principais acepções do informe, através de uma leitura transversal, identificando as características desse fenômeno.

Antes de nos aprofundarmos na teoria de Le Poulichet, partiremos de uma exploração sobre as modificações corporais na adolescência. Isso nos permitirá situar nossos questionamentos e evidenciar quais fenômenos corporais estamos abordando, além de apresentar as contribuições de outros teóricos sobre o assunto.

Sabemos que o período da adolescência demanda a formação de novas escolhas e laços. O sujeito passa a experimentar uma certa estranheza e desconhecimento frente ao seu próprio corpo, processo que é fruto da perda da imagem corporal infantil e da onipotência infantil que ainda não foram superadas. Tais elementos irão levar ao processo de luto pela perda do corpo infantil, pela perda dos pais idealizados da infância e pela transformação do papel infantil. Para Brêtas (2003), o adolescente, muitas vezes, tem dificuldades em se desfazer de roupas velhas, as quais podem remeter ao corpo da infância, assim como pode buscar roupas e adornos mais neutros que expressariam seu luto. Ademais, é comum a manifestação da revolta e da agressividade direcionadas tanto para objetos externos (família, escola, amigos e outros), como para si mesmo.

Nesse sentido, ocorre um distanciamento dos laços infantis dos primeiros objetos de amor. A escolha de um objeto externo, após a abdicação dos objetos primordiais na adolescência, é realizada primeiramente na imaginação e nas fantasias, isto é, ele entrega-se a ideias que não visam inicialmente se concretizar.

O adolescente não se contenta mais apenas em atender às expectativas dos pais. Com a segurança desse amor, ele se sente confiante para seguir seu próprio caminho, fora do ambiente familiar. Após a superação do Complexo de Édipo e da renúncia dos primeiros objetos de amor, ocorre o desprendimento da autoridade dos pais, uma das realizações psíquicas fundamentais e mais sofridas da época da puberdade (Freud, 1905/1996). Assim, é através da primazia da genitalidade que o adolescente realiza a tentativa de superar as fantasias incestuosas, rumo à procura de novos objetos. Logo, as questões infantis irão acompanhar as novas escolhas destes jovens e as referências parentais são revisitadas neste processo. Essas novas escolhas e recriações podem ser muito dolorosas (Torossian, 2007).

Há também uma intensa instabilidade identificatória, própria desse período de desenvolvimento. Considerando que as identificações são a condição para a instauração de um elo social, neste período, elas passarão por uma reorganização e pela construção de uma nova imagem, a qual remete ao estágio do espelho, descrita por Lacan. Nesta etapa, ocorre a

passagem da fantasia de um corpo fragmentado para um corpo inteiro, a partir da identificação com o outro. Assim:

A passagem adolescente é, também, o momento de reapropriação egóica da imagem do corpo que passou a ser ameaçador. Na puberdade, o corpo “explode”, transborda, de modo incontrolável. Este é o real da puberdade. A imagem egóica, o eu, sofre um abalo pelas modificações corporais que a puberdade impõe. É necessário, então, que o adolescente se reaproprie de um corpo que, por outro lado, nunca deixou de ser seu. (Backes, 2002, p. 37)

No estágio do espelho, a criança ao defrontar-se com seu reflexo, se reconhece e se estranha simultaneamente. Ela tem uma sensação de ver algo aquém e algo além de si mesma, o que parece ser retomado na adolescência com um “novo” corpo. A adolescência comporta um movimento de identificações múltiplas e variadas, próprias do período (Backes, 2002).

Para Costa (2002), esse período é marcado por uma constante demanda de reconstrução dos suportes corporais, uma vez que nesta fase há uma alteração dos referenciais que dão suporte ao corpo e o amparam. É nesse contexto que destacamos o que vem se tornando cada vez mais frequente: a realização de modificações corporais em adolescentes, seja via tatuagem, *piercings*, hormonizações, escarificações, bem como o uso abusivo de cirurgias plásticas, de enxertos e o consumo de esteroides.

O processo de modificação corporal pode ser uma tentativa de gerar bordas corporais. Esse processo se relaciona com a erotização e com o funcionamento pulsional que fornece apoio à erotização, uma vez que as bordas são a ponte que faz a relação do sujeito com o mundo, com o outro e com a realidade. Logo: “Essa reconstituição das bordas corporais é o que dá suporte à circulação do nosso corpo, para nos sentirmos representados, amparados e tendo algum lugar” (Costa, 2002, p.15).

As escarificações, por exemplo, são atos que são feitos sobre a pele como cortes que tendem a ser superficiais e são realizados através de instrumentos cortantes ou perfurantes. Alguns autores afirmam que a região do braço é o local mais escolhido para a realização dos cortes (Le Breton, 2010; Fortune, 2006). O ato de escarificar se configura como um tipo moderado e superficial de automutilação. Segundo Demantova (2017), a prática escarificatória típica costuma ter início após a puberdade, chegando ao auge na idade de dezesseis anos. Ademais, as escarificações tendem a ser realizadas de forma compulsiva, podendo se manifestar conjuntamente com quadros de distúrbios alimentares, especialmente

na bulimia. Ainda conforme o autor, o ato de escarificar dificilmente se manifesta de forma duradoura. Há uma tendência de que a escarificação seja feita em alguns episódios durante a adolescência, como no início da puberdade e em alguns momentos de crise, mas frequentemente cessam ao final desse período de desenvolvimento.

O fenômeno da escarificação apresenta-se como uma saída particular de representação do próprio corpo, o que diz respeito a um corpo tido como estranho, ou seja, uma figura conotativa da não apropriação das formas corporais do sujeito. As marcas geradas na superfície corporal externa têm um papel importante de suporte corporal que vai além da questão estética atual (Costa, 2002).

Demantova (2017) aponta que a maioria dos estudos sobre essa temática revela uma elevação crescente no número de adolescentes que se escarificam. Conforme o autor, o estudo feito por Barrault (2005) demonstra que 90% das pessoas que se escarificam começam essa prática na adolescência, por volta dos 14 anos, com aumento até os 20 anos. A marca escarificatória pode representar a tentativa de registrar sinais de uma história da qual o indivíduo não conseguiu se apropriar, como uma 'memória sem lembranças', relacionada a eventos traumáticos. A cicatriz deixada por esse ato desempenha o papel de uma memória, uma inscrição registrada na própria realidade do corpo. Assim, na escarificação, o corpo é usado como um potencial espaço para a ligação de elementos traumáticos (Demantova, 2017).

Além das escarificações, o ato de se tatuar, isto é, marcar o corpo através de formas, desenhos e escritas, reflete um percurso histórico envolvido. Costa (2002) afirma sobre a tatuagem:

Seu uso é bastante antigo, e se pode ligar seu surgimento à necessidade de produção de traços no real: seja nos ossos da caça (extensamente abordado por produções lacanianas a respeito do traço unário), seja para marcar uma pertença ao próprio corpo. Tatuar não é somente pintar-se, é também escarificar: introduzir pigmentos na derme compondo uma marca definitiva. Essa marca tem uma dupla função: tanto de coletivizar quanto de singularizar. (p.14)

O sujeito se modifica e se transforma na busca de uma unidade corporal. As tatuagens e marcações sobre a pele são como uma tentativa de fechamento de um buraco simbólico, gerado pela falta, que está presente em todos (Vilhena *et al.*, 2015). Tais atos sobre a pele são ações associadas às formas de se apresentar ao mundo, uma vez que as marcas podem ter o papel de máscaras e ornamentos que se endereçam ao olhar dos outros (Le Breton, 2010).

Outro aspecto importante são as transformações corporais realizadas pela população trans: “...corpos pré-operados, pós-operados, hormonizados, depilados, retocados, siliconados, maquiados. Corpos inconclusos, desfeitos e refeitos, arquivos vivos de histórias de exclusão” (Bento, 2006, p.19). No Brasil, há uma escassez de dados sobre essas pessoas. No entanto, uma pesquisa, desenvolvida pela Faculdade de Medicina de Botucatu da Universidade Estadual Paulista (UNESP), entrevistou 6 mil pessoas em 129 municípios de todas as regiões do país, chegando proporcionalmente ao número de 3 milhões de pessoas transgênero ou não binárias no Brasil (Agência Brasil, 2021). Nos Estados Unidos, o número de jovens transgênero quase dobrou, segundo pesquisas de saúde do governo realizadas entre 2017 e 2020, havendo busca por cirurgias e hormônios, mesmo em pessoas menores de idade (Uol, 2022).

No Brasil, pelo menos 12 estados tiveram um aumento de 300% no uso de nome social em documentos e registros escolares pela população transexual e travesti. Entre os anos de 2012 e 2021, mais de 15 mil alunos da rede pública de ensino registraram os nomes sociais pelos quais queriam ser reconhecidos nas escolas. Este levantamento foi realizado pela CNN a partir de dados das Secretarias Estaduais de Educação (CNN BRASIL, 2022). Mesmo sabendo que jovens adolescentes trans não podem iniciar procedimentos como hormonização sem o consentimento dos pais (e mesmo assim, somente após completarem 16 anos), muito menos qualquer tipo de cirurgia de readequação de gênero, instala-se uma relação de desconforto com o corpo na maioria dos casos. Diante do exposto, nota-se como o corpo está em questão na contemporaneidade. Considerando o contexto social do Brasil e as diversas formas de modificações corporais que vem se expandindo, torna-se fundamental uma melhor compreensão desses fenômenos.

Outros autores, como Santos e Zanotti (2013), destacam que o corpo está em cena nos dias de hoje, havendo uma espécie de idolatria e uma forte estimulação às intervenções corporais. Nesse contexto, os procedimentos estéticos e cirurgias plásticas que visam ao alcance de um ideal de beleza, vêm se expandindo. Nos dias atuais, a cirurgia plástica é uma das áreas mais lucrativas da medicina, acompanhada da dermatologia. Os dados retirados da Revista Veja (abr. 2008) expõem que, entre os anos de 1980 e 2007, o número de cirurgias plásticas se elevou a mais de 100%. Os números apontam que entre os procedimentos com maior aumento estão a lipoaspiração, ficando em seguida os procedimentos de prótese mamária, *lifting* e rinoplastia (Mattos, 2009). Na contemporaneidade, as cirurgias plásticas se popularizaram a ponto de serem consideradas como mais relevantes do que as cirurgias reparadoras. A Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica estima um aumento de 177% de

procedimentos feitos no Brasil entre 2008 e 2018. Os dados indicam que adolescentes realizaram cerca de 115 mil cirurgias plásticas por ano, havendo uma tendência de crescimento destes números (The Intercept, 2022).

Há uma busca por uma perfeição estética que afeta principalmente os adolescentes que tentam alcançar um padrão ideal de corpo. Lira *et al.* (2017) apontam que a internalização do padrão do corpo “ideal” acaba por modificar atitudes e comportamentos e está associada à insatisfação do próprio corpo. Para estes autores, a imagem corporal na adolescência é influenciada por muitos fatores, mas principalmente pelos pais, amigos e pelos meios de comunicação (mídia), sendo este último o mais pervasivo nas influências. Ademais, a insatisfação em relação a imagem corporal é mais frequente no sexo feminino: “Parece haver um ‘descontentamento normativo’, que é uma generalização da insatisfação com o peso e as formas corporais, entre as mulheres” (Lira *et al.*, 2017, p.168). O ideal de corpo está presente desde muito cedo, mas na adolescência pode ser intensificado trazendo ao jovem insatisfação e sofrimento em relação ao próprio corpo.

A ausência de variedade de tipos de corpos como padrão de beleza sugere que existe uma única representação do que é considerado bonito e uma relutância em aceitar a diversidade. Muitas pessoas aspiram a se conformar com essa norma, como um pré-requisito para serem socialmente aceitas. A valorização da magreza se tornou uma norma cultural, deixando de lado aqueles que não se encaixam nesse estereótipo. A mídia desempenha um papel importante ao promover e popularizar métodos para alcançar o “corpo ideal”, enquanto a indústria da beleza cria desejos e fortalece certas imagens, transformando o corpo em um objeto de consumo (Lira *et al.*, 2017). Segundo Zorzan e Chagas (2011):

O discurso da publicidade propicia a ilusão de o sujeito alcançar o corpo ‘perfeito’ através de dado produto ou dada técnica que promete ao sujeito atingir a completude de forma imediata, como no narcisismo primário, em que impera o eu ideal caracterizado pela onipotência de o bebê imaginar que tudo pode, sobretudo no que tange à realização do seu desejo, o qual imagina que pode ser realizado imediatamente. (p.179)

Ainda, conforme os autores, o ideal de eu impõe ao sujeito a tarefa de alcançar um corpo considerado atraente conforme o que é estabelecido socialmente. Sabemos que para a psicanálise, o sujeito se constitui a partir de um modelo, o qual é um ideal almejado de se alcançar e que visa a retomada do narcisismo original perdido. Este modelo corresponde ao ideal de eu e é mediado pela idealização dos primeiros objetos de amor, por seus substitutos e pelos ideais coletivos. Desse modo, seguir o ideal de eu se torna uma determinação imposta

pelo Supereu ao eu. Há uma sensação de satisfação quando o eu está de acordo com o que o ideal de eu propõe. Por outro lado, o sentimento de culpa e inferioridade estão presentes quando há divergências entre as instâncias, isto é, quando o sujeito não se reconhece nos ideais sociais de padrões de beleza.

Além disso, as redes sociais estão em alta, assim como o culto à imagem. Diante disso, os recursos conhecidos como “filtros” são muito utilizados. Estes filtros são ferramentas digitais que distorcem a imagem da pessoa. Através de edições eles modificam narizes, preenchem lábios, aumentam os olhos, alteram o tom da pele e o formato do rosto. Tais filtros se relacionam com a demanda por procedimentos estéticos, uma vez que as pessoas apresentam sua imagem editada como modelo para o procedimento (The Intercept, 2022).

No Instagram, uma plataforma predominantemente voltada para conteúdo visual, criam-se impressões por meio de imagens e vídeos, utilizando ferramentas técnicas de edição, seleção e aprimoramento de imagens. Essas ferramentas permitem ajustes na cor, resolução, enquadramento, iluminação, entre outros aspectos. Também existem aplicativos auxiliares que se assemelham a editores profissionais, como o *photoshop*, e oferecem a capacidade de ajustar de maneira minuciosa os contornos do rosto, do corpo, as dimensões, os planos de fundo e eliminar quaisquer elementos indesejados, tudo com um nível de controle muito mais aprimorado (Almeida, 2022). Frequentemente, as alterações nas imagens de corpos e rostos por meio de efeitos, filtros e edições não são identificadas pelos outros usuários, levando-os a se compararem com imagens distorcidas e, conseqüentemente, influenciando as suas próprias percepções de si mesmos. Almeida (2022), ao entrevistar adolescentes a respeito do uso de filtros nas redes sociais, destaca o relato de uma jovem que disse ter medo de usar excessivamente os filtros a ponto de não se reconhecer mais no espelho.

Assim, frente à valorização do corpo ideal, muito difundida atualmente, há uma dificuldade em lidar com imagem corporal modificada e a nova imagem refletida. Neste contexto, o adolescente é atravessado pelas influências culturais relacionadas a um ideal de corpo magro e versátil. Logo, as modificações corporais realizadas podem ser uma tentativa e uma via para o adolescente enfrentar as angústias e o sofrimento diante de seu novo corpo, assim como um meio de constituir seu lugar na sociedade (Santos; Zanotti, 2013).

Vilhena *et al.* (2015) afirmam que o hábito dos sujeitos realizarem práticas de modificações corporais é milenar, havendo a realização de tatuagens, escarificações, *piercings*, alargadores e outros ritos de passagem ao longo da história. Desse modo, nota-se que o corpo sempre desempenhou um papel simbólico e social em diferentes culturas

humanas e, na atualidade, não é diferente: o corpo adquire um estatuto essencial na construção de identidades. Apesar das práticas de marcar o corpo sempre existirem ao longo da história humana, suas significações passaram por diversas mudanças no decorrer do tempo, variando também de uma sociedade para outra.

A ênfase atribuída pela sociedade contemporânea aos procedimentos de cuidado com o corpo parece dizer sobre novos processos de subjetivação. Se os métodos de subjetivação estão cada vez mais centrados na dimensão corporal, o corpo estaria, conseqüentemente, adquirindo uma posição crucial como suporte fundamental para a construção da história subjetiva. As práticas de marcação corporal na atualidade, além de indicarem uma crise na capacidade de representação, podem ser entendidas como uma estratégia para auxiliar na inscrição psíquica, reafirmando o pertencimento do indivíduo em uma sociedade saturada de imagens e carente de palavras. Não surpreendentemente, esse registro corporal também precisa deixar sua marca no mundo virtual. Nesse contexto, o uso de plataformas de mídia social pode ser visto como um apêndice da memória, tanto para o indivíduo quanto para os outros (Vilhena *et al.*, 2015).

Para Fontes (2004), os considerados pacientes atuais que se apresentam nos consultórios clínicos se caracterizam por dificuldade associativa extremamente profunda. Nestes casos, o que está em questão é a ameaça à existência, ou seja, o medo de perder o senso intrínseco de existir. Além disso, são casos marcados pela busca difusa de uma organização egóica que ficou impossibilitada precocemente.

Muitos psicanalistas vêm procurando alternativas para compreender essas questões das modificações corporais. Por exemplo, em relação às intervenções corporais em pessoas trans, Jorge (2017) propõe se tratar de uma epidemia histórica. Costa (2002), como vimos, propõe a ideia de que as tatuagens e as escarificações são uma tentativa de reconstituição das bordas corporais. Quanto ao *cutting*, Bernal (2019) aponta ser uma prática associada a uma função defensiva frente a um sofrimento psíquico e a um excesso pulsional, articulada a um modo de solicitar o olhar do outro, pedindo ajuda.

Ainda que haja pontos convergentes entre algumas das colocações desses autores com o que Le Poulichet pondera, há uma grande diferença: Le Poulichet busca compreender estes fenômenos corporais a partir das fantasias psíquicas. Isso nos leva à questão de que a perspectiva do informe poderia contribuir para a escuta psicanalítica dos adolescentes na atualidade, até porque esses sujeitos colocam desafios à intervenção terapêutica pela via da comunicação verbal.

A partir do exposto, vemos que o corpo ascende notoriamente em diferentes âmbitos, ao receber destaque em fotos, postagens e manchetes nas mídias digitais, redes sociais, consultórios médicos, academias, dentre outros, e, assim, exerce grande influência na constituição subjetiva dos indivíduos, em especial, no período da adolescência. A psicanálise se deparou com diferentes manifestações corporais contemporâneas dos adolescentes, sendo requisitada a se manifestar sobre essa nova realidade na clínica e no campo social. Desse modo, a retomada sobre a dimensão corporal neste período de desenvolvimento é fundamental, considerando possíveis lacunas teóricas e as novas possibilidades de se pensar nos adolescentes que se apresentam na clínica psicanalítica na procura por orientações, diagnóstico ou tratamento. A adolescência é um fenômeno sociocultural que carrega suas particularidades nos modos de sofrimento, na experiência corporal e na autoimagem que o adolescente extrai de seu corpo infantil, o que demanda da psicanálise uma maior compreensão a esse respeito.

O presente trabalho tem como objetivo discutir as contribuições da perspectiva do informe de Le Poulichet, para compreender algumas particularidades da relação dos adolescentes com o corpo na atualidade. Procuramos revisitar a noção de corpo da autora, assim como investigar o percurso da teoria do informe ao longo de sua obra. Além disso, pretendemos abrir espaço para propor algumas questões para novos estudos, visando ampliar a compreensão de algumas formas de sofrimento psíquico que se exprimem no corpo.

Buscamos alcançar os objetivos através de um ensaio teórico no campo psicanalítico, com enfoque na noção de corpo e na teoria do informe de Le Poulichet. Segundo Meneghetti (2011), o ensaio teórico se diferencia por sua abordagem reflexiva e interpretativa, valorizando as mudanças e características qualitativas que ocorrem nos objetos ou fenômenos investigados pelos pesquisadores. O ensaio teórico faz contraste a uma racionalidade baseada na calculabilidade, na relação de causa-efeito e na forma classificatória da ciência, baseada no modelo tradicional positivista. Trata-se de um modo diferente de produção de conhecimento que acompanha reflexões críticas. Ainda conforme o autor:

Os ensaios são muito utilizados na área das ciências sociais. Grande parte dos cientistas sociais, políticos e sociólogos utilizam-se da forma ensaística para produzir reflexões sobre os acontecimentos mais relevantes da sua época. (Meneghetti, 2011, p. 321).

Nesse contexto, investigamos e analisamos como a perspectiva do informe pode lançar luz sobre as questões corporais dos adolescentes na atualidade, através da investigação de artigos e livros da autora que abordam a temática.

Esta dissertação conta com quatro capítulos. No capítulo 1, realizamos uma aproximação inicial sobre o trabalho da autora, trazendo algumas informações sobre seu percurso teórico. Neste capítulo, foram abordados diversos trabalhos, de modo cronológico, para identificar o que se manteve no trabalho de Le Poulichet e o que se alterou ao longo do tempo, trazendo os avanços teóricos sobre os fenômenos corporais. No Capítulo 2, apresentamos as noções centrais da teoria do informe, abrangendo a origem do fenômeno do informe e os processos a ele relacionados. No Capítulo 3, são feitas considerações sobre os trabalhos em que Le Poulichet fala especialmente sobre a adolescência, apresentando novos conceitos que interligam a teoria do informe à clínica da adolescência. Ademais, abordamos sobre alguns distúrbios alimentares, além de ilustrações clínicas da própria autora. Por fim, no Capítulo 4, discutimos sobre os processos criativos, a travessia do informe e o papel do analista nesta clínica. Além disso, realizamos aproximações entre a teoria do informe e algumas questões corporais atuais da adolescência.

Capítulo 1

Primeiras aproximações do pensamento de Sylvie Le Poulichet

Sylvie Le Poulichet é uma autora pouco estudada no Brasil. Por isso, pensamos que seria interessante mostrar ao público brasileiro a potência de seu trabalho. Ela possui poucos trabalhos traduzidos para o português, o que dificulta o acesso a sua obra para o público brasileiro. Dentre estes trabalhos estão o livro *O tempo na psicanálise* (1994/1996)¹ e dois capítulos de livros. Um desses capítulos é denominado *A ruptura do silêncio*, que se encontra no livro *O silêncio na psicanálise* de Juan David Nasio (2010). O outro se intitula *O conceito de Narcisismo*, presente no livro *Lições sobre os 7 conceitos cruciais da psicanálise* (2017), de Nasio também.

Le Poulichet estudou na Faculdade de Ciências Humanas e Clínicas da Universidade Paris 7, onde Jean Laplanche fundou o laboratório de psicanálise. Em 1981, ela foi orientanda de Pierre Fédida em sua tese de doutoramento, a qual resultou em seu reconhecido livro *Toxicomanies et Psychanalyse: les narcoses du désir* (1987)². Este livro teve o prefácio escrito por Nasio, com quem Le Poulichet parece ter estabelecido uma parceria intelectual.

Para além destes trabalhos mencionados, outros livros da autora, não traduzidos, mas que representam seu percurso teórico são: *Les Addictions* (2000), *Psychanalyse de L'informe: dépersonnalisations, addictions, traumatismes* (2003), *Les chimères du corps: de la somatisation à la création* (2010a) e *Les poétiques du corps* (2018a). Alguns dos principais temas dos trabalhos dela são: o tempo, os sonhos, as toxicomanias, anorexia, bulimias, o informe e as compulsões.

Le Poulichet é professora aposentada de Psicologia Clínica e Psicopatologia do Departamento de Estudos Psicanalíticos da Universidade de Paris, a antiga Paris 7. Além disso, foi orientadora de teses na Escola de Doutorado “Pesquisas em Psicanálise e Psicopatologia” e integrante do Laboratório do Centro de Pesquisas Psicanálise, Medicina e Sociedade (CRPMS).

A autora, apesar de situar seus trabalhos no campo psicanalítico, conversa muito com a fenomenologia e faz diversas interlocuções com autores da filosofia, como Merleau-Ponty e Friedrich Nietzsche. A noção de corpo é central em seus estudos, sendo explorada em temas

¹ Traduzido por Lucy Magalhães, Editora Zahar: Rio de Janeiro (1996). Título original: *L'œuvre du temps en psychanalyse* (1994).

² Este livro foi traduzido para o espanhol como *Toxicomanías y psicoanálisis: La narcosis del deseo*.

como toxicomania, bulimia, anorexia e os fenômenos do informe. Seus artigos são fundamentados pela experiência clínica, apresentando casos que ilustram como a dimensão corporal se manifesta na prática psicanalítica.

Embora a teoria do informe tenha sido elaborada apenas em 2003, em *Psychanalyse de L'informe: dépersonnalisations, addictions, traumatismes*, trabalhos anteriores já esboçavam ideias que parecem ter sido a base para essa perspectiva. Assim, revisaremos alguns desses textos para entender a evolução de sua concepção de corpo ao longo do tempo e como ela pode nos ajudar a compreender os fenômenos contemporâneos vividos por adolescentes. Vamos abordar alguns de seus postulados principais para compreender qual é o corpo que Le Poulichet está discutindo.

1.1 O corpo em excesso: lugar psíquico para acontecimentos

Em 1987, no livro *Toxicomanías y psicoanálisis: La narcosis del deseo*³, Le Poulichet dedica alguns capítulos para falar sobre o corpo, como em: “Del cuerpo engendrado por la operación del farmakon”⁴ e “Estatuto del cuerpo y del tóxico en el trayecto freudiano”⁵. Neste livro, a ênfase sobre a questão corporal se deu no campo das toxicomanias. Le Poulichet (1987/2019) cunha a noção de um “tóxico” como uma “não substância”. Esta não substância se refere à ideia de uma toxicomania sem drogas ou substâncias químicas, em que o tóxico, na verdade, é o excesso narcísico não simbolizado. Na ausência do tóxico, ocorre um desvalimento frente a um excesso de excitação que precisa ser ligada, devido a um aumento intolerável das tensões. O corpo, ao invés de modelar-se nas cadeias de significantes, requisitará a restituição de um órgão para ligar as excitações (Galvão, Bocchi, 2023).

Assim, a excitação excessiva, por não encontrar seus representantes, se deposita sob o corpo. Para a autora, o corpo tem um papel importante nas toxicomanias, uma vez que, terá a função de ligação destas excitações, na ausência de uma cadeia de significantes e de um trabalho de ligação feito pelo eu. Desse modo, o tóxico ao qual Le Poulichet (1987/2019) se refere é o excesso pulsional e o corpo aparece aqui como uma ancoragem para este excesso.

Alguns anos depois, em *O tempo na psicanálise* (1994/1996), Le Poulichet dá ênfase ao corpo constituído por figuras, as quais resultam das forças pulsionais e das identificações

³ Utilizaremos neste trabalho a versão traduzida em espanhol do livro *Toxicomanies et Psychanalyse: les narcoses du désir*.

⁴ Do corpo engendrado pela operação do *farmakon*. (Trad. nossa)

⁵ Estatuto do corpo e do tóxico no trajeto freudiano (Trad. nossa)

primárias. Para a autora, o corpo é figurativo, isto é, envolve uma dinamicidade, com constantes transformações e passagens a acontecimentos psíquicos.

O conceito de figurabilidade pode ser definido, inicialmente, em oposição ao conceito de representação psíquica. As figuras são composições intercambiáveis que derivam da força pulsional e instauram montagens instáveis, não necessariamente fixadas por imagens. A figurabilidade se aproxima da elaboração progressiva de experiências afetivas primárias que envolvem a composição dos órgãos dos sentidos e a integração da experiência no intervalo temporal. Sendo assim, trata-se de ritmos e sequências (falas, relatos de sonhos, silêncios) que se ligam a elementos aparentemente heterogêneos e anacrônicos. Conforme seus apontamentos da autora:

O termo ‘figura’ deveria aqui explicar uma atuação do tempo na imagem: lugar de passagem, ações de passar, depois de ligar, em e pela figura. No campo dos sonhos, as coisas não são para si mesmas nem para alguém, mas elas organizam passagens; e o próprio objeto da figuração não é uma coisa, mas o laço de uma coisa com a outra. O sonho não é em nada uma cópia louca ou fantasística do real deformado pelo desejo; ele dá, antes, olhar ao que não se pode ver: ele dá figura aos laços. O corpo pulsional jogado em figuras não é simples ‘imagem do corpo’.
(Le Poulichet, 1994/1996, p. 45)

Assim, a distinção entre as “figuras” e as “imagens” está relacionada à dimensão do tempo. As figuras, para a autora, parecem ter um aspecto mais dinâmico e se associam às transformações que são afetadas pela passagem temporal. Percebemos que para Le Poulichet, a concepção de figura e imagem está ligada a uma transitoriedade e não a uma imagem fixa e plástica. A autora deixa claro que compreende o corpo em sua dimensão pulsional, o que vai além do corpo imagético (Galvão; Bocchi, 2023).

O tempo identificador, também é uma noção que aparece nesse trabalho de Le Poulichet. Ele é um tempo que abre a possibilidade para que um acontecimento psíquico possa ser vivido como uma experiência temporal, que não se limita a apenas uma identificação com a imagem. O tempo identificador se relaciona ao trabalho de análise, onde ocorrem novas repetições que dão lugar à composição de objetos e lugares pulsionais através de associações livres, dos sonhos e do *acting out*. Essas composições perpassam o sujeito gerando transformações e dando lugar ao corpo de um novo modo. Gera-se, desse modo, a possibilidade de emergir uma figura ou palavra nova, nunca vista ou pronunciada antes. Aqui, compreende-se o tempo identificador como “um trabalho de elaboração das oposições recíprocas (o dentro e o fora; presença e ausência) correlativo a um processo de destacamento

e de identificação mútua dos objetos internos e externos” (Le Poulichet, 1994/1996, p.14). Estes elementos são retomados em 2003 na teoria do informe, na qual os quadros são marcados por uma ausência de limites entre o dentro e o fora, o interno e o externo, a morte e a vida, dentre outros paradoxos.

A ideia de dar um *lugar para um acontecimento psíquico* coincide com as identificações que *dão lugar* ao corpo. Le Poulichet lembra que “*ter lugar* significa acontecer, realizar-se ou produzir-se, e não permanecer imóvel no espaço” (1994/1996, p. 16). Portanto, *lugar do corpo*, expressão recorrente em seu texto, é indissociável de processos ativos e organizados no tempo – por identificações. Segundo a autora, os lugares do corpo são como lugares de ressonância e não devem ser confundidos com a noção de espaço, isto é, de “*ter lugar*”.

Le Poulichet (1994/1996) fala também de um corpo cuja superfície mantém um *devenir* instável. Um corpo que não está, mas que “se torna” por meio de composições e justaposições, seja na análise ou no sonho. Ela aponta a possibilidade do sujeito vivenciar o instante catastrófico, fenômeno no qual o corpo fica precipitado no imediato, não se inscrevendo no tempo, colocando o efeito de subjetivação em jogo. Esse corpo se defronta com um buraco onde poderia desaparecer. Veremos adiante que essas noções de um *devenir*, de superfície instável, assim como esse buraco no qual o corpo se depara correndo o risco de desaparecer, servirão de base para a teoria do informe proposta em 2003. Ademais, no ano de 1994, a autora já falava de um trabalho de composição de figuras no corpo realizado a partir do trabalho dos sonhos e da análise, ideia que será retomada em 2015 com ênfase nos casos de adolescentes.

Vemos também que Le Poulichet (1994/1996) fala de um corpo pulsional marcado pelo processo figurativo. Diante disso, ela traz a noção de um corpo em excesso, como destacado na seguinte passagem: “esse corpo fica em excesso, fica sendo o excesso ou o “demais” a cada instante. É precipitado no excesso que cada instante se torna” (p.81-82). Esse excesso se relaciona a um aspecto traumático que pode ser pensado na questão temporal, não havendo lugar para o acontecimento psíquico e, conseqüentemente, não havendo lugar para o corpo. Como coloca a autora, há uma falta de historicidade que gera um tempo que não passa e uma excitação que se manifesta como um excesso em errância que não é integrável à dimensão corporal.

Este sentido de um *corpo como excesso* pode ser descrito, de forma aproximativa, como uma estrutura imanente a um contingente de excitações, energia em estado livre (“não ligado” psiquicamente) e que pode abrir espaço para aquilo que ainda não existe na realidade

material (Galvão; Bocchi, 2023). Segundo Le Poulichet (1994/1996): “O que não cessa investe diretamente uma figura do corpo, organizando um tempo que não passa ou realizando em ato um *devoir* circular” (p. 40). Esse *devoir* circular diz sobre uma repetição de um tempo que não passa, gerando “abismos temporais” (p.40). Para Le Poulichet, essas características são marcantes nos casos de toxicomanias, bulimias, anorexias e em alguns episódios somáticos. Para ela, a análise é uma saída para pensar o corpo como uma elaboração temporal que advém de experiências de diferenças e de repetições, possibilitando que o desejo seja colocado novamente em movimento. Os processos psíquicos, de natureza endossomática ou transferencial, se constituem como uma forma de dar corpo ao desejo. Esta aceção que liga o corpo ao desejo mostra a influência dos estudos de Lacan no trabalho da autora, que já havia afirmado alguns anos antes que “a imagem do corpo fornece o quadro das inscrições do desejo do outro” (Le Poulichet, 1987, p.61). Vemos, em seu pensamento, que o corpo parece ser um *locus* privilegiado para a emergência de processos psíquicos, do desejo, da força pulsional e de eventos temporais.

Le Poulichet (1994/1996) retoma que, para Freud, a pulsão é fronteira, isto é, se situa entre o somático e o psíquico, fronteira instável. Ela aponta que a pulsão não existe em um espaço, mas em um tempo de passagem, o qual não fica no passado. A pulsão seria responsável pelo tempo de passagem da fronteira, a qual é sempre renovada, uma vez que: “ela não existe em si mesma como uma entidade psíquica autônoma e constituída” (Le Poulichet, 1994/1996, p. 50). Para a autora, o sonho é como um intérprete das pulsões na esfera das figuras, sendo que os representantes não são fixos, estão em movimento e em metamorfose. Desse modo, assim como a pulsão é definida como limite entre o somático e o psíquico, o sonho seria um “trabalho de autofiguração e de composição do pulsional nas redes significantes do desejo” (Le Poulichet, 1994/1996, p. 51)

No sonho, as etapas de transformação ocorrem na própria ação de sonhar. Este processo gera figuras que geram uma potência para o olhar. Há, portanto, uma não linearidade, uma ausência de uma marcação temporal de passado, presente e futuro. Segundo a autora, o tempo nos sonhos atua fazendo passagens, as figuras correspondem às composições significantes que captam e ligam excitações, elas não são imagens constituídas. Essas figuras são fruto das manifestações pulsionais e organizadas a partir da polissemia presente na linguagem. O tempo no sonho é, na realidade, marcado por transformações, trocas, simultaneidades e sucessões. Neste sentido:

Esse é um tempo fora de toda representação do tempo, que produz superfícies em *devir* instável, nem internas nem externas, mas desenhado laços entre as duas. E, precisamente, o corpo pulsional não está fora nem dentro; ele atualiza uma série de percursos das excitações entre o corpo e o mundo, entre os objetos destacáveis dos corpos. Assim, *o corpo pulsional se torna aqui quadro instável*, onde se pinta o “fora do dentro” e o “dentro do fora”. (Le Poulichet, 1994/1996, p.46. Grifos nossos)

Ademais, os sonhos aparecem como um elemento fundamental, uma vez que eles oferecem um lugar de figuração aos encontros enigmáticos, “que manifestam a verdadeira singularidade da composição pulsional de um corpo” (Le Poulichet, 1994/1996, p.49). Os sonhos, processos de criação e o sintoma neurótico como formação de compromisso são instâncias de representação não necessariamente imagética: “Obras, sonhos e sintomas aparecem como ocasiões heterogêneas de dar corpo e margem ao excesso pulsional pela metamorfose e pelo anacronismo” (1994/1996, p. 109-110).

Compreendemos que o sonho é como um modo de colocar o corpo pulsional e suas transformações em figuras. Além disso, os sonhos criam a possibilidade de um tempo novo no processo analítico, mais especificamente como coloca Le Poulichet – tempo de composição na análise. Neste tempo, ocorre um encontro de figuras insólitas, fragmentos de lembranças e de novos laços associativos com o enigma. Esses elementos irão resultar em um tempo de decomposição de outros sonhos e acontecimentos psíquicos irão encontrar-se com esses enigmas, buscando fornecer uma resposta. Estes tipos de sonhos marcam os *devires* pulsionais de uma nova forma na história da transferência. Através destes sonhos ocorre um tempo da travessia de planos de identificações. Ao que parece, as formações oníricas, os processos criativos e os sintomas neuróticos poderiam gerar repetições novas e elas põem em jogo a *construção de lugares de corpo*.

Vemos que o corpo é feito de figuras que o compõem, através de montagens instáveis, podem ser refeitas, mudadas, transformadas. Parece-nos que esses fatores que marcam o trabalho de figurabilidade resultam no que Le Poulichet chama de composição corporal, na qual as figuras operam em sua dinamicidade. Há outros autores que falam da questão da imagem corporal de outro modo, a relacionando com a representação mental. Para Nasio (1995), por exemplo, a imagem tem um caráter organizador. O ideal do eu resulta da relação do eu com a imagem pregnante, ou seja, os fragmentos de imagem que o sujeito reconhece no semelhante, sendo por meio desta relação que esta instância se estabelece. Nasio trabalha com uma concepção forte de imagem e com a ideia de um corpo como imagem, o que pode ser pensado como um corpo representado. A perspectiva que parece prevalecer nos textos de

Nasio é do corpo imagético, enquanto Le Poulichet fala de um corpo marcado pelo excesso e pelo trabalho da figurabilidade/figuração (Galvão; Bocchi, 2023). Para a autora, “o corpo que se elabora no tempo não recobre exatamente o corpo no espaço” (1994/1996, p. 21). O corpo está no intervalo, na precipitação de presenças (traços, fragmentos sensoriais, cenas, imagens, ritmos) sobre um fundo de ausência - o corpo está e não está.

No trabalho de figurabilidade, diversas montagens são construídas, sendo este um recurso para o que ela cita como diferentes formas de composição: composição pulsional, das figuras, composição dos objetos e do fora e do dentro (Le Poulichet, 1994/1996, p.21-48). Veremos adiante que estas parecem ser a raiz para a ideia de composição corporal, descrita pela autora em mais de vinte anos depois, em 2015.

Compreendemos que a questão da imagem do corpo, em Le Poulichet (1994/1996), encontra-se na releitura que ela realiza a partir das noções psicanalíticas de corpo e de trauma. Através de um retorno à teoria pulsional freudiana e aos conceitos de Freud, como autoerotismo, narcisismo, eu corporal e identificação *primária*, ela formula o que poderíamos chamar de *corpo como excesso* (Galvão; Bocchi, 2023).

1.2 O corpo e suas dimensões: der Leib e der Körper

Antes de compreender sobre a teoria do informe propriamente dita, vale destacar algumas ideias da autora a respeito da concepção de corpo que estão presentes nesse trabalho. Le Poulichet define a noção de *corpo-cavidade* se baseando em Georges Arthur Goldschmidt, que segue a linha de pensamento de Husserl. Goldschmidt, segundo a autora, destaca a existência de dois termos alemães para nomear o corpo: “*der Leib*” e “*der Körper*”. O primeiro termo, diz respeito a um corpo carnal, usado para se referir a um corpo como cavidade, corpo oco ou corpo receptáculo. Ademais, a expressão “*in dem Leib*” pode ser traduzida como “no seio materno”, uma vez que “*Leib*” vem de “*das Leben*”, que significa “a vida”. Por outro lado, a expressão “*der Körper*” possui um amplo campo semântico que vai desde um corpo orgânico a um corpo funcional, o corpo constituído. Vemos algo semelhante no trabalho de Maria Helena Fernandes (2011). Para ela o corpo como *Körper* corresponde ao “corpo real, objeto material e visível que ocupa um espaço e pode ser designado por uma certa coesão anatômica” (p.10-11). Ainda conforme Fernandes (2011), o corpo é também *Leib*, isto é, um corpo que contém uma substância vívida e que comporta o princípio da individuação. Segundo a autora é “O Corpo” (p.11).

A dimensão do *Leib*, ou como Le Poulichet coloca “corpo oco”, tem um grande diferencial se integrada ao investimento narcisista do corpo. Para Le Poulichet, a elaboração do *Leib* ocorre no processo de análise, a partir de figuras advindas de sonhos, sendo elas diversas. Assim, o *Leib* é construído por estas figuras que se apresentam no sonho, mas também em palavras e metáforas que fazem a presença do *Leib* ressoar. Logo:

A análise das fantasias não pode realmente ser realizada sem o trabalho paralelo de construção da "Leib" que engaja a realização de lugares e vínculos, através da figura de cavidades e contornos que ligam a imagem sexual e a especuladora. (Le Poulichet, 2003, p.52, trad. nossa)

Aqui vemos a importância da fantasia na dimensão corporal. A fantasia, juntamente com a elaboração do *Leib*, possibilita que o corpo adquira volume e consistência, conforme aponta Le Poulichet.

Para Le Poulichet, a voz também é um elemento fundamental, de modo que o investimento da própria voz, na relação com um outro, ressoa uma cavidade interna e possibilita a distinção entre corpos, diferenciando-os. Podemos pensar aqui que a voz também faz um jogo de alternância entre ausência e presença, isto é, entre a palavra e o silêncio e a palavra dita pelo outro e por si mesmo. Isso leva a pessoa a se reconhecer em sua alteridade, identificando os sons que vem dela (interno) e os sons do outro (externo). Essa diferenciação entre corpos é frágil no fenômeno do informe. Por isso, Le Poulichet destaca que na análise deve ser realizado um trabalho de separação dos corpos.

A voz possibilita a articulação entre o interior e o exterior e seu espessamento origina uma cavidade no interior abrindo um novo espaço para o “fora”. Aqui podemos pensar também nesse espessamento da voz atrelado a adolescência, onde a puberdade modifica a voz, engrossando-a ou “encorpando-a”. Na adolescência, há uma demanda de uma reconstrução corporal, devido às transformações corporais decorrentes da puberdade e do desprendimento do adolescente das figuras primordiais. Ao adolescente é colocado a demanda de se reposicionar, além de sofrer alterações em sua autopercepção e autoimagem. A voz, então, acompanha esse processo de transformação. O espessamento dela poderia dar lugar a um novo corpo e ao *Leib*, corpo mais consistente ao adolescente.

Para Le Poulichet (2003), na análise seria possível a passagem de um corpo apreendido como plano para um corpo visível e animado pela voz, isto é, o *Leib*. A voz emitida tanto pelo analista quanto pelo paciente atua no sentido de uma separação dos corpos.

A partir disso, de um processo de diferenciação e individualização, o sujeito reconhece seu interior, seu corpo. Segundo Le Poulichet (2003), a voz teria o poder de ancorar o investimento narcísico de um corpo, produzindo uma reversibilidade de um corpo que era sentido como informe, para um corpo com contornos, cavidades e que pode ser erotizável, isto é, um corpo com volume. Conforme a autora, a partir desse processo dá-se “[...] origem a uma fonte de desejo corpo-cavidade em relação ao outro. Nesses momentos da cura, a voz desenvolve um espaço que transforma a relação com o visual” (p.53, trad. nossa). Vejamos como essas ideias se relacionam com a teoria do informe.

1.3 Um corpo instável: limites imprecisos

No informe, o que ocorre é uma identificação narcísica com a imagem de um corpo plano refletida no espelho. A animação corporal que dá vida ao corpo é realizada pelo *Leib* e, quando ocorre uma falha nesse processo, a percepção e a sensação são marcadas pelo informe. Assim, o sujeito percebe o seu corpo e o dos outros como corpos planos, sem contornos e sem volume. Quando o corpo oco é investido, isto é, há o *Leib*, o corpo passa a ser percebido com vivacidade e volume. Ademais, a sensação de continuidade de existência não é mais ameaçada. Desse modo, o sujeito tem uma mudança em relação a sua percepção e ao modo de se relacionar com o mundo e com os outros. Há nesse processo, a sensação de uma segurança de permanência. Desse modo, segundo Le Poulichet (2003), um corpo que não é percebido como cavidade, não é capaz de dar volume à imagem refletida no espelho.

Na constituição da imagem especular, é importante que haja um trabalho dos objetos primordiais de reconhecerem e investirem, não só o corpo da criança refletido, mas também o fundo da imagem, os objetos, o local que ela se encontra. Isto gera uma profundidade na imagem refletida e diferencia o corpo da criança do fundo através do reconhecimento de seus limites. São essas condições que possibilitam que uma forma corporal e um fundo exterior sejam separados e articulados. No informe, portanto, está em jogo a dificuldade de diferenciação, provocando um temor de ser desintegrado, aniquilado e de uma sensação de continuidade de existência imprecisa e ameaçada.

No contexto da experiência do espelho, que atualiza e explora as dimensões do vínculo e da separação, é o conjunto desse dispositivo que proporciona o equivalente a uma pele psíquica, protegendo contra a invasão e a desintegração. (Le Poulichet, 2003, p.56)

Parece-nos que esse é o corpo que Le Poulichet trata - o *Leib* - um corpo construído no trabalho de análise e dos sonhos, repleto de fantasias e figuras, considerando aqui a figurabilidade como distinta da noção de imagem atrelada a simples representação. Assim, o trabalho da análise para os casos do informe parece ter como caminho a construção do *Leib*.

O que pretendemos mostrar aqui é a noção de um corpo instável e deformável e das saídas encontradas frente ao fenômeno do informe. Até então, Le Poulichet não havia nomeado o fenômeno do informe e dado a atenção aos casos caracterizados por ele. Vimos que algumas características do informe já estavam presentes nos trabalhos anteriores, mas não de forma sistematizada e conceituada. O corpo como excesso aqui adquire um transbordamento que impossibilita os limites e, agora, fica mais claro no que esse excesso vai reverberar: na sensação de um corpo sem contornos. Antes se sabia que Le Poulichet compreendia o corpo como excesso, marcado por um *devenir circular*, com superfícies instáveis e abismos temporais. No entanto, agora podemos ter mais clareza sobre quais são os efeitos desses aspectos através da teoria do informe e dos casos presentes nessa clínica. Portanto, nossa percepção é que Le Poulichet, em 1994, fala de forma mais ampla sobre o corpo e seus processos, de modo que em 2003 ela parece estruturar novos conceitos, avançando em suas ideias.

No ano seguinte da publicação do livro *Psychanalyse de L'informe*, em seu artigo intitulado como *Traversée de l'informe*⁶, Le Poulichet (2004) se refere a um “corpo extremo”, palavra que remete à noção daquilo que se encontra fora e distante. Como o próprio título do artigo nos diz, esse texto se refere à teoria do informe, isto é, Le Poulichet dá continuidade neste trabalho ao desenvolvimento desta teoria. No entanto, a noção de corpo extremo ainda não havia sido apresentada. Vejamos que elementos novos são acrescentados na teoria do informe e na compreensão do corpo.

Este *corpo extremo* está relacionado às primeiras experiências traumáticas do sujeito. Ele resulta de um processo no qual o contorno do eu⁷ (moi) corporal não se diferencia da invasão que ele sofre, isto é, o eu (moi) corporal acaba coincidindo com uma invasão que vem à tona. Vale retomar a noção de ego corporal, a qual é fundamental para a constituição do eu. Como colocado por Freud (1923/1996): “O eu é, primeiro e acima de tudo um eu corporal, não é uma entidade de superfície, mas é, o próprio eu, a projeção de uma superfície” (p. 39).

⁶ Travessia do informe (Trad. nossa).

⁷ A autora, a partir de Lacan, faz a distinção entre sujeito do inconsciente (Je) e sujeito do imaginário (moi).

Segundo Fontes (2011), o eu corporal é condição para que ocorra o nascimento psíquico e para a construção do processo de simbolização primária, que se origina pelo corpo. Fontes (2011) destaca, então, que a diferenciação entre o eu e o não-eu se dá a partir do corpo, que contém os conteúdos físicos, servindo de referência ao eu sobre como conter os conteúdos psíquicos:

As angústias impensáveis, como diria Winnicott, de liquefação, de explosão e de queda sem fim vão precisar, inicialmente, da certeza de um corpo que as contenha. Há a necessidade de se sentir envelopado, de início pelo corpo da mãe e depois, entre outros fatos, pela sensação de tubos digestivos que garantam uma continuidade interna. Uma experiência corporal que garanta a continuidade de existir é condição necessária no enfrentamento da diferenciação eu/não-eu. (Fontes, 2011, p.84)

A partir dessa passagem, notamos semelhanças destas colocações com as de Le Poulichet no que se refere às sensações iniciais do bebê, que ainda não tem um eu corporal consolidado. No fenômeno do informe, a autora traz essas características de um corpo impreciso que não é consistente, podendo ser percebido como líquido, um corpo que transborda e que cai em um vazio, tendo sua existência ameaçada. Ademais, há no informe a falha na delimitação de contornos e da diferenciação do corpo em relação ao mundo externo. Assim sendo, haveria no informe uma retomada dessas angústias iniciais, vividas como experiências traumáticas, e como Le Poulichet (2004) coloca, baseando-se em Winnicott, havendo a ameaça da continuidade de existência.

Para Fontes (2011), que se baseia em um olhar winnicottiano, é através da experiência corporal de continência, oferecida pela mãe em seus cuidados maternos, que o sujeito irá se perceber como um recipiente. Isto é, ele se perceberá dotado de um interior e, assim, poderá distinguir o eu do não-eu, compreendendo o que é ele e o que é o outro ou o exterior. Podemos pensar assim, na importância desses primeiros cuidados para a construção de um corpo consistente que não fique sujeito às ameaças do informe.

De acordo com Le Poulichet (2004), no informe o eu (moi) corporal sofre uma invasão, ao mesmo tempo em que se identifica com esta. Os limites imprecisos não possibilitam compreender e delimitar o que é o invasor e o que está sendo invadido, uma vez que há uma confusão entre o interno e o externo. As excitações invadem sem restrições, barreiras ou limites, ou seja, falta algo que as contenham. Diante disso, a ausência de delimitação do eu (Je) gera dúvidas relativas à inscrição e permanência de uma forma corporal. O sujeito fica, então, indefeso diante deste perigo que não consegue reconhecer e

nem conter. Desse modo, esse corpo informe ou extremo se apresenta como algo desconhecido ao sujeito.

Le Poulichet (2004) aponta que o eu (Je) é condenado ao que está mais distante e informe. Essa distância se relaciona ao extremo, a noção de um corpo que, de tão distante, é experimentado como estranho. Assim:

Este corpo extremo, sem forma, este corpo "mais afastado de você" que não pode ser reconhecido, seria antes de tudo aquele que as primeiras experiências traumáticas trouxeram à tona no meio do susto. (Le Poulichet, 2004, p.57, trad. nossa)

Deste modo, parece que a autora continua a desenvolver e acrescentar novos elementos como a ideia de um corpo extremo, que não pode ser reconhecido e cuja invasão é confundida com o próprio eu (Je). Há aqui, um retorno das primeiras experiências traumáticas que se apresentam de forma disruptiva em uma invasão.

1.4 O envelope corporal: Um processo de individuação

Três anos depois, foi publicado um trabalho de Le Poulichet intitulado como *Scènes originaires, somatisations et créations artistiques* (2007). Neste artigo, Le Poulichet fala de um *envelope corporal*, o qual atribui um volume e consistência ao corpo. A autora aborda sobre as somatizações, trazendo um caso clínico para ilustrar suas considerações. Nesse caso clínico, a dor atua de forma estruturante como um envelope que exerce a função de continência. Le Poulichet se apoia nas ideias de Joyce McDougall e Anzieu, trazendo concepções que merecem destaque para a compreensão do corpo.

Le Poulichet faz referência a Joyce McDougall (1987) falando da noção de *Um corpo para dois*. Segundo Le Poulichet, o corpo para dois se refere ao processo em que a criança assume representações de seus pais de forma indiferenciada de modo que falta uma delimitação entre o corpo da criança e de seus pais. Esse fenômeno está relacionado a uma ansiedade de separação que deixa o sujeito cair no vazio de sua existência. Assim, a evacuação do afeto, também relacionado a falta da representação da cena de amor dos pais, pode gerar formações psicossomáticas, nas quais a cena primitiva pode ficar inscrita na imagem do corpo.

Ao buscarmos a noção de *um corpo para dois* no trabalho de McDougall (1987), entendemos que essa acepção se refere a uma fantasia que une a criança e o objeto primordial

em um. Isto ocorre em todo ser humano, no início da vida, onde o bebê possui grande dependência de sua mãe, havendo uma relação simbiótica entre ambos, como se estes habitassem um mesmo corpo. No entanto, ao longo do desenvolvimento, deve haver uma diferenciação progressiva entre o corpo da criança e a representação do mundo exterior. Portanto, Le Poulichet (2007) parece retomar essa noção para relacioná-la com os casos em que essa falta de delimitação entre corpos não é efetiva, de modo que, pode impactar na vida adulta em um corpo que não é sentido pelo sujeito como um corpo próprio e unificado, que carrega resquícios dessa simbiose com a figura materna.

Ademais, Le Poulichet (2007) menciona a noção "eu-pele" de Didier Anzieu (1989), a qual envolve a ideia de que a fantasia original do masoquismo contém a representação da pele da mãe e da criança em uma figura de união simbiótica entre elas. Em 2003, Le Poulichet já apontava que a introjeção do vínculo com o Outro que se situa atrás do espelho, constitui o fundo da imagem do corpo, traçando contornos duradouros. A criança, diante de seu próprio reflexo e do adulto que direciona sua voz e seu olhar a ela, se percebe em um espaço-tempo onde ela ocupa a posição de ver e ser vista, sustentada em bordas articuladas a um fundo vocal. Neste momento, entrega-se à criança uma espécie de pele psíquica própria que a protege da invasão e da desintegração (Le Poulichet, 2003).

Ao recorrermos ao autor Didier Anzieu (1989), vemos que: “a instauração do Eu-pele responde à necessidade de um envelope narcísico e assegura ao aparelho psíquico a certeza e a constância de um bem-estar de base” (p.44). Ainda conforme o autor, o Eu-pele seria uma representação para o eu da criança. Nas fases iniciais de sua vida, o eu corresponde a um envelope psíquico. O Eu-pele representa a própria criança como o eu e comporta conteúdos psíquicos, frutos da experiência da superfície corporal. Didier Anzieu aponta que o envelope psíquico surge a partir do envelope corporal.

Para Anzieu (1989), a formação do Eu-pele representa uma das etapas essenciais para a transição do narcisismo primário ao narcisismo secundário, bem como do masoquismo primário ao masoquismo secundário. Nesse contexto, surge uma concepção fantasiosa em que ocorre um compartilhamento da mesma pele entre a mãe e o bebê, marcando o momento de simbiose. Ademais, à medida que essa fusão inicial se desfaz, promove-se a autonomia da criança. As vivências compartilhadas entre o bebê e a mãe como ser segurado nos braços, ser acolhido contra seu corpo, experimentar o calor, os aromas e os movimentos maternos, além de ser carinhosamente carregado, manipulado e acariciado ao som de palavras afetuosas, gradualmente orientarão a criança na distinção das fronteiras entre o exterior e o interior. Esse processo conduzirá a criança a perceber a pele como uma fronteira através das experiências de

contato entre seu próprio corpo e o corpo materno. Nesse sentido, a criança irá progressivamente desenvolver a noção de limites entre o que é externo e o que é interno, e também cultivar um sentimento fundamental que garantirá a integridade de seu envelope corporal.

Le Poulichet parece, desse modo, retomar as ideias tanto de McDougall como de Anzieu, reconhecendo a importância das fases iniciais da vida para a construção de uma autonomia corporal e psíquica. No informe, esse processo parece falhar e, por isso, há justamente uma dificuldade em delimitar o corpo, de modo que podemos pensar que a sensação de *um corpo para dois* parece ser retomada, assim como a união simbiótica entre a pele da mãe e da criança. Desse modo, quando há a falha nos primórdios do desenvolvimento infantil, o corpo não consegue se sustentar o suficiente para ter sua independência, consistência e volume. Vemos nesse texto, as influências do pensamento de McDougall e Anzieu para a teoria de Le Poulichet, ressaltando os elementos em comum entre as ideias desses autores. No entanto, o enfoque de Le Poulichet se diferencia ao passo em que ela dá grande ênfase para o período da constituição da imagem especular, como veremos no próximo capítulo. Vejamos, a partir de agora, mais a fundo as características do fenômeno do informe e como está articulado na teoria de Le Poulichet.

Capítulo 2

A teoria do informe em Sylvie Le Poulichet: a constituição do corpo e de sua imagem

Neste capítulo, apresentaremos as noções centrais da teoria do informe, abrangendo a origem do fenômeno e os processos a ele relacionados. Le Poulichet, em 2003, propôs a ideia de uma *clínica do informe*. Essa clínica possui elementos próprios, dentre estes, os processos-limites e os sintomas específicos como: perda temporária da percepção do rosto e dos contornos do corpo e de sensações de auto-absorção ou cadaverização parcial do corpo, além de formações de diversos tipos de compulsões. Segundo a autora, os casos na clínica do informe se apresentam através de falas como: “Tudo é oco, escuro, irreal. Eu caio no vazio, não me vejo mais e meu corpo não tem mais contornos”⁸; “Estou cortada da realidade, em pedaços, sem referência do tempo e do espaço, sem existência”⁹; “Caí em um buraco e deixei de existir”¹⁰; “Já não estou inteiro, não é possível”¹¹. A comunicação verbal desses analisandos apresenta elementos que contêm um caráter fragmentário, sensorial e pouco simbolizado. Nestes casos, há uma falta de um limite mais preciso do eu. Ademais, há um modo de recomposição de um lugar de suporte para o eu que canaliza as pulsões sexuais, mesmo que o eu atue de maneira semelhante à pulsão de morte. Veremos o que Le Poulichet diz sobre os processos-limites e qual é o papel deles na teoria do informe.

2.1 Os processos-limites

Os processos-limites, em uma perspectiva metapsicológica composta por processos pulsionais, são processos transitórios e dinâmicos. De acordo com Le Poulichet (2003):

⁸ Caso de Isabelle, apresentado em *Psychanalyse de L'informe: dépersonnalisations, addictions, traumatismes* (2003, p. 81)

⁹ Caso de Laurance, apresentado em *Psychanalyse de L'informe: dépersonnalisations, addictions, traumatismes* (2003, p. 102)

¹⁰ Caso de uma analisanda apresentado em *Espace-temps corporel et symbolisation* (2018, p.81)

¹¹ Caso de Sophie, apresentado em *Excorporation des morts et identification sexuelle* (2007, p.839)

Os processos-limites têm, assim, a característica de fragilizar qualquer limite, essencialmente entre o fora e o dentro, entre o morto e o vivo, entre o ego e o objeto, entre o somático e o psíquico, entre o masculino e o feminino. Eles podem, então, implementar processos de cruzamento, cruzando fronteiras ou limites. (p.12, trad. nossa)

Essa descrição dos processos-limites de Le Poulichet nos permite fazer uma aproximação com questões que aparecem no período da adolescência, como as escarificações, o *piercing*, as tatuagens e as questões de gênero. Estes aspectos, marcantes neste período, envolvem um jogo entre os elementos citados pela autora. As inscrições feitas na pele, como tatuagens, escarificações e *piercings*, buscam delimitar uma fronteira entre o dentro e o fora, considerando a pele como um órgão que envolve o corpo e que estabelece um espaço entre o mundo interno e o externo (Ferreira, 2021). Ademais, no *cutting*, por exemplo, parece haver uma fragilidade no limite entre a dor e o alívio, entre a morte e a vida. Nas questões de gênero, esta fragilidade pode se apresentar entre o feminino e o masculino. Esses paradoxos são característicos da perspectiva do informe e marcam a contradição dos polos opostos como a autodestruição e autopreservação.

Em 2005, no artigo intitulado *L'informe temporel: s'anéantir pour exister*¹², Le Poulichet destaca que no informe ocorre uma certa reversibilidade paradoxal, na medida em que o sentimento de aniquilação é acompanhado de uma sensação repentina de existência. A ideia de morrer, como em algumas tentativas de suicídio, é um alívio frente a uma tensão que emerge sem forma, uma vez que os sujeitos buscam chegar aos limites para se darem forma. Dito de outro modo: “A vida é levada aos limites para ser experimentada” (Le Poulichet, 2005, p.22, trad. nossa).

A clínica do informe está intimamente ligada aos processos-limites que atravessam à vida pulsional e aos respectivos conflitos presentes na relação corpo-psiquismo, que antecedem qualquer esforço de organização psíquica pelo mecanismo do recalque. No entanto, isso não exclui a possibilidade das operações de recalque. Inclusive, estes processos-limites podem se dar a nível de defesa, no núcleo pré-consciente. Considerando a necessidade de uma maior compreensão dos processos-limites e das particularidades dos dispositivos pulsionais e fantasiosos relacionados a eles, Le Poulichet ressalta:

¹² O informe temporal: aniquilar-se para existir. (Trad.nossa)

Trata-se de escutar os modos de enredamento das fantasias sexuais inconscientes com estranhas formas (ou deformações) de imagens do corpo e dos representantes psíquicos de uma obra de morte. (2003, p.14, trad. nossa)

Le Poulichet destaca o processo-limite como algo que não deve ser restrito a uma nosologia e psicopatologia. Notamos ao longo de *Psychanalyse de l'informe*, que ela insiste em preservar a particularidade de cada caso clínico, sugerindo que não se deve colocar as experiências de processos-limites em categorias como “estados limites” ou *borderline*. Na psicanálise, essas categorias correspondem a uma estrutura de personalidade situada no limite entre a neurose e a psicose. Já na psiquiatria, o quadro de *borderline* é descrito como um transtorno da personalidade, presente nos manuais diagnósticos como o CID-10 e o DSM-V. Estes quadros são marcados por: “Um padrão difuso de instabilidade das relações interpessoais, da autoimagem e dos afetos e de impulsividade acentuada que surge no início da vida adulta e está presente em vários contextos” (DSM-V, 2013, p.663).

Atualmente, muitas pessoas recebem este diagnóstico psiquiátrico. Somente no Brasil, há mais de dois milhões de casos de Transtorno *Borderline* registrados anualmente, afetando até 6% da população (Uol, 2022). Le Poulichet pensa diferente: ao tratar dos processos-limites como algo que vai além de quaisquer destas caracterizações presentes em quadros específicos, procura desafiar uma nosologia e psicopatologia que subordinam os processos individuais a categorias descritivas. O que ela traz é uma análise dos modos de alteração que tornam os limites móveis, provocando novas formas inconscientes de identificação. Ela sugere que ao invés de se pensar em termos de *déficits* em uma perspectiva desenvolvimentista, se trabalhe considerando as especificidades dos dispositivos pulsionais e das fantasias que envolvem este cruzamento de limites.

2.2 A origem do informe

A teoria do informe parte da reflexão que Le Poulichet realiza a partir da noção freudiana de *Unheimliche*. Tal concepção torna mais compreensível a estranheza e o inquietante, colocados em jogo no fenômeno do informe.

A autora retoma a anedota autobiográfica de Freud (1919/2010), no texto *O inquietante*, a qual, segundo ela, ilustra uma desapropriação e falta de reconhecimento do próprio rosto. Nessa anedota, Freud descreve a sensação de que há um intruso. No entanto, este intruso corresponde à própria imagem refletida, é uma parte de si que corresponde ao

mais íntimo, mas que ao mesmo tempo, é desconhecido, como um estranho. Segundo Freud (1919/2010), “*Heimliche*” diz respeito ao familiar, doméstico, íntimo e amistoso. O “*Un*”, acrescentado ao início da palavra, traz o sentido oposto, de modo que a palavra “*Unheimliche*” contém uma ambiguidade, carregando duplo sentido. Nesta experiência, o que provoca a sensação de estranhamento é o retorno do recalcado, isto é, o que se manifesta como estranho tem a gênese em algo originalmente familiar que se alienou no processo de recalque. Logo, o estranho corresponde a algo familiar que fora recalcado. Ainda conforme Freud (1919/2010):

Uma experiência estranha ocorre quando os complexos infantis que haviam sido reprimidos revivem uma vez mais por meio de alguma impressão, ou quando as crenças primitivas que foram superadas parecem outra vez confirmar-se¹³. (p.310)

Neste contexto, considerando a sensação de estranhamento presente na noção freudiana, Le Poulichet dá destaque especial ao rosto. Para ela, o rosto é algo que é tão próprio ao sujeito, mas que simultaneamente carrega um aspecto de desconhecimento, já que não é possível ver o próprio rosto. Mesmo ao se olhar no espelho, a imagem é invertida e existem variações entre os espelhos, assim, o que se vê é o reflexo e não o rosto propriamente dito. No entanto, o outro é capaz de vê-lo, o que lhe atribui um certo poder. O rosto traz a noção de que há um intruso em si mesmo. Assim, ela destaca:

Do ponto de vista fenomenológico, o rosto é o lugar do mais rico desvelamento de minhas sensações e de minhas percepções, ao passo que não posso vê-lo diretamente, enquanto ele se oferece tão facilmente à visão do outro. Compreendemos que a figura do outro pode, portanto, ser identificada parcialmente com essa reserva de estranheza mencionada acima: minha estranheza íntima para comigo mesmo, minha própria cegueira para meu rosto - que, além disso, autoriza as qualidades particulares do meu olhar e da minha palavra - e que poderiam tão facilmente ser apreendidas (fantasmaticamente) como uma devolução de poder ao outro. (Le Poulichet, 2003, p.23, trad. nossa)

Há uma certa alienação na relação do sujeito com seu próprio rosto; um rosto que inevitavelmente escapa em suas expressões, mais do que qualquer outra parte do corpo, imprime emoções e deixa vestígios de afetos. O rosto carrega a singularidade da ordem do íntimo, do pessoal e, sobre ele, o outro sabe mais do que eu. Esta é uma fantasia comum, pois

¹³ Nesta citação utilizamos o termo *reprimido*, pois é assim que consta na edição utilizada por Freud.

ao se atribuir tanto poder a este outro, gera-se um “Outro todo-poderoso ou perseguidor”, como coloca Le Poulichet (2003, p.24, trad. nossa). Isto revela uma originalidade da autora, que traz uma nova perspectiva para a compreensão do *Unheimliche*, não se limitando à explicação freudiana acerca do retorno do recaiado.

No ato de olhar-se repentinamente, de ver seu próprio rosto no espelho, sem qualquer preparação, o rosto emerge cru: no absoluto real, sem um prisma imaginário e simbólico. Nesse contexto, Le Poulichet afirma que o fenômeno do informe se manifesta como uma experiência inversa ao estágio do espelho, descrito por Lacan, no qual o sujeito não se reconhece inicialmente na imagem refletida no espelho, mas posteriormente passa a se reconhecer e se identifica com sua própria imagem.

Lacan dirá que o estágio do espelho é um processo de identificação, no qual o sujeito assume uma imagem para si. Em outras palavras, o sujeito assume uma *imago* ou uma representação inconsciente de si. Segundo Lacan (1949): “Basta-nos compreender o estágio do espelho *como uma identificação*, no sentido pleno que a análise dá a esse termo, ou seja, a transformação produzida no sujeito quando ele assume uma imagem” (p. 98). Ele diz:

[...] o estágio do espelho é um drama cujo impulso interno precipita-se da insuficiência para a antecipação - e que fabrica para o sujeito, apanhado no engodo da identificação espacial, as fantasias que se sucedem desde uma imagem despedaçada do corpo até uma forma de sua totalidade que chamaremos de ortopédica - e para a armadura enfim assumida de uma identidade alienante, que marcará com sua estrutura rígida todo o seu desenvolvimento mental. (Lacan, 1949, p.100)

Ao tratar do informe, Le Poulichet está falando de outro processo, que, segundo ela, se manifesta no caminho contrário. No informe, há um temor de um possível apagamento dessa imagem. O sujeito não se identifica da mesma forma com sua imagem especular, havendo o estranhamento¹⁴.

Na leitura que Le Poulichet faz do estágio do espelho de Lacan, o que é refletido no espelho não é apenas a imagem corporal da criança, a qual é investida libidinalmente e reconhecida, mas há também um investimento sobre o campo da realidade. Nesse sentido, todo o cenário que se encontra ao redor do corpo também é refletido e entra nesse dispositivo

¹⁴ Nosso intuito aqui, não é explicar a noção de Estádio do espelho de Lacan e comparar nossa compreensão com a de Le Poulichet acerca dessa noção. Vamos nos deter em descrever como Le Poulichet a compreende e faz suas próprias elaborações teóricas.

especular. Assim, a realidade e o corpo refletido constroem, como aspecto fundamental, a experiência que une o corpo ao mundo no campo visual, como imagens refletidas na mesma superfície, em um mesmo ponto de vista, em uma captura identificatória.

O Outro primordial, que surge no Estádio do espelho, nomeia os lugares e acontecimentos em uma troca de olhares. O discurso constituinte nessa troca de olhares marca a matriz da experiência do rosto, possibilitando um *lugar entre-deux-sujets*, isto é:

É no quadro desse “campo visual” e do lugar de entre-deux-rostos, animado pela fala, que a criança sabe que é o objeto do olhar do outro, inserindo-a nesse campo do desejo e da realidade. A presença do outro, espelha a consistência da presença da criança. Somente nessas condições, a identificação com a “forma” do corpo é “constitutiva”, produzindo transformações como a experiência da “permanência mental do eu [Je]” (Le Poulichet, 2003, p. 34, aspas da autora. Trad. nossa)

A marca dessa forma, do contorno, torna possível um quadro simbólico no qual as imagens se inscrevem, assim como a possibilidade de identificação nas imagens de outros, nas quais o eu (moi) se identifica, diz Le Poulichet. Compreendemos, então, que a origem do informe estaria no movimento inverso, isto é, nos casos em que não há o reconhecimento da criança por este outro. Assim, gera-se a sensação de estranhamento e falta uma identificação de uma forma corporal. Logo, o informe parece ter sua origem na infância, desencadeando consequências futuras, seja na adolescência, seja na vida adulta.

2.3 Terrores e Teorias infantis do informe

A partir desse ponto, vale destacar dois conceitos fundamentais na teoria do informe: os *terrores do informe* e as *teorias infantis do informe*. No primeiro, ocorre um processo que coloca em questão a integridade da imagem corporal, o que resulta em uma sensação de pavor frente a sensação de falta de forma. Le Poulichet (2003) destaca que a origem do estranhamento diante da própria imagem não está no narcisismo primário, mas no pavor dos terrores infantis do informe. Segundo ela:

O encontro com o informe pressupõe a apreensão de um real abaixo de toda mediação: do espelho e da relação imaginária com o semelhante, bem como dos marcos simbólicos que poderiam intervir na relação entre o sujeito e o mundo, pacificando-o. Resta apenas a devolução do poder a esse Outro absoluto, que deixa o sujeito suspenso no terror do informe (p.30, trad. nossa)

Neste sentido, o retorno ao real seria responsável pelo desencadeamento do *terror do informe*, característico de pacientes que chegam às sessões com urgência, após episódios traumáticos. Há um horror no ato de olhar e de ser encarado, especialmente na busca de perceber o próprio rosto no espelho, o que traz muita angústia ao sujeito:

Uma impressão de “olhos limpos e destacados” que se tornaram estranhos e perfuram o espelho, uma fragmentação parcial do rosto e um desfoque de seus contornos ao se aproximar do espelho tornam essa abordagem muito aterrorizante. (Le Poulichet, 2003, p.31, trad. nossa)

Diante disso, Le Poulichet dirá que alguns sintomas aparecem acompanhados desta angústia, como tonturas, tremores e a sensação de que o próprio rosto e o rosto do outro podem ser deformados. É como se houvesse uma perfuração no espelho, uma fragmentação parcial do rosto e um desfoque de seus contornos.

A autora destaca os três elementos que se desfazem parcialmente quando emerge o terror do informe e que correspondem: (1) à imagem do corpo; (2) ao tecido da realidade; e (3) à teia de linguagem que os ordena. Esses aspectos atuam na dimensão da continuidade, no qual o Outro primordial seria o garantidor. Esse fenômeno se associa ao que Le Poulichet (2003) menciona como processo de “especularização”, sendo que o dano causado a este dispositivo despertaria o terror. Aparentemente, ela se refere a um processo que se daria no estágio do espelho, estando associado ao reconhecimento da criança de sua própria imagem e de seus contornos.

No artigo *Traversée de L'informe* (2004), publicado no ano seguinte, Le Poulichet destaca que a falha no processo de especularização gera uma ausência de delimitação do eu (Je), e identificações temerosas, como a identificação com uma parte morta ou com o informe de um outro. É nesse sentido que podemos entender sua ideia de que o terror do informe pode, desde cedo, através de crises “dissolver o ego, distorcer a percepção da realidade e desarticular a linguagem” (Le Poulichet, 2003, p.35, trad. nossa).

Já as *teorias infantis do informe* dizem respeito a uma construção de defesa contra estes terrores. Elas “desenvolvem figuras fantásticas e manifestações perturbadoras que, no entanto, tentam preservar a existência de uma imagem especular” (Le Poulichet, 2003, p.19, trad. nossa). Desse modo, dúvidas em relação à inscrição e à permanência da forma se manifestam nas teorias infantis do informe, em que há uma tentativa de manter a representação de um Outro que olha. Nestes casos, há uma incerteza em relação ao pacto

simbólico constituído na troca de olhares, gerando dúvidas quanto à abertura do lugar do entre-dois-sujeitos: “Esse lugar que pacifica e media as relações imaginárias com os semelhantes” (Le Poulichet, 2003, p.35, trad. nossa). Le Poulichet destaca que a teoria infantil do informe é caracterizada por essa relação de perseguição, na qual a criação de uma teoria, uma ficção fantasiosa, busca atribuir sentido a uma dimensão desconhecida e ameaçadora, ao mesmo tempo em que forma um laço erótico e destrutivo.

As teorias infantis do informe buscam dar sentido à precariedade da manutenção da autoimagem e do olhar do outro, utilizando criações que colocam em jogo questões de invisibilidade, ilusão e virtualidade. Através dessas teorias a criança coloca em cena a figura de um Outro todo-poderoso e enganador. Assim, a autora esclarece:

Podemos de fato supor – levando em conta a especificidade das angústias posteriores – que a criança se apreendeu como informe depois de ter conhecido experiências precoces de transformação do Outro primordial em um todo estranho (às vezes fixo, inerte) e, portanto, ameaçador: o Outro primordial, de repente, perdeu toda a forma familiar, o “mesmo”, portanto, ameaça tombar na estranheza. Mais tarde, em vez de se sentir passivamente entregue, como objeto, à boa vontade ou ao desvanecimento desse Outro com quem não foi possível estabelecer um verdadeiro pacto de reconhecimento, a criança pode tornar-se sujeito de dúvida e autora de teorias e histórias fantásticas (Le Poulichet, 2003, p.36, trad. nossa).

O que Le Poulichet levanta como mais fundamental e específico da clínica do informe é o outro “dupla face” que se apresenta como um morto-vivo, animado e inanimado, marcado por estes paradoxos. Isto considerando que, junto à questão do reconhecimento da imagem pelo Outro primordial, emergem figuras de morte, de queda ou de decomposição de um outro parental que se revelam no fenômeno do informe.

A criança pode se apreender precocemente no terror do informe, uma vez que tenha percebido no outro, uma ameaça de deformação, o que acontece geralmente na figura paterna. As teorias infantis do informe aparecem na tentativa de manter vivo ou em forma humana alguém que está em perigo de desaparecer: “Essas teorias, em última análise, tentam reviver um outro inerte ou desvanecido, mesmo quando aparentemente encenam o possível apagamento gradual da criança” (Le Poulichet, 2003, p. 37, trad. nossa).

Neste sentido, há duas figuras do outro parental relacionadas ao terror do informe e às teorias infantis do informe. São elas: (1) de um Outro todo-poderoso e perseguidor que priva parcialmente a criança de um reconhecimento que possibilite a autenticação da imagem do corpo; e (2) a figura do outro deformado e ameaçado de desaparecimento, neste caso, a criança se identifica com esta figura.

Logo, as teorias infantis do informe visam um tempo de elaboração da fantasia na tentativa de assumir um corpo e um rosto. Rosto este que em dado momento foi descoberto, isto é, o sujeito experimentou a angústia de não ser olhado por nada e por ninguém. Há uma precipitação em um espaço sem arestas em um real sem fundo, frente a identificação da angústia, que desperta o terror do informe. Nesse contexto, fica claro a importância das relações primordiais da criança para sua constituição corporal. Acreditamos que este processo presente nas teorias infantis do informe reverbera posteriormente no período da adolescência como aquilo que Le Poulichet denomina de *Teorias fantásticas da adolescência*, em seu texto *Créations d'enveloppes sensorielles paradoxales*, de 2014.

Para uma melhor compreensão do lugar das teorias infantis do informe, Le Poulichet traça o seguinte paralelo: “As teorias sexuais infantis estão para a elaboração da diferença entre os sexos, assim como as teorias infantis do informe estão para a constituição da imagem especular.” (Le Poulichet, 2003, p.38, trad. nossa). Desse modo, notamos a importância da perspectiva do informe na constituição da imagem corporal.

2.4 Sexualidade, fantasia e morte

Para compreender melhor o informe, é importante destacar a dimensão sexual presente neste fenômeno. Maria Helena Fernandes nos ajuda a pensar a relação entre o corpo erógeno e o informe. Segundo ela, o outro é responsável por investir em um corpo que, inicialmente, é tido como biológico, para que este passe a ser um corpo erógeno. Assim, o outro atua como uma condição para que a criança experimente um corpo próprio através de um investimento libidinal que possibilite o processo de simbolização e erogenização: “Seria, portanto, a erogeneidade aquilo que aponta ao corpo sua qualidade de corpo próprio” (Fernandes, 2011, p. 123).

No começo da vida, a mãe (ou seu substituto) é a figura que acolhe o impacto das forças pulsionais do bebê. Ela interpreta seus choros e suas necessidades, procura dar sentido ao que o bebê está sentindo. Desse modo, essa figura primária, ao acolher e nomear, assegura ao bebê a experiência de presença materna. Para que isso ocorra, é necessário que a mãe realize um investimento libidinal sob o corpo do bebê. No entanto, é preciso também que a mãe falte, uma vez que ela não dará conta de suprir todas as necessidades do bebê. Assim, ela exercerá uma alternância entre ausência e presença de modo que a criança reconheça, com o tempo, que a mãe não é parte dela. Consequentemente, ela poderá elaborar uma separação em relação à figura materna, reconhecendo sua alteridade enquanto sujeito. No entanto, em

alguns casos, a ausência da mãe tem para o bebê um efeito traumático. Nestas situações, o bebê se sente desprotegido das sensações que partem do seu próprio corpo de modo que sente que sua sobrevivência está em jogo. Esta última situação parece ocorrer no informe, como veremos adiante.

Vemos, com Fernandes (2011), como a sexualidade está implicada no fenômeno de constituição corporal e que o corpo psicanalítico deriva dos “riscos do confronto entre alteridade e ausência” (p.125). Assim, considerando a importância do corpo erógeno e do processo de construção da imagem especular, entendemos que a falha neste processo pode resultar no surgimento de vivências e percepções corporais, que Le Poulichet tão bem nomeia como “terror do informe”, e as consequentes teorias infantis do informe.

Na teoria de Le Poulichet, como já apontado, o terror do informe gera um pavor frente a sensação de não existência, como se fosse um apagamento. Diante disso, as teorias infantis do informe atuam como um mecanismo defensivo, através de invenções nas quais há uma identificação com um outro. Essa identificação parece incorporar um outro, na busca de uma forma de continuar existindo, na tentativa de manter a representação de um Outro que olha. Podemos lembrar de uma saída diferente para a experiência da ausência materna. Trata-se, nesse caso, da possibilidade de elaboração e simbolização pela criança no famoso “*fort-da*” descrito por Freud (1920/1996), em que há um jogo de presença e ausência na brincadeira infantil. A criança brinca com seu carretel quando a mãe não está presente, fazendo um jogo de ausência (ao jogar o carretel) e presença (ao recuperá-lo). Assim: “A criança brinca com o desaparecimento das coisas, representando a ausência em um trabalho de simbolização” (Velano; Fulgêncio, 2020, p.101).

Nos casos da clínica do informe, parece que o jogo de ausência e presença opera de outro modo. A ausência materna é traumática e gera um terror, uma vez que parece haver uma falha no processo de simbolização. A falta de representação da ausência leva a criança a experienciar o terror do informe. Como saída para lidar com a ausência assustadora, a criança se identifica com o outro para assegurar sua presença. O outro apresenta-se como parte do sujeito de modo que ele e a criança são um só. Diante disso, sem simbolizar a ausência, a criança não consegue se diferenciar, portanto, a alteridade dela fica comprometida. Aqui vemos que o jogo de ausência e alteridade, apontado por Fernandes (2011), parece ser um desafio na clínica do informe.

São as teorias infantis do informe, ficções criadas pelo sujeito infantil, que são marcadas pela fantasia, que trazem elementos da sexualidade. Le Poulichet (2003), diante disso, questiona:

Como podemos construir um lugar para o sexual, quando as identificações de angústia às vezes equiparam o próprio corpo e o corpo do outro com massas informes? E quais são os destinos das pulsões sexuais que não encontraram bordas em formas erotizáveis? (Le Poulichet, 2003, p.49, trad. nossa)

Sabemos que a existência de um sujeito e a constituição do corpo erógeno se dá a partir de uma relação com o outro que, ao reconhecer a criança, a diferencia, dando contornos que separam e delimitam seu corpo do mundo externo. Como já destacado, o reconhecimento da imagem especular marca a presença da criança e sua alteridade enquanto sujeito. No informe, esse processo parece falhar de modo que os limites são imprecisos entre o sujeito e o outro, gerando uma confusão entre corpos e entre o interior e o exterior. Há, assim, uma falta de delimitação do eu (Je), que acarreta na sensação de deformação. Sua alteridade não é percebida e, o sexual parece ficar sem espaço para se manifestar. O corpo fica sem bordas, logo, não é possível erotizá-las. Então, se pergunta Le Poulichet, como fica a formação do corpo erógeno se as bordas são imprecisas? Segundo ela, na falta de bordas erotizáveis, as pulsões sexuais se submetem a um superego feroz, sendo destinadas, conforme suas exigências, às experiências de aniquilação (Le Poulichet, 2003).

Le Poulichet (2003) nos diz que na clínica do informe, muitas vezes, o sujeito se identifica com as figuras maternas e paternas. Segundo ela, isso ocorre em uma tentativa de assegurar e fantasiar a cena primordial, a qual representa sua origem, isto é, assegura sua existência. O sexual aparece em sua teoria atrelado a uma dimensão mortífera que condena o sujeito e que se manifesta como figuras sexuais monstruosas, levando à rejeição dos prazeres sexuais. Essas figuras associadas à morte parecem se relacionar com a dimensão traumática presente nessa cena.

Façamos uma breve retomada da noção de cena originária, considerando que as teorias infantis do informe parecem retomar essa teoria sexual infantil. Segundo Laplanche e Pontalis (2001), a cena originária que Freud¹⁵ menciona pela primeira vez em 1897 corresponde a: “Cena de relação sexual entre os pais, observada ou suposta segundo determinados índices e fantasiada pela criança, que é geralmente interpretada por ela como um ato de violência por parte do pai ” (p.62). Desse modo, essa cena tem um caráter traumático que marca a origem sexual do indivíduo. Já Le Poulichet, em seu artigo *Scènes originaires, somatisations et créations artistiques* (2007), afirma que pode haver uma pluralidade de cenas originais que

¹⁵ Freud (S.), Aus den Anfängen der Psychoanalyse, 1887-1902.

podem ser sobrepostas, clivadas ou combinadas. Para a autora, elas são organizadoras das fantasias fundamentais e dos *devires* psíquicos.

Como Le Poulichet apresenta na teoria do informe, os processos-limites atuam de forma imprecisa gerando paradoxos. A cena original pode marcar e apagar a existência do sujeito. Ela comporta o caráter paradoxal dos processos-limites. No informe, pode haver uma ameaça de apagamento da representação fantasmática dessa origem, gerando a sensação de ameaça de aniquilação. Nesse sentido, a autora afirma sobre as cenas originais:

Por outro lado, parece que - longe de constituir simples suportes para identificações edípicas - essas cenas são susceptíveis, durante toda a vida, para determinar os eventos que testam o envelope corporal, o volume corporal, a sua consistência, mas também as suas extensões, tomando o seu lugar através de várias formações e criações” (Le Poulichet, 2007, p.26, trad. nossa)

Retomando o texto *Psychanalyse de l'informe* (2003), Le Poulichet aponta que, nos casos em que ocorre o fenômeno do informe, há um sistema de erotização mortal do corpo, que desencadeia uma intensa culpa, gerando uma espécie de rasgo na imagem de seu corpo. Ademais, essa culpa violenta impede qualquer experiência de prazer. Essa culpa aparece, diz Le Poulichet:

Sabemos como é doloroso para esses pacientes reconhecer que, em tais circunstâncias e na ausência de outros marcos, eles não poderiam escapar de um sistema de erotização mortal de seu corpo, despertando uma culpa tão violenta que posteriormente tiveram que "rasgar" imagens de si mesmos de áreas corporais e se mutilam de qualquer experiência de prazer para escapar do susto, da confusão entre sexualidade e tortura, e para driblar o terror de ter todos os dias um corpo-sexo-objeto que pode ser instrumentalizado por um Outro todo-poderoso e imprevisível. (Le Poulichet, 2003, p.110, trad. nossa)

Para a psicanalista, as pulsões sexuais podem retomar experiências de aniquilação e condenação por meio de um superego cruel que dita “você é informe”. Assim, há uma equiparação entre a sexualidade e essas experiências, o que posteriormente pode acarretar em uma nova interpretação infantil em que a sexualidade adquire o papel de ser responsável pelo informe. Este aspecto parece importante para se pensar a clínica da adolescência, na qual questões da sexualidade aparecem mais intensamente. Na adolescência, o corpo passa a adquirir novas formas e contornos devido à puberdade. Essas mudanças corporais marcam a sexualidade no corpo. Veremos estas questões mais aprofundadas no próximo capítulo.

Diante do exposto, é fundamental que haja a elaboração de um corpo suficientemente consistente que possa sustentar a continuidade de um vínculo confiável com outras pessoas, assim como acessar o prazer sexual. Nesse sentido:

A convicção de não ser fundamentalmente visto no mundo, e às vezes de se vivenciar como invisível em certas situações, torna muito precário investir um corpo que possa desejar e ser desejado (Le Poulichet, 2003, p.50, trad. nossa).

Assim, parece que a elaboração do corpo erógeno, próprio do sujeito, pode acontecer quando o prazer deixa de ser equiparado a essa dimensão mortífera, característica do informe, onde há um encontro entre o sexual e a morte. No informe, os corpos permanecem no vazio, são apreendidos de forma confusa, percebidos como figuras achatadas, não separadas e que podem estar ameaçadas por deformações inesperadas. É através da elaboração desses conteúdos na situação de análise, que Le Poulichet vislumbra a travessia do informe. Constrói-se um lugar para o sexual, longe da dimensão mortífera, com o reconhecimento do vínculo sexual dos pais a partir da elaboração da cena original e do investimento narcísico do corpo.

2.5 A dimensão traumática do informe e a identificação mortífera

A teoria do informe carrega uma dimensão traumática, que se relaciona a uma identificação mortífera. Le Poulichet (2003) destaca como elementos decisivos da clínica do informe as identificações com figuras de morte, de queda e de decomposição de um outro parental, além da já mencionada perturbação do reconhecimento da imagem por um Outro primordial. No informe, há uma identificação que gera uma confusão parcial entre corpos e que dificulta uma forma estável do eu (Je), o que Le Poulichet denomina como identificações inconscientes com a parte morta ou sem forma de um objeto.

Para uma melhor compreensão da dimensão traumática no informe, vale retomar a noção de pulsão de morte, descrita por Freud em *Além do princípio do prazer* (1920/1996). Esta pulsão corresponde a uma força associada a um caráter destrutivo, disruptivo e irrepresentável. Segundo Fernandes (2011):

O percurso realizado pelos textos de Freud, tomando como ponto de partida o conceito de pulsão, permitiu enfatizar a primazia da erogeneidade supondo uma passagem do corpo autoerótico ao corpo narcísico, para chegar na ideia de um ego corporal. A retomada do conceito de pulsão em 1915, ao atribuir uma autonomia à força pulsional, desdobra-se mais tarde na invenção da pulsão de morte enquanto pulsão sem representação. (p.124)

O processo de representação psíquica transforma certos conteúdos em traços mnêmicos. No entanto, sem o trabalho de elaboração e inscrição psíquica, não há um objeto de recordação, aquilo que é considerado “passado”. O traumático diz respeito a um *déficit* na historicização, o que acaba por gerar uma repetição no presente, daquilo que não foi elaborado, havendo uma repetição da cena traumática (Galvão, 2023). Le Poulichet (2003) destaca que a falha no processo de historicização impede o sujeito de se inscrever no tempo como autor de sua história. Ademais, a dificuldade de inscrever um possível início de existência evoca uma angústia frente ao perigo da separação e da diferença. Este aspecto nos parece fundamental no informe, uma vez que a falha no reconhecimento e na diferenciação da imagem especular desencadearia uma certa confusão em relação aos contornos corporais e suas delimitações.

Diante disso, a autora aponta que surgem diversas formações que protegem o sujeito desse confronto com a representação de uma origem, de sua diferenciação e separação. Estas formações se manifestam por figuras mortíferas do corpo, provocando uma repetição que deixa o tempo em suspenso. Esta falta de inscrição temporal impede a marcação de intervalos temporais, gerando uma repetição que opera no imediato. Assim:

O imediato nada mais é do que o que é, o que se passa sem mediação, o que se passa sem intervalo de tempo. A impossibilidade de apreender-se como sujeito *do* tempo e sujeito *no* tempo destruiu, então, qualquer perspectiva, qualquer limite, qualquer *devenir* e qualquer possibilidade de mudança (Le Poulichet, 2003, p.87, trad. nossa).

Segundo Le Poulichet (2003), a interrupção da passagem do tempo e a deterioração do interior são dois elementos do mesmo processo; um não ocorre sem o outro. O imediato, que se manifesta como uma apreensão direta de simultaneidades que anula intermediários, limites e intervalos, retira do corpo qualquer sensação de permanência em relação aos seus contornos. Do ponto de vista metapsicológico, se a distância entre o eu (*moi*), os objetos e o ideal de eu desaparece, o corpo é reduzido a esse vazio exato que se situa para além do alcance do tempo e do desejo. Logo, o sujeito fica suspenso no tempo.

Nestes casos, há uma economia traumática que sugere uma “forma de existir sem existência” (2003, p.97, trad. nossa). Assim, muitas vezes, o sujeito não se dá conta dessa vivência traumática e o eu (Je) identifica-se como informe. Vale salientar que esse processo opera como o contrário dos casos de histeria. No informe, os casos são marcados por vestígios de memória desafetados e desprovidos de sentido, evocando experiências de terror (Le Poulichet, 2003). Em *Estudos sobre histeria*, Freud (1895/1990) destaca que, na histeria, há um conflito psíquico envolvido e a conversão atua como mecanismo de defesa, de modo que os sintomas possuem base simbólica. No entanto, no informe parece que a dimensão corporal envolve a dimensão traumática irrepresentável, que não passa pelo simbólico e que se relaciona à pulsão de morte e seu aspecto disruptivo. Aqui, não há lacunas entre o eu (moi), os objetos e o ideal do eu. Assim, o corpo fica fora não só do tempo, mas do desejo também. Le Poulichet aponta que o eu (Je) parece proibido de permanecer neste corpo que não pode reter e nem se tornar nada. Como resultado, o sujeito não é capaz de se antecipar, sendo atravessado, aniquilado por qualquer reação do outro.

Le Poulichet inclusive, alguns anos depois, no artigo *L’informe temporel: s’anéantir pour exister* (2005), fala sobre o informe em relação ao tempo, relacionando-o com a clínica e trazendo a noção de informe temporal. Segundo a autora, há uma mudança radical na forma de experienciar o tempo que marca estes casos.

Para ela, o sentimento frágil de continuidade de existência, que marca o informe, é acompanhado por uma angústia de desaparecimento. Os pacientes temem desaparecer em buracos no tempo. Desse modo, o que Le Poulichet (2005) nos aponta é que a falta de forma do corpo está associada ao informe não só corporal, mas também a um informe temporal.

Neste artigo, a autora traz a noção, já mencionada, de “instante catastrófico”, que corresponde ao momento em que “o tecido do tempo se desfaz e o “eu”[Je] é subitamente precipitado na imediateidade, quando não pode mais ser apreendido em uma duração e é reduzido ao ponto do momento presente, na borda do vazio” (Le Poulichet, 2005, p.26, trad. nossa). Isto ocorre quando o eu (Je) se encontra com um Outro-todo-poderoso que ameaça sua consistência e continuidade, gerando uma desarticulação entre o tempo, a linguagem e as imagens.

Como destacado no capítulo anterior, esta noção de instante catastrófico é trabalhada por Le Poulichet já em 1994, no livro *O tempo na psicanálise*. Segundo ela, há um *tempo identificante* que propicia um lugar para o acontecimento, de modo que este seja inscrito no tempo e, assim, marque presença. Conforme aponta Le Poulichet: “É em um tempo identificante que ritmos e sequências ligam elementos aparentemente heterogêneos, que se

transformam mutuamente, dando lugares aos corpos de uma nova maneira” (1994/1996, p.14, trad. nossa).

O tempo identificante, portanto, dá lugar ao corpo e, quando isso não ocorre, o corpo fica precipitado no imediato e o eu é reduzido a um instante, gerando uma angústia que atua como um terror. Essa abertura no tempo, gera um buraco que provoca a sensação de que o eu está sujeito a desaparecer. Ademais, não é possível criar laços entre o sujeito e o objeto.

Retomando o texto *Psychanalyse de l'informe*, a dimensão traumática também se relaciona ao surgimento do informe, no qual não há um encontro com a imagem especular permeada pelo dispositivo imaginário e inserido no tecido social. O sujeito, na ausência de um quadro simbólico no qual sua imagem poderia se inscrever, se depara de forma súbita com o real, isto é, com seu rosto ou corpo cru. Desse modo, há uma falta de ancoragem da imagem refletida, a qual deveria ser permeada pela dimensão simbólica e imaginária. Assim, frente ao encontro com o real, emerge uma sensação de pavor abrupta (Le Poulichet, 2003).

Se a imagem especular não é animada, o corpo não é sentido como um corpo vivido. Como já visto, quando falta o investimento deste corpo, por meio de vínculos, há uma ameaça à existência do sujeito e os contornos corporais pelo terror do informe. Assim, Le Poulichet introduz a noção de superfície de deformação:

Podemos utilizar a noção de superfície de deformação quando as palavras do paciente revelam que a imagem corporal e seu contorno estão regularmente sujeitos à passagem incessante de uma forma a outra, a lacunas ou evanescências (Le Poulichet, 2003, p.99, trad. nossa).

A superfície de deformação toma o lugar da imagem especular e o eu (moi) dificilmente consegue se identificar em uma superfície, considerando esse constante movimento de deformação. Assim, a economia traumática possibilita que essa superfície tome o lugar do eu (moi) corporal. Nesse processo, também ocorre uma identificação da angústia que gera no sujeito sensações de queda e de se perder em superfícies sem bordas. Aqui, trata-se de uma angústia de desintegração.

Nesse contexto, o perigo real, interno e externo e a reivindicação pulsional vem a se fundir em uma identificação de angústia. Esta identificação pode se desdobrar possibilitando que esta superfície de deformação assuma o lugar da imagem especular. O perigo que emerge abruptamente, sem qualquer preparação, faz com que haja uma confusão e um superego que dita “Você é a falta de forma que acaba de deformá-lo, de desidentificá-lo!” (Le Poulichet,

2003, p.111, trad. nossa). Esse choque traumático, que gera um terror, dá origem a inscrição flutuante de traços alheios, juntamente com uma ferida narcísica e com uma desordem identificatória. No entanto: “o aspecto mais traumático é a representação impossível do traumático” (Le Poulichet, 2003, p.111, trad. nossa). A ferida narcísica não é recebida por um eu(moi) corporal identificado, mas pela superfície de deformação sob a qual se dá influxo de excitações.

A identificação da angústia que Le Poulichet menciona ocorre quando o eu (moi) está parcialmente decomposto, não sendo capaz de manter uma unidade que poderia assegurar camadas de identificação com objetos. Segundo a autora, esta identificação da angústia atribui ao corpo o foco de decomposição e desintegração e é acompanhada do julgamento do superego feroz tido como um Outro-todo-poderoso. Diante do real, apreendido sem a mediação do espelho e da relação imaginária com o outro e com a falta de marcadores simbólicos, a saída encontrada é a atribuição de poder a este Outro que deixa o sujeito no terror do informe. Segundo Le Poulichet, a angústia de não ser olhado por nada e nem por ninguém, somada à experiência de um rosto que emerge cru provocam o terror do informe e a identificação da angústia. Esta última gera uma precipitação em um lugar sem arestas em um real sem fundo. Dito de outro modo, a autora coloca:

Parece que uma “identificação da angústia, provocada pela figura feroz e arcaica do superego – como um “sabotador interno” cristalizado a partir dos traumas sofridos pela criança – tem o condão de engendrar uma superfície de deformação que funciona como uma imagem espelhada. (Le Poulichet, 2003, p.100, trad. nossa)

Le Poulichet (2003) destaca que deve se considerar a particularidade de cada caso, de modo que a identificação da angústia traz um conteúdo singular a cada sujeito. Em síntese, esta identificação com a angústia corresponde a identificação do eu (Je) com a própria invasão sentida por ele, de modo que ele se torna sua própria invasão.

Além disso, Le Poulichet afirma que, na clínica do informe, o trauma infantil não chega a comprometer completamente o advento de um eu (Je), nem dos mecanismos de defesa. Para ela, o trauma ocorre em um processo distinto dos casos de psicose, onde há um eclipse quase total do ser psíquico e também não há uma negação dos primeiros investimentos narcísicos. No informe, há uma repetição que se estabelece no *devoir* do eu (Je) , o qual se deforma e se mutila na tentativa de se salvar.

Em *Espace-temps corporel et symbolisation*, quinze anos depois, Le Poulichet (2018b) fala sobre os *eventos do corpo* no contexto espaço-temporal, enfatizando que qualquer evento psíquico é, em essência, um evento do corpo, sublinhando a indivisibilidade entre corpo e psiquismo. Ela retoma a ideia de Leib de 2003, em que o "corpo libidinal" se refere ao corpo pulsional em movimento nas interações com os outros.

Le Poulichet descreve o espaço-tempo corporal como um campo flexível que estabelece conexões, principalmente por meio de forças de atração. Conforme destaca a autora: “Nesse campo, impulsos, desejos, fantasias, sonhos ou sintomas são eventos corporais fundamentais que ligam o sujeito a outros” (Le Poulichet, 2018b, p. 80, trad. nossa). Os eventos corporais geram formações e deformações por meio de vínculos e investimentos. No entanto, há a possibilidade de rupturas precoces dessas conexões, o que pode levar o corpo ao colapso, resultando em uma sensação de desintegração. Nesse sentido:

De fato, quando ocorrem os primeiros encontros traumáticos ligados ao desenraizamento, ao desaparecimento e ao desinvestimento, muitas vezes há uma forma de ruptura do pacto com o outro, uma ruptura que põe em risco o significado e a continuidade de uma história e, ao mesmo tempo, a consistência de um corpo. (Le Poulichet, 2018, p. 81, trad. nossa)

A ruptura dos vínculos com objetos, ainda que parcial, resulta em uma distorção do seu campo espaço-temporal. Nesse contexto, a existência desse corpo se vê ameaçada e ele experimenta uma sensação de desintegração. Esses vínculos são fundamentais, pois constituem a trama flexível do espaço-tempo.

Para enfrentar essa situação, vemos nesse artigo da autora, que a dor corporal emerge como uma via de tentativa de reintegração através de um investimento excessivo em regiões específicas do corpo. Conforme a autora, uma "formação narcísica" delimita uma zona da dor, através de um investimento excessivo, conferindo peso a um corpo evanescente. Isso cria uma espécie de força gravitacional, talvez como uma maneira de dar substância ao presente do corpo. Além disso, a dor temporariamente restabelece o investimento no corpo-eu.

A dor efetua um retorno ao corpo, podendo transformar-se na "morada do corpo", uma saída potencial para a angústia na busca por consistência. Ela pode temporariamente sincronizar o tempo e o espaço do corpo, manifestando um momento presente. Essa manifestação inclui uma ancoragem da palavra no corpo e o investimento de um espaço-tempo corporal, sustentado na análise pelo vínculo confiável com o analista, uma figura constante. Isso equivale a criar, como num espelho, um ponto no outro a partir do qual

o indivíduo pode ser ouvido, observado e investido em uma continuidade. Podemos pensar aqui nas escarificações, no *cutting* e nas automutilações, muito presentes na adolescência. A dor nesses casos atuaria como uma saída, na busca por esse corpo consistente, em momentos em que o corpo e mundo parecem dissociados: um corpo suspenso no vazio, alheio ao tempo e aos vínculos. Logo, a análise emerge como uma possibilidade para a criação de um corpo-mundo, atribuindo-lhe um lugar e uma função substancial.

Vemos, portanto, que a questão do trauma é um fator central para a clínica do informe, estando presente na origem do fenômeno do informe e perpassando por diversos elementos como o terror do informe, o informe temporal-espacial e o instante catastrófico. Desse modo, o trauma emerge como algo que impossibilita o sujeito tanto de reconhecer seu passado, como de experimentar possibilidades do futuro. O sujeito parece ficar paralisado no imediato e no terror do informe. No entanto, como já apresentado, parece haver saídas dentro do próprio campo da fantasia, nos sonhos e na análise. Estes elementos são aliados no processo de tomada de forma e da inscrição da história do sujeito no tempo. A clínica do informe exige uma capacidade do analista de criar espaços que possibilitem a formação de novas figuras em um trabalho de composição corporal. Veremos quais são os desdobramentos do fenômeno do informe e das concepções teóricas de Le Poulichet para tratar da clínica do informe na adolescência, onde o corpo fica ainda mais em questão.

Capítulo 3

Teorias fantásticas do informe na adolescência

Na psicanálise, a puberdade já era abordada na teoria psicosexual descrita por Freud, sendo um período que possui suas particularidades e é considerado um marco importante. Se retomarmos o texto *Os três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905/1996), veremos que Freud afirma que, na puberdade, ocorre uma reorganização da vida sexual. A pulsão sexual, que até então era predominantemente autoerótica, passa a buscar um novo alvo sexual a quem fará seu investimento pulsional, agora, sob o primado da zona genital.

Sabe-se que a puberdade é o período no qual ocorrem as transformações biológicas e, por meio dela, o adolescente atinge a maturação sexual e alcança a possibilidade de reprodução. Nesse contexto, o corpo passa a se modificar, adquirindo novas formas, ao mesmo tempo em que ocorre um luto do corpo infantil.

Le Poulichet faz diversas considerações sobre o corpo na adolescência. Após a apresentação da teoria do informe, descrita no livro *Psychanalyse de l'informe* (2003), ela irá falar da adolescência em artigos posteriores como *Créations d'enveloppes sensorielles paradoxales* (2014a) e *Du trauma à la passion: quand le corps se fait question* (2015c). Veremos que o fenômeno do informe também gera seus efeitos nesse período e os adolescentes têm que lidar com diversas questões relacionadas ao corpo e a autoimagem, principalmente diante das mudanças que emergem com a puberdade. Considerando os apontamentos do capítulo anterior, iremos pensar aqui em como o informe pode lançar luz sobre os fenômenos corporais dos adolescentes.

3.1 O corpo adolescente: transformações que transbordam

Le Poulichet (2014) afirma que a adolescência é marcada por um aspecto traumático, pois nesse período ocorre um superinvestimento e rupturas nas vias sensoriais atreladas à uma sexualização específica desse momento da vida. Entendemos que na adolescência as mudanças nos contornos corporais passam a ser percebidas e a sexualidade se torna evidenciada pelo corpo que agora se apresenta com curvas, pelos, além do crescimento das zonas genitais, alterações na voz, dentre outras mudanças. Todos estes fatores impactam em como o sujeito se percebe, afetando sua sensorialidade e sua imagem corporal.

Em *Du trauma à la passion : quand le corps se fait question* (2015c), Le Poulichet fala especialmente sobre o período da adolescência. A autora dá destaque a um corpo que se desfaz diante de um desamparo e um abandono. Segundo ela :

[...] corpo que grita sua trágica dependência, parece perder seus limites, espalha-se como água, enquanto os órgãos derretem, fundem-se e os membros se deslocam. Os ossos de seu esqueleto podem ser todos contados, como se já não houvesse quase nenhuma carne. (Le Poulichet, 2015c, p.50, trad. nossa)

Na literatura psicanalítica, encontramos muitas associações entre a adolescência e o trauma que parecem ir ao encontro com o que Le Poulichet propõe. Alguns autores como Marty (2006), Drieu *et al.* (2011), Cardoso *et al.* (2016) e Ferreira (2021) também destacam o aspecto traumático da adolescência. Para eles, na adolescência, ocorre um arrombamento psíquico provocado por intensas tensões internas e externas que ameaçam o eu. Assim como Le Poulichet (2014a), eles apontam que há um desamparo frente à irrupção do excesso pulsional que transborda e que o eu não é capaz de elaborar.

Podemos pensar que, diante das transformações corporais, na tentativa de construir seu corpo, o adolescente, muitas vezes, irá recorrer às tatuagens, aos *piercings* e às escarificações para buscar uma fronteira corporal. Estes são procedimentos feitos sobre a pele, como já mencionado, um órgão que delimita a fronteira entre o dentro e o fora e que representa um limite, uma vez que delimita o corpo. As escarificações, particularmente, são consideradas procedimentos autodestrutivos.

O adolescente procura um alívio frente a uma sensação de falta de limites e atua sobre a pele deixando marcas. Inclusive, podemos pensar que essa é uma resposta encontrada por ele diante de uma economia traumática, compreendida como um excesso pulsional que não se inscreve psiquicamente, não encontrando representantes. Aqui, as marcas dizem sobre uma inscrição na pele, os cortes geram cicatrizes, assim como os furos produzidos pelos *piercings* e as tatuagens são formas de representação. Compreendemos que, nesses procedimentos, o adolescente busca formas de representar e inscrever esse excesso traumático, mesmo que estas inscrições se dêem sobre a pele e não propriamente a nível psíquico.

Como já colocado no capítulo anterior, a pulsão de morte e a dimensão traumática são características do fenômeno do informe. As figuras de morte que estão presentes nos terrores e teorias infantis do informe também se manifestam posteriormente, na adolescência. Nestes

casos, há uma maior inclinação dos adolescentes para situações que tragam o risco de morte (Le Poulichet, 2015c).

Sobre isso, Le Poulichet (2015c) dirá que na adolescência há uma tendência a práticas de atos destrutivos sob o olhar do outro e que estes atos são acompanhados por um desejo de viver. Ao apontar isso, ela se refere especialmente às lesões corporais, as quais podem ser exemplificadas através das escarificações, da automutilação e das lesões autoprovocadas. Ademais, ela destaca que o corpo do adolescente é “metamorfoseado” pela sexualidade e que, nele, a morte e o sexo se entrelaçam.

Para ela, o adolescente encontra nessas ações destrutivas uma forma de não se manter passivo, colocando em figuras suas questões relacionadas aos traumas infantis. O adolescente está buscando uma espécie de encarnação, a qual é acompanhada por perigos e angústias. O que não foi elaborado na infância, adquiriu um aspecto traumático e é repetido até que se alcance uma nova forma de encarnação (Le Poulichet, 2015c). Entendemos aqui que a tentativa de encarnação, proposta pela autora, pode ser compreendida como essa busca por fronteiras que delimitam e inscrevem esse corpo temporalmente e psiquicamente, dando-lhe lugar, dando-lhe “carne”, isto é, um volume, contornos e substância.

Sobre os atos destrutivos, autores contemporâneos como Le Breton (2010, 2012), Drieu *et al.* (2011), Moretto *et al.* (2017) e Ferreira (2021) indicam que esses ataques ao corpo são recursos utilizados pelos adolescentes para lidar com o sofrimento e com as tensões intensas desse período de vida. Os adolescentes tentam projetar essas tensões em seus corpos, especialmente sobre a pele, provocando lesões ou outros ataques que podem se manifestar na forma de anorexias e bulimias. Para Moretto *et al.* (2017), nesses ataques, não há uma diferenciação clara entre o eu e o outro, devido aos limites imprecisos da constituição psíquica desse período. Nesse sentido, Ferreira (2021) irá ressaltar:

Os ataques ao corpo seriam, portanto, uma tentativa de se reconciliar com o mundo, tentando, de maneira radical, extrair o sofrimento para alcançar outro sentido em si mesmo. São tentativas paradoxais de recuperar o controle a qualquer preço, ainda que à custa de um sacrifício pessoal, como busca de um limite para não se destruir, mas para obter um apoio, um suporte (p. 39).

Para Drieu *et al.* (2011), os ataques à pele podem buscar a reconstrução dos envoltórios, isto é, dos continentes mais simbólicos, em um trabalho de intersubjetividade entre o adolescente e os grupos no qual ele se insere. Segundo Le Breton (2010), a mudança

sobre o corpo, em especial sobre a pele, busca uma reorganização de sua superfície corporal para o alcance de uma nova pele e de uma relação melhor com o mundo, com menos sofrimento. Assim, a pele é um refúgio para se agarrar à realidade frente a um abismo de existência e: “A pele participa intensamente no processo de separação-indivuação que caracteriza a passagem do adolescente” (Le Breton, 2010, p.26). Aqui podemos pensar no informe, onde a ameaça aos limites corporais fragiliza a sensação de um corpo consistente, que afeta a sensação de existência do sujeito. Além disso, vimos que no informe há uma confusão entre os corpos através da identificação inconsciente que deixa as fronteiras imprecisas, dificultando o processo de diferenciação do sujeito em relação aos outros.

A partir desses autores contemporâneos, pensamos que a pele parece ter um papel fundamental nesse processo de construção corporal do adolescente. Esse aspecto pode ser relevante para se pensar nos processos-limites do informe, principalmente na adolescência, onde os atos destrutivos são destinados à ela. Notamos que essa ideia de limites imprecisos aparece em outros autores e exprime uma visão semelhante a de Le Poulichet sobre os fenômenos corporais da adolescência. Desse modo, levantamos alguns questionamentos como: O que a autora avança em relação a essas ideias? Qual seria o diferencial de sua teoria?

Pensamos que a fantasia é um ponto fundamental que diferencia a teoria da Le Poulichet de outros autores, como os citados acima, que estudam estes fenômenos corporais. Le Poulichet traz uma originalidade ao pensar na relação que o adolescente estabelece com seu corpo. Ela irá considerar as criações e invenções dos adolescentes que são marcadas pela fantasia e que, segundo ela, são estratégias defensivas que buscam assegurar uma forma corporal. Essas invenções são denominadas de *teorias fantásticas da adolescência* e estão associadas à teoria do informe, em especial, às teorias infantis do informe. Essas ideias trazem um modo próprio da autora de pensar esses fenômenos.

A ausência de fronteiras e contornos na adolescência, para Le Poulichet, é marcada por paradoxos, uma vez que elementos opostos (ausência - presença, vida - morte) podem se manifestar simultaneamente. Para ela, o que acontece em alguns adolescentes é que a representação de um risco de morte é capaz de desencadear a repetição de um nascimento, como também dar lugar a este no campo da fantasia. Assim, o que a autora nos diz é que nesse processo não há fronteiras entre a autodestruição e a autopreservação ou entre a sensação de aniquilação ou existência.

Além disso, veremos, com Le Poulichet, que as lesões corporais, a dor, a anorexia e a bulimia podem ser elementos que exercem o papel de um *devoir* direcionado à relação com o outro primordial. A invasão gerada pelos traumas pode gerar uma desvinculação e, diante

disso, o adolescente busca recuperar a ligação com esse objeto primordial. Esta tentativa de ligação, mesmo que se apresente de forma trágica e destrutiva, diz respeito a uma tentativa de que este corpo seja visto, reconhecido e encarnado, como coloca Le Poulichet.

Nesse contexto, a falta do olhar do outro primordial e do reconhecimento sobre a imagem da criança que desencadeia o terror do informe, descrito no capítulo anterior, gera uma situação traumática que se repete podendo chegar na adolescência. Assim, nesse período, o sujeito continua na tentativa de ligação com os objetos primordiais que lhe faltaram. Os atos destrutivos buscam, muitas vezes, este olhar dos objetos primordiais, que não reconheceram e diferenciaram a imagem e o corpo da criança.

O fenômeno do informe, como destacado anteriormente, gera uma confusão na qual paradoxos entram em jogo, entre o dentro e o fora, entre existir e aniquilar-se, dentre outros. Na adolescência, isto retorna, pois a atividade fantasmática traz outras formações que colocam em jogo possíveis reversibilidades entre sexualidade e morte, assim como, entre realidade e fantasia (Le Poulichet, 2014a).

Notamos, então, que os elementos traumáticos infantis presentes no informe são refletidos na adolescência. Segundo a autora, os acontecimentos da primeira infância produzem sulcos profundos por meio das vias sensoriais e sobre essas, a atividade fantasmática e as formações sintomáticas forjarão suas formas e conteúdos, que podem ter efeitos posteriores. Assim, Le Poulichet (2014a) coloca que:

E a adolescência será frequentemente o lugar de um florescimento privilegiado de suas expressões, em um tempo lógico do *a posteriori* precipitado pela sexualização própria do evento pubertário. Os sulcos cavados pelos caminhos sensoriais superinvestidos e/ou assustados são então preenchidos com uma força impulsiva aumentada, enquanto em muitos casos os pontos agudos de impactos traumáticos precoces reaparecem (p.809, trad. nossa).

Na adolescência, portanto, surge a sensação de um corpo que se desfaz e o adolescente se depara com um lugar novo que parece ser insustentável, assim, ele é demandado a se reposicionar no mundo. Nesse processo, o informe aparece associado às condenações precoces de um superego feroz e à falha no suporte identificatório (Le Poulichet, 2015a).

A partir do que Le Poulichet nos coloca, entendemos que as teorias infantis do informe irão reverberar na adolescência como aquilo que ela denomina de *teorias fantásticas da adolescência*, concepção descrita no artigo *Créations d'enveloppes sensorielles paradoxales* (Le Poulichet, 2014). Vale destacar que assim como nas teorias sexuais infantis

descritas por Freud - que subsidiaram a elaboração das teorias infantis do informe, estas teorias fantásticas da adolescência carregam a fantasia como elemento fundamental.

Em *Os três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905/1996), Freud afirmou que a escolha de um objeto externo, após a abdicação dos objetos primordiais na adolescência, é realizada primeiramente na imaginação e nas fantasias. Ademais, ele aponta que com a superação das fantasias infantis incestuosas, sucede uma das realizações psíquicas mais significativas e também mais dolorosas da puberdade: o desprendimento da autoridade dos pais. Assim, podemos questionar: será que as teorias fantásticas da adolescência estariam a favor deste processo de abdicação dos objetos parentais? Parece que Le Poulichet coloca estas teorias como uma forma de vinculação com estas figuras, como um chamado para o reconhecimento do corpo adolescente. Talvez seja importante esse retorno da vinculação com os objetos primordiais para que o adolescente se sinta seguro para se desprender posteriormente sem que haja uma ameaça ao seu sentimento de continuidade de existência.

Vimos que nas teorias infantis do informe, as quais atuam como um mecanismo defensivo para evitar a sensação de aniquilação, o sujeito se identifica inconscientemente com um outro ou parte deste para assegurar sua existência. As teorias infantis do informe tentam dar sentido à fragilidade da ligação com o outro e buscam uma ancoragem no mundo. Assim, as teorias fantásticas da adolescência têm o mesmo papel:

A identificação inconsciente com uma parte mortificada, deformada ou decomposta de um ou ambos os pais, desempenha aqui um papel considerável na construção singular do motivo de uma "teoria do informe". As fantásticas teorias da adolescência assumem todas essas características e tentam dar ao corpo formas comprometidas com uma continuidade graças a crenças incomuns, mas acrescentam a elas a dimensão erótica associada a conflitos edípicos particularmente vividos. (Le Poulichet, 2014a, p.811, trad. nossa)

Desse modo, o diferencial das teorias fantásticas da adolescência, em relação às teorias infantis do informe, é a associação da dimensão erótica com os conflitos edípicos. Ademais, os adolescentes apresentam estranhas manifestações sensoriais associadas às teorias fantásticas da adolescência, sendo que estas são elaboradas em um cenário de criações sensoriais paradoxais (Le Poulichet, 2014a). Veremos agora, como Le Poulichet constrói essa noção de teorias fantásticas e quais são suas características e o que estas dizem sobre os fenômenos corporais da adolescência.

3.2 As teorias fantásticas: desdobramentos do informe na adolescência

Após onze anos da publicação do *Psychanalyse de l'informe* (Le Poulichet, 2003), a autora irá apresentar a noção de *teorias fantásticas da adolescência* em seu artigo *Créations d'enveloppes sensorielles paradoxales* (Le Poulichet, 2014a). Estas teorias se assemelham às teorias infantis do informe devido ao caráter defensivo que gera ficções diante do terror do informe.

As *teorias fantásticas da adolescência* são experiências sensoriais imaginárias que envolvem o ego e que dizem respeito à formação de processos-limites, caracterizados por uma fragilidade entre o “fora e dentro”, isto é, no contorno do “corpo-eu”. Diante disso, as teorias fantásticas procuram ancorar um significado para esses limites imprecisos. O corpo atua como um mensageiro por meio de ficções que se manifestam nos dispositivos sensoriais e perceptivos, e que exprimem conflitos internos (Le Poulichet, 2014a). A autora destaca sobre essas teorias os seguintes aspectos:

Precisamente, o que eu chamo aqui de teoria fantástica da adolescência resulta, ao mesmo tempo, do impacto de eventos traumáticos (precoces e posteriores) que tornam frágil um sentimento de "continuidade do ser", da atividade fantasmática que se elabora sobre o abismo de sentido criado por esses impactos, e sobre a nova dimensão que a relação com a sexualidade e a morte assume após a adolescência (Le Poulichet, 2014a, p. 810, trad. nossa).

Le Poulichet, no trecho acima, faz referência à noção de Winnicott (1963/2007) de *continuidade do ser*. Esta noção corresponde a um sentimento desenvolvido nos primeiros anos de vida a partir de uma constância do cuidado materno que atende às necessidades do bebê. Esses cuidados possibilitam uma confiança essencial no mundo e um ambiente seguro ao bebê. O *holding*, suporte físico e psíquico oferecido pelo cuidador, e o *handling*, cuidados físicos (pele a pele) envolvendo o manuseio corporal do bebê, são fundamentais para que a criança vá reconhecendo e se apropriando de seu corpo. No entanto, um ambiente invasivo ou muito passivo pode gerar a falha nesse processo e ameaçar esse sentimento de continuidade de ser. Desse modo, notamos uma semelhança entre o pensamento de Le Poulichet e Winnicott, no que diz respeito ao papel do outro primordial no reconhecimento do corpo infantil para que este seja integrado e consistente. No entanto, enquanto Winnicott traz essa ideia ligada ao atendimento das necessidades do bebê e ao contato físico, Le Poulichet irá se referir ao estágio do espelho e pensar no reconhecimento da imagem especular como fundamental para a construção de um sentimento de existência.

De acordo com a autora, as *teorias fantásticas da adolescência* estão relacionadas ao terror do informe e às dúvidas acerca do registro e da permanência de uma forma corporal. Diante das alterações características da adolescência, estas teorias têm o papel de criar um novo modo de se relacionar com o mundo, testando os limites entre o verdadeiro e o falso, a vida e a morte, o sexual e o destrutivo. Os adolescentes constroem teorias fantásticas como estratégia defensiva ou como realização dos desejos inconscientes (Le Poulichet, 2014a). Um exemplo disso seria um adolescente que cria a ficção de estar sendo perseguido por objetos ou pessoas constantemente. Para Le Poulichet (2014a), tal perseguição dará a sensação de que ele está sendo visto. Logo, quando o olhar do “perseguidor” é destinado, há um certo reconhecimento de seu corpo e imagem, bem como de sua existência. Alguns casos clínicos serão descritos mais adiante trazendo um maior detalhamento.

Como visto no capítulo anterior, a clínica do informe não se restringe aos pacientes adolescentes, mas lança luz sobre as particularidades destes sujeitos em seus modos de compor o corpo e a autoimagem. Nesse sentido, as teorias fantásticas elucidam a relação dos adolescentes com o informe e as saídas fantasiosas encontradas por eles. Essas teorias comportam uma dimensão erótica e uma relação com os conflitos edípicos.

Numa passagem encontrada em uma nota acrescentada em 1920, em *Os três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905/1996), Freud aponta que: “As fantasias da época da puberdade se ligam à pesquisa sexual infantil abandonada na infância, e provavelmente retrocedem ainda um pouco, até o período de latência” (1905/1996, p.148). Essas fantasias infantis, conforme o autor, se mantêm inconscientes e exercem grande influência na gênese de muitos sintomas. Segundo Freud (1905/1996), algumas dessas fantasias que se destacam na puberdade são:

As fantasias de espreitar o ato sexual dos pais, da sedução por parte de pessoas amadas quando [a criança] era pequena, da ameaça de castração, as fantasias com o útero materno, de estar em seu interior e até mesmo ter experiências ali, e o assim chamado "romance familiar" (p.148)

Ademais, conhecemos outras teorias sexuais infantis, que são mencionadas em 1905, como a da diferença entre os sexos, a cena originária e a da origem dos bebês. Estas teorias sexuais infantis aparecem nas teorias do informe, inclusive em alguns casos clínicos descritos por Le Poulichet. No artigo *Traverseé de l'informe* (2004), ao descrever um dos casos a autora fala do temor da paciente frente à sensação do retorno ao "ânus-úteros" da mãe, compreendido

como um buraco em que o corpo da paciente poderia se dissolver. Esta ideia aparece nas teorias sexuais de Freud, do retorno ao útero e também da noção de que o nascimento do bebê seria através do ânus da mãe. Já em *Psychanalyse de l'informe* (2003), Le Poulichet descreve um caso em que a paciente tem uma identificação inconsciente com seus pais, gerando uma sensação de como se eles habitassem seu corpo. Assim, por trás dessa fantasia, há a possibilidade da criação da cena originária e, conseqüentemente, o reconhecimento da existência da paciente.

Estes são exemplos de teorias infantis do informe que, como vimos no capítulo anterior, são mecanismos de defesa frente ao terror de desaparecimento ou aniquilação. Desse modo, através dessas ficções, marcadas pela fantasia, o sujeito se defende das ameaças do terror do informe. Apesar desses casos não se referirem às teorias fantásticas da adolescência, eles trazem muitos elementos em comum. As teorias infantis podem reverberar posteriormente como teorias fantásticas da adolescência.

3.3 Os envelopes sensoriais paradoxais

Para compreender como se manifestam estas teorias fantásticas é importante descrever a relação destas com a sensorialidade. Na adolescência há a busca por uma reconstrução do tecido sensorial, assim, Le Poulichet (2014) irá dizer que nesse processo surgem o que ela denomina de *envelopes sensoriais paradoxais*. Estes atuam de modo defensivo contra os primeiros terrores gerados por desejos incestuosos.

Entendemos que esses envelopes sensoriais paradoxais podem ser compreendidos como experiências sensório-psíquicas, uma vez que estes envelopes dizem respeito ao que é experienciado a nível sensorial, mas associado a um elemento psíquico - a fantasia. A ideia de envelope sensorial remete a uma alteração na captação de estímulos pelo paladar, audição, olfato e/ou tato. Essas alterações são fruto do impacto das teorias fantásticas no corpo em termos de percepção sensorial. Assim, o adolescente experimenta sensorialmente uma distorção sobre sua percepção corporal, a qual se projeta sobre o espelho e sobre sua imagem, podendo desencadear quadros como anorexia e bulimia. Pode-se, então, dizer que as experiências sensório-psíquicas estão articuladas com as teorias fantásticas da adolescência, embora enquanto estas últimas estejam em um nível mais psíquico, na dimensão da fantasia e dos conflitos edipianos, os envelopes dizem mais sobre o impacto dessas teorias no campo sensorial.

A criação dos envelopes e das teorias fantásticas da adolescência está relacionada aos processos característicos da formação de sintomas neuróticos em que atuam tanto o desejo sexual inconsciente, como sua proibição (Le Poulichet, 2014a). Ainda conforme a autora, o termo “envelope” não se refere apenas a uma dimensão espacial, ele abarca uma temporalidade:

Além disso, não há nada estático ou fixo sobre ele: a criação de um envelope sensorial é uma forma em movimento, dotada de mobilidade e plasticidade, sendo estas duas últimas características acentuadas durante o processo analítico. Não pode ser descrito apenas como 'psíquico', assim como não pode ser reduzido a um envelope 'corporal', pois as duas dimensões são inseparáveis. A criação de envelopes sensoriais paradoxais associados às fantásticas teorias da adolescência é desde o início corpórea e psíquica, assim como o corpo-ego freudiano de 1923 [...] (Le Poulichet, 2014a, p. 818, trad. nossa)

A partir da introdução da ideia de envelopes sensoriais paradoxais, a invenção de figuras e ficções na adolescência será compreendida por Le Poulichet como ocorrendo através de aparelhos sensoriais e perceptivos que se encarregam dos conflitos internos. Esses aparelhos se associam às instâncias psíquicas para dar ao corpo extensões no mundo, mesmo que seja por um breve período. Segundo Le Poulichet (2014a): “O investimento dos caminhos sensoriais constitui assim um recurso, e não um defeito, para dar origem à criatividade do sintoma” (p. 817, trad. nossa). A sensorialidade aqui não diz necessariamente sobre um nível arcaico, pois vale lembrar que o eu (moi) corporal é derivado das sensações corporais. Trata-se de uma sensorialidade ligada a representações, afetos e fantasias e não de uma sensorialidade puramente somática.

Assim, as criações de envelopes sensoriais paradoxais podem se manifestar de modo protetor ou perseguidor. Estas criações, que se manifestam na adolescência, agora são compreendidas por Le Poulichet como a base para as teorias fantásticas. A falta parcial de um olhar identificador dos pais durante a infância, bem como a ausência de limites retornará, então, sob a forma de experiências sensoriais associadas a teorias ilusórias de natureza delirante, o que pareceria estar relacionado a uma possibilidade criativa. A autora aponta que: “a criatividade do ego-corpo deve ser entendida como um conjunto de movimentos, forças e formas que são expressas através de sensações, emoções, imagens e representações” (Le Poulichet, 2014a, p. 819, trad. nossa).

Por fim, a dimensão paradoxal destes envelopes, diz respeito ao processo em que algo pode se transformar em seu oposto ou que os opostos podem coabitar e coexistir, em especial na forma de intrusão. Logo, percebemos a importância da sensorialidade nesse processo de criação de ficções presentes nas teorias fantásticas. Até então, no livro *Psychanalyse de l'informe* (2003), Le Poulichet não havia abordado sobre a sensorialidade, sobre os envelopes sensoriais e sobre as teorias fantásticas da adolescência. Notamos assim, que este foi um desenvolvimento mais recente em sua teoria, que parece partir da teoria do informe e avançar nestes novos elementos dando maior ênfase à dimensão da fantasia e a sensorialidade. No entanto, Le Poulichet possui diversos trabalhos mais antigos que abordam a clínica, em especial a bulimia e a anorexia, conhecidos como os distúrbios alimentares que afetam muitos adolescentes nos dias de hoje. Nesses trabalhos é possível identificar não apenas raízes da teoria do informe, mas também, acreditamos, das teorias fantásticas e dos envelopes sensoriais. Vejamos como esses textos nos ajudam a pensar essas origens e, consequentemente, a clínica da adolescência.

3.4 Bulimia e a Anorexia: Raízes do informe

A anorexia é um problema de saúde pública que acomete principalmente adolescentes e jovens adultos. Esse período é marcado por crises que resultam em sintomas alimentares que revelam a dificuldade da transição do corpo infantil para o corpo adulto (Gomes *et al.*, 2020). De acordo com o Ministério da Saúde (2022), uma estimativa apresentada pela Associação Brasileira de Psiquiatria, identificou que distúrbios alimentares afetam mais de 70 milhões de pessoas no mundo. Estes distúrbios correspondem a quadros de anorexia, bulimia, compulsão alimentar, dentre outros. Ademais, a anorexia e a bulimia apresentam grande incidência entre os jovens, afetando especialmente as mulheres. Na anorexia, a maior incidência ocorre na faixa etária entre 12 e 17 anos (Ministério da Saúde, 2022).

Em uma breve descrição psiquiátrica destes distúrbios, a chamada anorexia nervosa tem três características fundamentais: “restrição persistente da ingesta calórica; medo intenso de ganhar peso ou de engordar ou comportamento persistente que interfere no ganho de peso; e perturbação na percepção do próprio peso ou da própria forma” (DSM-V, 2013, p.339). No caso da bulimia nervosa, este quadro envolve episódios de compulsão alimentar, seguidos de comportamentos como vômitos autoinduzidos, uso indevido de laxantes, diuréticos ou outros medicamentos. Há uma preocupação com a forma e o peso corporal, e este distúrbio atinge seu pico no fim da adolescência e no início da vida adulta (DSM-V, 2013).

Na psicanálise, a anorexia é mencionada poucas vezes nos textos de Freud. No rascunho G., ele aponta que a perda de apetite presente na anorexia, está relacionada a impasses na sexualidade, havendo a perda de libido. De acordo com ele:

A neurose nutricional paralela à melancolia é a anorexia. A famosa anorexia nervosa das moças jovens, segundo me parece (depois de cuidadosa observação), é uma melancolia em que a sexualidade não se desenvolveu. A paciente afirma que não se alimenta simplesmente porque não tem nenhum apetite; não há qualquer outro motivo. Perda do apetite – em termos sexuais, perda da libido (Freud, 1895/1969, p. 283). Rascunho G.

A partir do exposto, veremos como Le Poulichet pensa esses casos. Assim como Freud, ela irá ressaltar a dimensão sexual presente nos quadros de anorexia e de bulimia, avançando em alguns elementos. Para ela, estes casos fazem parte da clínica do informe, também sendo marcados pela sensação de falta de contornos e de ameaça de ser aniquilado. Em *Psychanalyse de l'informe* (2003), ela apontará que a imprecisão dos limites entre "devorar e ser devorado" ou "rejeitar e ser rejeitado" marca os quadros de anorexia e bulimia. Ademais, esses distúrbios são associados aos terrores do informe e podem apresentar-se na clínica acompanhados por um grande sentimento de culpa, considerando a presença de um superego feroz. A partir de uma sensação de não estar sendo visto no mundo, o sujeito se sente invisível e esta falta de reconhecimento, em especial pelo campo do olhar, torna difícil a ele o investimento em um corpo próprio que tenha desejos e seja desejável (Le Poulichet, 2003).

Para melhor compreender estes aspectos, convém retomar a apresentação que Le Poulichet faz sobre a bulimia uma década antes em *O tempo na psicanálise* (1994/1996). Como veremos, muitos elementos do informe já estão presentes neste texto. Le Poulichet dedica um capítulo denominado *A bulimia e o tempo canibalesco* para falar especialmente sobre a bulimia.

A bulimia é caracterizada como uma necessidade de se alimentar, uma forma de preencher um vazio (1994/1996). Ao mesmo tempo, nesse processo, há a tentativa de que o sujeito alimente sua própria imagem sob o olhar do outro. De acordo com Le Poulichet, a busca por preencher esse vazio vai no sentido de uma busca por existir. Esse distúrbio diz sobre uma voracidade que retoma a fase oral. Nesta fase, há a incorporação do objeto amado, na tentativa de conservá-lo, seguida de uma destrutividade deste mesmo objeto. Na bulimia, a

repetição entre incorporar e regurgitar gera um circuito repetitivo. Conforme a autora destaca: “[...] engolir incessantemente o objeto amado e assim destruí-lo equivale a tornar-se mais e mais esse objeto engolido e aniquilado” (Le Poulichet, 1994/1996, p. 123).

Para Le Poulichet (1994/1996), a pessoa se torna esse objeto que incorpora, como se ela e ele fossem um só. Assim, este objeto não é percebido como distinto e se torna uma parte do sujeito. Esse processo ocorre devido a uma falha temporal, que gera um “puro *devenir* circular” (p.123). A repetição desse ciclo impossibilita a construção daquilo que é reconhecido como passado. Aqui notamos uma dimensão traumática que impede o processo de historicização, levando à repetição. Este aspecto irá aparecer em textos posteriores, como em *L'informe temporel: s' anéantir pour exister* (2005). Ademais, há um laço paradoxal no movimento de autodestruição e conservação desse objeto de amor. Tal paradoxo também é característico dos limites imprecisos do fenômeno do informe, descritos posteriormente.

Le Poulichet (1994/1996) destaca que esse outro incorporado é a figura materna. As crises denunciam a falha na separação entre o eu e a mãe incorporada, expressando justamente a confusão entre corpos. A bulimia seria, então, uma tentativa de uma resposta autoerótica diante de um outro materno que apresenta-se como uma figura devoradora. Como coloca a autora:

Mas no círculo alimentar do amor e ódio, essa atividade se transforma em: ‘tornar-me eu mesma grávida de minha mãe, que deve ser nutrida sem cessar pela minha própria existência’. E esse puro *devenir* circular e canibalesco substitui assim um tornar-se mulher (Le Poulichet, 1994/1996, p. 125).

Entendemos que esse processo de incorporação impossibilita que o sujeito tenha um lugar de desejante. O sujeito fica em função das vontades desse outro e, por isso, o “tornar-se mulher” parece ser impossibilitado. Aqui não há lugar para o sexual da filha, devido essa mãe devoradora que parece cumprir um papel de superego feroz. Pensamos que isto diz sobre a adolescência, onde as mudanças da puberdade indicam uma passagem de um corpo infantil, considerado como um corpo de menina, para um corpo adulto de mulher.

Como sabemos, a adolescência envolve justamente o desprendimento das figuras primordiais. O adolescente tende a se diferenciar de seus pais de modo que vá assegurando seu modo próprio de ser e desejar, investindo em objetos externos à família. Aqui, não só na bulimia, mas podemos pensar que nas teorias fantásticas da adolescência esse processo parece

ser dificultado, uma vez que o outro primordial é incorporado, ocupando e dividindo esse corpo com o adolescente.

Apesar de Le Poulichet estar se referindo à especificamente à bulimia nesse texto, esse quadro tem muito em comum com a anorexia. Sabemos que a anorexia e a bulimia podem acarretar na interrupção ou na desregulação da menstruação. Nesse sentido, alguns autores, como Souza e Santos (2006), parecem trazer essa consonância com Le Poulichet, apontando a anorexia e a bulimia como um modo de recusa da maturidade sexual e da feminilidade. Há uma tentativa de conservação do corpo infantil que tende a evitar a jovem de se tornar mulher. Essa noção parece estar bem presente na literatura psicanalítica, aparecendo em outros autores contemporâneos como Marcos (2016), Marini (2016) e Gomes *et al.* (2020). No entanto, Le Poulichet avança no sentido de pensar na relação desse fenômeno com o espelho, marcado por um excesso, como veremos a seguir.

Para Le Poulichet (1994/1996), no nascimento ocorre um corte entre o filho e a mãe, mas esse processo não é suficiente, exigindo uma divisão subjetiva. A partir dessa divisão, gera-se uma falta a qual permite que o desejo do sujeito apareça. Para a autora, na bulimia, há uma falha nesse processo, com uma incessante reversibilidade neste fenômeno “engoli=ser engolida=engolir-se a si mesma” (p.121).

Diante do espelho, surge uma ficção na qual a imagem refletida pelo espelho não retorna ao corpo da filha e sim para o da mãe, como um “rapto da imagem” (1994/1996, p.126). Na fantasia materna, a imagem da filha ocupa um lugar de imagem apenas parcial. Nesse sentido, Le Poulichet destaca que deveria haver um “totalizar três” (p.127) que se daria entre a mãe, a filha e o espelho, de modo que a filha não absorvesse essa imagem e as falas que lhe são passadas por sua mãe como, por exemplo, “ela é como eu”. Para a autora, caberia ao espelho conservar a distância entre os corpos para que a sombra materna não recaia sobre o eu da filha e para que a saída encontrada não seja a bulimia, onde há a tentativa de “devorar a sombra da mãe” (Le Poulichet, 1994/1996, p.127). Nesse sentido, a autora destaca a importância desse processo de totalizar três:

A abertura de um tornar-se mulher, correlativo de um tornar-se semelhante e estranha, advém de uma relação com o espelho que se elabora em uma montagem a três: para que a mãe não venha a ser uma tela entre o espelho e a filha, mas oriente esse espelho com suas falas e seu desejo, de tal modo que ele reflita a filha. (Le Poulichet, 1994/1996, p.127)

Esse espelho, que impossibilita a filha de se encontrar com sua imagem, gerando um processo de devorar e ser devorado, é o que Le Poulichet chama de *espelho oral*. Podemos pensar que esse aspecto tem muito em comum com a noção de envelopes sensoriais paradoxais. O devorar e ser devorado diz sobre um paradoxo onde opostos coexistem simultaneamente. Além disso, os envelopes sensoriais paradoxais envolvem simultaneamente um caráter de proteção e restrição, esta última acompanhada de uma certa persecutoriedade. Desse modo, na bulimia, o processo de devorar e ser devorado comporta esses elementos, uma vez que diz sobre uma defesa do sujeito ao temor do aniquilamento. Ao mesmo tempo, o sujeito sofre com a persecutoriedade dessa mãe incorporada que deve ser alimentada e que impõe diversas restrições.

O espelho oral é fruto de um olhar que elimina e aniquila, gerando na filha a sensação de um excesso marcado por um: “ser demais, engolir demais, tornar-se esse demais incorporando-o e ao mesmo tempo, tornar-se esse demais a ser eliminado, que é também a sombra da mãe”. (Le Poulichet, 1994/1996, p.127). Para a autora, isso gera a sensação de que o sujeito deve desaparecer, uma vez que o corpo é identificado com esse excesso a ser eliminado. O sujeito, então, se autodestroi e se condena por ser esse *demais*.

Le Poulichet (1994/1996) fala desse processo que ocorre frente ao espelho apontando que há um olhar eliminador, responsável pela sensação de aniquilamento no sujeito e pela fantasia desse Outro devorador. Essas características são encontradas na origem do fenômeno do informe, onde há falha no processo de especularização e o sujeito tem dificuldade em reconhecer sua imagem e seu corpo. Ao falar sobre o informe, posteriormente, Le Poulichet (2004) destaca: “a clínica do informe nos leva a pensar que - contra o pano de fundo de um processo de um fracasso no especularização - uma relativa ausência de delimitação entrega ao ‘eu’[Je] a movimentos de identificações assustadores [...]” (p.58, trad. nossa). Notamos que a importância do espelho e do reconhecimento da imagem corporal da criança pelos objetos primordiais está presente na teoria de Le Poulichet desde 1994 e é retomada em 2004.

No informe, há uma precariedade da permanência da própria imagem e do olhar do outro. O superego assume a figura de um Outro absoluto ou todo-poderoso que deixa o sujeito suspenso no terror. Esse Outro corresponde a uma figura perseguidora que dita restrições. Em 1996 essa ideia aparece, então, voltada para a bulimia, onde a figura materna assume esse lugar de Outro que condena. Notamos, assim, que essa ideia irá retornar e se expandir na teoria do informe, não se restringindo aos casos de bulimia, mas envolvendo de forma geral os casos da clínica do informe. Dentro da teoria do informe encontram-se, ainda, as noções de teorias fantásticas da adolescência e envelopes sensoriais paradoxais. Na adolescência, a

criação de teorias fantásticas envolve uma identificação com um Outro perseguidor, o que é experienciado a nível perceptivo através dos envelopes sensoriais paradoxais. Desse modo, vemos que desde 1994, a autora traz noções importantes que serão envolvidas posteriormente na teoria do informe e que refletirão nas teorias fantásticas da adolescência.

Retomando ao texto de 1994, a autora destaca que há também uma certa relação com o conflito edípico nesse processo da bulimia. Le Poulichet (1994/1996) coloca que a filha, ao interiorizar essa mãe, cria a ficção de que estaria, então, grávida. Logo, a filha estaria grávida de seu próprio pai. Essa ficção ilustra um desejo edípico, que parece ser punido por esses atos autodestrutivos da bulimia. Para a autora, a fantasia é a responsável por possibilitar essas construções e ficções paradoxais, em que as contradições se manifestam simultaneamente. Nesse texto, lembremos, Le Poulichet ainda não havia desenvolvido a noção de teorias fantásticas da adolescência, porém inferimos que esta ficção poderia ser um exemplo de teoria fantástica, uma vez que envolve a fantasia de uma gravidez associada a um conflito edípico. Ademais, o corpo está em questão, há a sensação de aniquilamento, de ausências de limites e existe a presença de elementos paradoxais que caracterizam as teorias fantásticas da adolescência.

Após quase dez anos, em *Psychanalyse de l'informe* (2003), Le Poulichet novamente fala sobre a bulimia, destacando que o processo-limite envolvido é o de uma parte corporal que se identifica com o alimento, enquanto a outra parte encarna uma “mãe-alimentada pela filha-alimento” (p.82, trad. nossa). Lembremos que os processos-limites são processos temporários e dinâmicos que cruzam fronteiras ou limites “[...] entre o fora e o dentro, entre o morto e o vivo, entre o ego e o objeto, entre o somático e o psíquico, entre o masculino e o feminino” (2003, p.12, trad. nossa). Eles implementam a recomposição de um lugar de suporte para o eu (Je). Mas trata-se de processos paradoxais, pois marcam a contradição dos polos opostos como a autodestruição e autopreservação

A autora também mostra neste texto que há uma repetição, um tempo circular que gera um circuito autofágico incessante. Esse encontro gera no sujeito a necessidade de preencher incansavelmente o corpo com conteúdo na busca por um corpo com bordas, um corpo continente. Há nestes casos uma culpa, advinda de um outro materno incorporado que condena o que há dentro, gerando a necessidade de eliminar e expulsar, através do regurgitar. Portanto, a autora parece manter sua concepção sobre a bulimia, mas aqui situando-a na teoria do informe.

Em 2015, no texto *Compositions corporelles et actes de naissance dans le transfert*, Le Poulichet irá destacar que a bulimia se apresenta como uma procura pela ligação da zona

sexual oral. O terror do desaparecimento característico nesse processo se soma aos processos limites, estando geralmente relacionado à sensação de não se estar completamente formado ou “fechado”. Assim, por meio das figuras e deslocamentos, é possível a emergência de fobias e posteriores mecanismos de defesa específicos (Le Poulichet, 2015a). Nesse mesmo ano, em *Du trauma a la passion*, Le Poulichet (2015c) faz uma menção à Dumet e Juteau (2013), concordando com os autores, os quais apontam que a anorexia e a bulimia, apesar do caráter mortificante, correspondem às modalidades para a realização e simbolização de experiências. Logo, podemos pensar que estes quadros buscam uma saída através das fantasias, as quais atuam como um certo modo defensivo, além de uma inscrição temporal do excesso traumático. Diante do exposto, vale a ilustração de passagens clínicas descritas pela autora que auxiliam na compreensão de sua teoria e de como os fenômenos do informe e das teorias fantásticas da adolescência se apresentam.

No artigo *Du trauma à la passion: quand le corps se fait question*, Le Poulichet (2015c) descreve o caso de Marie-Paul, uma adolescente que foi internada aos doze anos em decorrência de um quadro severo de anorexia. Este caso traz muitos elementos para se pensar na clínica da adolescência, onde as questões corporais se manifestam intensamente.

Marie chega à análise relatando ter ansiedade, se sentindo atacada, abandonada e correndo risco de morte. Ela também relata a sensação de não ter um corpo e sentir um vazio. Após algumas sessões, dizia se sentir como uma poça: “ela vaza e é líquida”. Ademais, havia dores e pontos de tensão por todo seu corpo, como uma forma de mantê-lo unido. Esse caso nos ilustra como o informe pode se apresentar no discurso dos pacientes, quando eles descrevem o vazio, uma desapropriação corporal, uma falta de um corpo sólido e unificado, dentre outras possibilidades. Notamos aqui que Marie tem a sensação de um corpo não consistente que está ameaçado. Parece-nos que essa ameaça corresponde ao efeito do terror do informe. Ademais, a dor aparece como um mecanismo de defesa frente a esse terror.

Outra questão que aparece no caso descrito por Le Poulichet é a relação da analisanda com a cena originária. Marie, ao contar sobre seu nascimento, relata que nasceu roxa e que seus pais achavam que ela não sobreviveria. Seu pai lamenta o nascimento da menina, pois desejava ter um filho homem.

Quando Marie tinha seis anos, sua mãe engravidou e teve um menino. No entanto, ela acabou perdendo o bebê no dia seguinte do nascimento; esse irmão chamava-se Paul. Após este acontecimento, a mãe passa a rejeitar Marie, a qual é enviada a um internato. Marie aponta que sentia como se não existisse e como se fosse culpada. Vemos aqui que faltou um olhar que reconhecesse Marie. A partir desse caso, podemos pensar na origem do informe,

onde não há um investimento suficiente dos objetos primordiais que unifiquem e deem suporte a imagem corporal da criança dando a sensação de uma unidade corporal. Desse modo, isso leva à sensação de limites imprecisos que podem se associar a um vazio e desencadear um sentimento de não existência. Marie não se sente desejada, não sente que seu nascimento foi reconhecido. Desta forma, ela tem dificuldade em se reconhecer como um sujeito de desejos, com um corpo próprio e com sexualidade.

A anorexia de Marie começou aos doze anos, quando ela ficou menstruada. Ela aponta: “era o fim do mundo, eu estava sangrando e decidi ficar na cama, para morrer” (Le Poulichet, 2015c, p.52, trad. nossa). A analisanda associava sua mãe a uma figura morta, dizia que quando foi amamentada era como se ela não tivesse recebido nada, porque sua mãe não a desejava. Marie sentia muitas dores de estômago e chegou a apontar que teve que “engolir sua mãe”. Após uma melhora no quadro de anorexia, a menstruação de Marie, que havia cessado, retorna de forma muito intensa. Ela sente muitas dores, as quais compara a um “parto”. As dores na barriga também aparecem quando ela rompe alguma relação pessoal e quando se sente esquecida. Ela diz ao longo da análise “ no início, minha anorexia era acabar com minha feminilidade e estar morta” (Le Poulichet, 2015c, p.54, trad. nossa).

Vemos que Marie encontra algumas saídas diante de seu sofrimento, que se dão a nível de fantasia e parecem ter um caráter defensivo. Sabemos que diante do terror do informe são criadas as teorias infantis do informe, as quais podem retornar na adolescência como teorias fantásticas da adolescência. Isto parece ter acontecido no caso descrito. Le Poulichet coloca que a dor na barriga de Marie aparece associada a representação da mãe engolida, ao mesmo tempo que representa “[...] a barriga desta mãe que dá à luz a bebês condenados à morte; dor na barriga significando tanto agonia, quanto nascimento” (Le Poulichet, 2015c, p.57, trad. nossa). Pensamos que estas ficções relacionadas à dor e à menstruação correspondem às teorias fantásticas da adolescência. Ademais, inferimos também que as dores se relacionam com os envelopes sensoriais paradoxais, pois são alterações geradas na sensorialidade que provocam estímulos dolorosos em associação com as ficções fantásticas de Marie.

Marie se sentia raivosa, adoecia e se machucava, na tentativa de receber atenção, afeto e reconhecimento de seu pai. Ela também relaciona as dores que sentia, geralmente situadas no lado esquerdo de seu corpo, ao seu pai. A analisanda teve um sonho em que teve seu braço esquerdo amputado. A partir disso, ela percebeu que seu pai costumava se sentar à sua esquerda na mesa e que era canhoto, assim como ela, segurando a faca na mão esquerda para cortar a comida. Sua mãe também se sentava à esquerda. Assim, neste sonho Marie estaria sendo “amputada” de seus pais, separada deles. Agora, diferenciada de seus pais, ela poderia

"experimentar uma nova 'continuidade de existência' para si mesma" (Le Poulichet, 2015c, p.56, trad. nossa).

Outro caso que pode ilustrar o fenômeno do informe na adolescência é o caso de Laura. Esse caso foi descrito no artigo *Créations d'enveloppes sensorielles paradoxales* (Le Poulichet, 2014). Laura é uma adolescente de dezesseis anos de idade. Ela conta que nasceu após a morte de sua avó materna e que seu nascimento foi associado a essa ocasião. A mãe de Laura sofreu muito com essa perda e a relação entre elas ficou marcada por muitos silêncios. Assim, a mãe da analisanda falava muito pouco com a filha. Como no caso anterior, neste caso também há a falta parcial de um olhar parental. Laura se encontra em um cenário em que pode ser compreendida como uma substituta de sua avó falecida ou como um duplo de sua mãe. Esse duplo pode ser entendido pelo fato de a mãe, apesar de falar pouco com Laura, manter uma aproximação física constante com ela.

Laura chega na clínica relatando um terror de ser apagada, de não existir e de ser abandonada por esta mãe. A analisanda tem a convicção de que está sendo observada constantemente. Inicialmente, sente que uma câmera filmadora a persegue tanto na rua, quanto dentro de sua própria casa. Nesse contexto, ela evita o silêncio, procurando se distrair com músicas ou com programas de televisão. Ademais, ela se queixa de um suor excessivo que a constrange e acaba a impedindo de tocar e ser tocada. Consequentemente, esta proibição ao toque gera uma inibição na sexualidade de Laura.

Nas sessões, Laura atribui esses aspectos ao início da puberdade, ao divórcio de seus pais e ao efeito de um filme denominado como "O show de Truman". Nesse filme, o protagonista tem sua vida filmada sem consentimento. Desde o nascimento do protagonista, a vida dele é transmitida pela televisão, virando um programa famoso. Truman não tem conhecimento de que isto está acontecendo. Laura se impressiona com essa história e se sente presa em um cenário cinematográfico, se sentindo sempre observada, assim como o protagonista do filme. Ao decorrer da análise, ela parece desconstruir suas crenças. Nesse contexto, ela lembra que na infância havia imaginado estar sendo seguida incessantemente por um pequeno disco voador, situado próximo a sua orelha. Este disco voador realizava constantemente comentários e críticas aos seus pensamentos. No início da adolescência, essa crença se transforma em um terror que se manifestava de noite, quando ela acordava e via "um homem mascarado com um olhar perverso se arrastando pelo chão no escuro" (Le Poulichet, 2014a, p. 813, trad. nossa). Este homem, segundo ela, iria apunhalá-la.

Le Poulichet (2014a) aponta que Laura foi capaz de fabricar teorias fantásticas da adolescência e envelopes sensoriais paradoxais, como forma de assegurar sua existência.

Pensamos que isto fica claro com as criações de Laura: estar sendo perseguida por um disco voador, por uma câmera e por um homem mascarado. Essas criações são marcadas pela fantasia e correspondem às teorias fantásticas da adolescência. Como já apontado, essas teorias têm como características o fator defensivo frente ao terror do informe. Recebem o nome de teorias infantis do informe na infância e podem reaparecer na adolescência de forma modificada. Assim, aparentemente, quando criança, Laura criou a teoria de que era perseguida por um disco voador. Esta teoria teria deixado marcas, se manifestando posteriormente na adolescência como uma câmera que a persegue ou como um homem mascarado. Como já mencionado, eventos da primeira infância produzem sulcos profundos por meio das vias sensoriais gerando impactos posteriores.

O fato de Laura achar que está sendo filmada traz a sensação de estar sendo vista e, conseqüentemente, de não ser apagada. O mesmo ocorre no caso do disco voador que a acompanha, ou seja, ser perseguida é uma maneira de ser vista. O disco voador, além disso, por proferir julgamentos à analisanda, pensamos que isso é um exemplo típico da função exercida pelo superego quando a permanência da própria imagem e do olhar do outro é precária. Ele assume a figura de um Outro absoluto, aterrorizante e perseguidor, dando uma consistência sensorial e figurativa ao superego. Compreendemos que são essas as ficções que se manifestam em experiências sensoriais e perceptivas advindas de terrores infantis.

A respeito da criação do homem que rasteja à noite no quarto de Laura para a apunhalar com uma faca, gerando ansiedades noturnas, esta é associada na análise com questões edípicas e com os devaneios eróticos de Laura com seu pai. Aqui identificamos a marca específica que diferencia as teorias fantásticas da adolescência das teorias infantis: o aspecto edípico. Nesta ficção, especificamente, além do investimento incestuoso, vemos a dimensão mortífera de um assassinato que se manifesta em uma composição fantasmática, onde a sexualidade e o mortífero se entrelaçam (Le Poulichet, 2014).

3.5 Um corpo marcado pela fantasia

No artigo intitulado como *Argument - Corps, trauma et processus créateurs*, Le Poulichet (2015b) destaca a presença do corpo no tratamento analítico, corpo que é reencontrado e recomposto na análise. Segundo seus apontamentos:

De fato, é o corpo como nunca foi apreendido fora do tratamento: o corpo como uma forma fantástica e matéria do sexual infantil inconsciente associado à sensorialidade. Nesse processo, às vezes é realizada a recomposição de figuras corporais arcaicas, que por si só têm o poder de tornar inteligíveis as aventuras que afetam os corpos dos pacientes. (Le Poulichet, 2015b, p. 6, trad. nossa)

A análise possibilita a emergência de formas primárias de simbolização e de reativação de traços mêmicos. Ainda conforme Le Poulichet (2015b):

Parece que a relação corpo-pensamento-fala deve ser constantemente transformada no decorrer das experiências clínicas, de modo que a fala e o pensamento possam integrar a dimensão das experiências sensoriais. E o que pode ser chamado de elaboração do corpo na fala coloca em jogo novas conexões que envolvem "formas-sensações" tanto quanto traços de percepções, forças impulsivas e representações (p.7, trad. nossa).

Estes fatores mencionados se apresentam na clínica adolescente, onde às experiências sensoriais se manifestam atreladas à particularidade dessa fase do desenvolvimento. Le Poulichet fala sobre como o corpo do adolescente é perpassado por estas questões.

Para ela, o envelope corporal irrompe no limiar da adolescência. Nesse ponto, em que se vislumbra a possibilidade de desintegração, o adolescente engendra mecanismos mais ruidosos ao interagir com os demais, buscando preservar um corpo que se encontra em parte abalado, fluido e angustiado. Conforme aponta Le Poulichet, é de suma importância escutar atentamente esses pacientes, considerando os primeiros medos associados à percepção da imagem corporal proprioceptiva, ao mesmo tempo em que os conecta às fantasias sexuais latentes e aos dilemas edipianos. Afinal, é o processo de sexualização gradual do discurso e dos sonhos durante o curso do tratamento que proporciona ao corpo a oportunidade de encontrar uma ancoragem genuína (Le Poulichet, 2015c).

Na adolescência, portanto, há a sensação de um corpo que está se desfazendo e um imenso sofrimento provocado especialmente pelas transformações da puberdade, que deixam um lugar insustentável ao sujeito, pois o levam a se reposicionar no mundo, em suas relações e em sua autopercepção. O adolescente é levado a realizar uma nova composição corporal. Segundo Le Poulichet (2015a):

Compor significa arranjar, montar, criar, formar um todo através da montagem de elementos: neste caso trata-se de compor figuras do corpo detidas pela linguagem e imagens que surgem entre o analista e o analisando. A figura - muitas vezes definida

como a representação gráfica e plástica de um conjunto de sinais - envolve aqui a geometria do corpo pulsional apreendido em sensações, sinais, formas e volumes. E a composição das figuras do corpo no tratamento corresponde a um cenário criativo em um movimento que se desdobra entre o analista e o analisando, pondo de novo a dialética entre parte e totalidade do corpo erógeno. (p.53, trad. nossa)

As diversas intervenções que adolescentes na atualidade realizam sobre seus corpos (tatuagens, *piercings*, hormonizações, procedimentos estéticos) parecem dizer sobre uma busca de uma composição corporal, uma forma de se colocar na sociedade e de construir sua identidade. Aqui, queremos sugerir que a concepção de corpo, em Le Poulichet, poderia ajudar a compreender o que chamamos de composições corporais da adolescência, a partir da perspectiva do informe.

Neste capítulo vimos as particularidades do período da adolescência, em especial sobre a relação entre o adolescente e seu corpo, um corpo que, com a puberdade, carrega uma dimensão traumática e exige do adolescente uma nova composição corporal. Também vimos como as teorias fantásticas da adolescência operam em articulação com os envelopes sensoriais paradoxais. Compreendemos a relação desses elementos com a teoria do informe e com os quadros de anorexia e bulimia. Diante disso, nos questionamos como estas colocações podem lançar luz sobre os fenômenos atuais da clínica da adolescência? E quais seriam as possíveis saídas para esse sofrimento que se exprime no corpo dos adolescentes? Essas questões serão melhor exploradas adiante.

Capítulo 4

Questões atuais: composições corporais na adolescência

A partir da teoria do informe, como apresentado nas formulações teórico-clínicas de Le Poulichet, compreendemos que as criações e ficções dos adolescentes, as quais se manifestam através do que ela chama de *envelopes sensoriais paradoxais*, decorrem da necessidade de redefinir o modo como as sensações corporais e impressões sensoriais são percebidas pelo sujeito, o que a autora refere como dar forma ao corpo.

Em um primeiro momento, vimos que a fantasia desempenha um papel fundamental no informe, se manifestando através das teorias infantis do informe e das teorias fantásticas da adolescência, como uma forma de defesa frente ao terror do informe. As fantasias, nesses casos, se manifestam através de processos criativos, em que o sujeito cria teorias próprias para se proteger e buscar a preservação da sensação da continuidade de sua existência. Posteriormente, por meio da noção de envelopes sensoriais paradoxais, compreendemos que não só as fantasias viabilizam essa defesa, mas há uma sensorialidade atrelada a elas. O caráter sensorial parece trazer mais vivacidade a estas criações psíquicas que repercutirão posteriormente sobre o corpo. O adolescente, sente, vê e escuta suas invenções, como vimos no capítulo anterior, de forma que elas parecem mais realistas. Para Le Poulichet, essas criações psíquicas abrem a possibilidade de um trabalho, no qual o adolescente pode ensaiar novas configurações perceptivas em relação a seu corpo e seus limites, através da experiência de análise com um psicanalista que o escute. Neste capítulo, veremos como os processos criativos do sujeito, originados no trabalho da dupla analista-analisando, atuam no processo de travessia dos terrores do informe. Também pretendemos destacar o papel do analista e da transferência no processo de análise dos casos que correspondem a essa chamada *clínica do informe*.

Por fim, a partir desse contexto das teorizações de Le Poulichet apresentadas nos capítulos anteriores sobre o corpo, seus contornos e o modo como eles são sentidos e percebidos pelo sujeito, pensaremos, através da perspectiva do informe de Le Poulichet em diversos fenômenos de modificações corporais culturais realizadas pelos adolescentes nos dias de hoje. Acreditamos que Le Poulichet pode nos ajudar a refletir sobre as inscrições corporais, marcas identitárias e intervenções estéticas e físicas sobre o corpo para além da clínica e que se destacam no campo social. Nesse caminho, realizaremos aproximações entre a

teoria do informe e alguns elementos como: o fenômeno dos *piercings* e das tatuagens, a relação entre a imagem corporal e as redes sociais e, por fim, as questões de gênero.

4.1 A travessia do informe: processos criativos

Com base nos elementos cruciais destacados na teoria do informe, é fundamental esclarecer como ocorre a saída desse fenômeno, a qual Le Poulichet chama de *travessia do informe*. Isso nos leva a considerar a ideia de um processo de atravessamento que se inicia a partir de um estado de terror, que conseqüentemente gera criações fantásticas. Por fim, a dita travessia do informe pode vir a culminar na formação de um novo corpo, ou seja, o sujeito se apropria de seus limites e desenvolve novas sensações e captações perceptivas sobre ele mesmo e seu corpo.

O processo de construção de uma nova montagem corporal, ao nosso ver, abre caminhos para que o sujeito atravesse o terror de se sentir sem forma. Ademais, em nossa compreensão, essa travessia possibilita que o sujeito se reconheça em seu próprio corpo e em sua imagem. Dito de outro modo, as invenções e criações psíquicas fantásticas subsidiam a construção de novas formas corporais, o que pode culminar em uma apropriação corporal. Se o sujeito não se reconhece em sua imagem corporal, ele tende a vê-la como algo desconhecido, distorcido e informe. Entendemos que o senso de se apropriar ou se apossar, isto é, tomar o corpo como próprio, irá refletir na percepção dos contornos do corpo. Logo, este corpo passa a ser experienciado como um corpo mais consistente e formado. Mas como ocorre esse processo de travessia e qual é o papel dos processos criativos envolvidos?

Iniciaremos nossa discussão a partir do momento em que o sujeito inicia a análise. Ao chegar ao consultório, ele expressa uma queixa inicial. Com o desenrolar dos encontros e com o estabelecimento da transferência, essa queixa inicial se transforma em demanda de análise. Le Poulichet (2014b), em um artigo denominado como *Formation humoristique de transfert : de la créativité du symptôme et du rêve jusqu'au rire*, argumenta que o sintoma é uma formação singular que gera sofrimento para o sujeito. Nesse contexto, a análise se configura como um espaço no qual o sintoma leva o sujeito a formular perguntas sobre seu sofrimento. Para a autora, essas questões desencadeiam movimentos essenciais para o processo terapêutico. O sujeito tende à repetição até que possa encontrar um lugar de endereçamento de suas questões para melhor compreendê-las. Le Poulichet, neste mesmo trabalho, destaca que a transferência gera um local de possibilidades de associações, criações, assim como de

enriquecimento do campo onírico. Assim: “De fato, é no tratamento analítico que o sintoma pode encontrar suas fontes de criatividade [...]” (2014b, p.23, trad. nossa).

Mas afinal o que é um processo criativo? Um ano depois, em *Argument: Corps, trauma et processus créateurs*, Le Poulichet (2015b) destaca que esse processo corresponde a uma série de eventos novos, isto é, construções e associações feitas em análise que, ao se inscreverem psiquicamente, encontram um lugar atuando como eventos psíquicos que podem vir a alterar de forma duradoura a realidade interna e corporal do sujeito. Para a autora, o que viabiliza este processo criativo é a relação transferencial, a qual marca a presença de um outro que coloca o corpo do analisando em questão, isto é, permite que a imagem corporal do analisando seja abordada a partir de fantasias e criações também considerando elementos para além das palavras como: gestos, marcas corporais, expressões e movimentos. Além disso, é nesta relação que o desejo de um outro é capaz de dar uma vivacidade às palavras e animar o corpo do paciente. Retornando a 2014, em artigo intitulado *Créations d’enveloppes sensorielles paradoxales*, estes processos criativos são descritos como “um conjunto de movimentos, forças e formas que serão expressas através de sensações, emoções, imagens e representações” (Le Poulichet, 2014a, p.818).

Para elucidar os processos criativos, iremos destacar trechos de vinhetas clínicas, descritos em alguns trabalhos da autora. Em *Champ du regard et surgissement de la présence dans les processus créateurs*, Le Poulichet (2010b) narra um processo de análise no qual a analisanda realiza pinturas e fala dessas produções em sessão. No percurso analítico, a analisanda enseja “pintar de forma diferente, fazendo parte do mundo” (p.263, trad. nossa). Desde sua infância, ela reconhecia o ato de desenhar e modelar como um modo de criar um espaço para si, apontando: “era como uma criação de mim mesma” (p.263, trad. nossa). Outra fala da analisanda que demonstra o papel da pintura é: “pintar era uma prova da minha existência. Agora, se falhar, continuarei a existir” (p.265).

Neste caso clínico, a analisanda sofria diante do terror do informe e encontrou, junto com a análise, o recurso da pintura como um modo de enfrentamento. O que Le Poulichet destaca, neste artigo, é que o ato de pintar, modelar, assim como a música, a poesia e outras formas artísticas podem tornar-se atos criativos na própria análise. Conforme a autora:

Nessas curas, parece essencial não dissociar o que é elaborado na sessão e o que funciona no ‘ateliê’ (de pintura, de música ou de escrita...), pois o dispositivo transferencial especular que se constroi nas sessões está em permanente diálogo com o que emerge no ‘ateliê’, convergindo juntos para uma nova apreensão do corpo ancorada na presença (Le Poulichet, 2010b, p. 267, trad. nossa).

Até então compreendemos que as invenções do informe, através de teorias fantásticas e infantis, são acompanhadas por processos criativos, pois envolviam elementos inusitados e fantásticos. No entanto, Le Poulichet (2010b) afirma que não há apenas processos criativos em nível psíquico e individual na análise, estes podem se tornar atos de criatividade, ou seja, traduzir-se em ações e comportamentos dirigidos ao analista ou não, mas certamente implicados nas tensões geradas no processo transferencial. Assim, para além das criações próprias do analisando, existem ações (como o relato dos sonhos, uma variação na vestimenta ou no cabelo, levar um presente para o analista, mostrar uma foto, por exemplo) que ganharão um sentido inusitado ou novo, na medida em que estas ações são compartilhadas no campo transferencial. Este campo, segundo a autora, é um campo de presença e de tensionamento permanente de como um (analisando) está presente em relação a outro (analista), e vice-versa. Como visto acima, Le Poulichet designa o campo transferencial como um “dispositivo especular”, ou seja, que oferece a possibilidade do sujeito se ver em perspectiva. Assim, em nossa leitura, os atos criativos farão parte do processo de construção da apreensão corporal e, conseqüentemente, da travessia do informe, uma vez que poderão criar condições para o trabalho com as figuras psíquicas. Dito de outro modo, as criações psíquicas, se interpretadas como atos de criatividade pelo analista, ensejam abertura para criar novas imagens ou revisitar imagens arcaicas, gerar outras configurações de sentido. Veremos outro caso semelhante, no qual os atos criativos estão presentes nas falas e nas trocas ocorridas no processo analítico.

Trata-se do caso de Pascale, descrito alguns anos antes por Le Poulichet, em *Scènes originaires, somatisations et créations artistiques* (2007). Segundo a autora, Pascale possuía um eczema quando criança. Ela vivia com a cabeça raspada, uma vez que sua mãe não permitia que o cabelo da filha crescesse. Pascale relata que se sentia uma criança monstruosa e envergonhada. Após muitos anos, a mãe de Pascale revela que durante a Segunda Guerra Mundial ela havia se envolvido com um soldado alemão e, como forma de punição, a mulher teve seus cabelos raspados e foi exposta nas ruas.

Nas sessões, Pascale passa a elaborar sua história, a qual até então possuía omissões por parte da mãe. Quando criança, a analisanda tapava a cabeça com um pano, sobre o qual colocava diversos fios de lã, na tentativa de simular um cabelo. Na análise, Pascale disse que se tornou uma artista visual devido a sua história de vida, que a levou a trabalhar com fios, tecidos e fibras. Segundo Le Poulichet, para a analisanda, seu trabalho com a arte lhe permitiu

ter uma nova pele. A arte possibilitou a Pascale colocar em ato representações de seu sofrimento, o qual foi acompanhado pela criatividade reconhecida em análise, e posteriormente, por meio de seu trabalho artístico. Assim, Le Poulichet (2007; 2010b) destaca esses atos criativos (pôr os fios de lã na cabeça raspada, fazer pinturas, modelagens) como recursos para o surgimento de um tempo de simbolização e de alguma compreensão sobre si própria e sobre as sensações que emergiam da visão de seu corpo.

Diante do exposto, nos questionamos se certos fenômenos de modificações corporais culturais que incidem diretamente sobre o corpo, poderiam ou não ser considerados atos criativos da mesma natureza que Le Poulichet observa durante o processo analítico. Esses fenômenos seriam as transformações corporais, como as tatuagens, os *piercings* e outras intervenções sobre o corpo, que atualmente se articulam com as questões acerca das identidades de gênero. Os resultados da experiência de Le Poulichet, enquanto analista, apontam para uma clínica na qual existe um espaço de elaboração através do olhar e do trabalho com as imagens do corpo. Seriam estes resultados um modelo que serve à nossa hipótese? Seriam as modificações corporais atuais não apenas destinadas ao outro (analista), mas também a um outro social? Pretendemos explorar melhor esta questão mais adiante. Neste momento, nosso foco é a compreensão da dimensão da criatividade na composição corporal.

Para abordarmos a noção de composição corporal, consideramos fundamental destacar o artigo *Le corps pensé par les images de rêve* (2008). Neste trabalho, Le Poulichet destaca que o corpo é composto por figuras, as quais “captam, formam e transpõem o corpo” (2008, p.79, trad. nossa). Ademais, a autora aponta que:

O corpo pensado por meio de imagens de sonhos e da linguagem figurativa no tratamento analítico é capaz de extrair o analisando de seu terror [do informe] e fornecer-lhe pontos de referência que ele não poderia ter à sua disposição, já que os “espaços em branco” na história deixaram o corpo em um estado de deformação. (2008, p.81, trad. nossa)

Entendemos que as associações feitas no sonho do sujeito, através de deslocamentos e condensações, possibilitam formas de decompor e recompor o corpo do analisando através de imagens. Nesse cenário, cabe ao analista acolher essas imagens do corpo e construir um sentido junto com o sujeito sobre estas figuras que emergem no campo onírico. Nesse

contexto, compreendemos que, o trabalho onírico em análise tem um importante papel para o processo que a autora denomina de composição corporal:

O sonho é, portanto, essencialmente um trabalho de composição da realidade psíquica, e sua recorrência na análise lhe dá o status de um evento com o poder de desencadear a travessia de planos de identificação. (Le Poulichet, 2008, p.85)

Logo, entendemos que o corpo é criado, inventado e composto por meio de imagens as quais são transmitidas na análise e destinadas ao analista. A relação transferencial parece possibilitar que estas figuras possam adquirir um lugar na história pessoal do paciente e sejam reconhecidas por um outro (analista). O sonho também traz um aspecto criativo uma vez que ele combina elementos inusitados, podendo conter acontecimentos distorcidos ou considerados “sem sentido”. Assim, trabalhar com as figuras dos sonhos possibilita uma resignificação das imagens para o sonhador.

Alguns anos depois em *Compositions Corporelles et actes de naissance dans le transfert* Le Poulichet (2015a) destaca que a montagem de uma nova configuração corporal, no processo analítico, decorre de um jogo de figuras que se combinam de modo criativo e inusitado. Ao nosso ver, estas figuras se referem às imagens geradas pelas criações da fantasia e/ou às imagens que emergem nos sonhos. Como já destacado no Capítulo 1, as figuras são imagens dinâmicas e intercambiáveis que podem se combinar e recombinar. Ocorre um trabalho de composição do corpo por meio de imagens, que se dá em grande parte através da elaboração onírica. O sonho, para Le Poulichet, desde seus primeiros trabalhos, gera um lugar de passagens, fornecendo figuras aos vínculos e colocando o corpo em imagens. As figuras permitem que o desconhecido e/ou o informe adquira uma forma. Destacamos o seguinte trecho onde a autora relaciona a composição de figuras do corpo como um mecanismo acompanhado pela criatividade:

A figura - frequentemente definida como a representação gráfica e plástica de um conjunto de signos - aqui envolve a geometria do corpo pulsional apreendido em sensações, signos, formas e volumes. E **a composição das figuras do corpo no tratamento corresponde a um cenário criativo** em movimento que se desdobra entre o analisando e o analista, colocando novamente em funcionamento a dialética entre parte e totalidade do corpo erógeno. (2015a, p. 56, trad. nossa, grifos nossos)

A ideia de *composição de figuras do corpo* remete à noção de figurabilidade, proposta em 1994. Conforme aponta Le Poulichet naquele momento (1994/1996), no trabalho de figurabilidade, diversas montagens são construídas, sendo este um recurso para o que ela cita como diferentes formas de composição: composição pulsional, das figuras, composição dos objetos e do fora e do dentro (Le Poulichet, 1994/1996, p.21-48). Assim, a noção de figurabilidade, descrita nos textos iniciais da autora, parece ser a raiz da ideia de composição corporal. Após a teoria do informe, em 2003, esta noção se torna mais complexa. Em 2008 ela menciona que o corpo é composto por figuras que captam e formam o corpo. Finalmente, em 2015, trata-se de compor o corpo com sensações, imagens, palavras, desejos, espacialidade e sons. A partir daí, estabelece-se na teoria a relação dessas composições corporais com os processos criativos.

Vimos, assim, que a travessia do informe corresponde a um processo relacionado à análise que ocorre a partir de fenômenos e atos criativos. Abre-se um espaço de potencialidade, invenções e criações fantásticas, que geram novas formas de configurar o corpo. Vale destacar que o processo de composição corporal é mutável e diverso, sendo o corpo feito e recomposto, não havendo uma construção única e rígida. Trata-se sempre de deslocamentos e intercâmbios dinâmicos que acompanham a criatividade.

Vejamos agora qual é o papel do analista na travessia do informe.

4.2 O papel do analista: o olhar e a presença

Na clínica do informe, o analista deve auxiliar no trabalho de recomposição das imagens psíquicas do paciente, permitindo o encontro com novas formas e palavras que dêem ancoragem ao terror do informe. Para isso, o corpo do analista investe o corpo do paciente e dá consistência ao campo da realidade, através de sua voz, da sua presença, de seu silêncio e de seu olhar (Le Poulichet, 2003). Dito de outra forma anteriormente pela autora: “a escuta qualificada do analista atua como um “dispositivo óptico e acústico” (Le Poulichet, 1994/1996, p. 127).

Para Le Poulichet, a análise pode ser pensada como um dispositivo especular transferencial que recupera investimentos narcísicos para o sujeito, um trabalho que requer figuração e nomeação. Em nossa compreensão o analista atua como um espelho, refletindo e devolvendo a imagem do analisando. Assim, lembramos que na origem do terror do informe, ocorre uma falha no processo de especularização devido a um investimento insuficiente sobre a imagem do corpo infantil. Na clínica do informe, portanto, o papel do analista parece ser

justamente investir esse corpo informe e refleti-lo na relação transferencial. Esse investimento se dá pelo olhar, pela voz, pela presença em um vínculo confiável no qual o sujeito encontre uma sensação de continuidade (através do *setting*, do enquadre e da própria relação entre analista e analisando) e não se sinta ameaçado. O corpo do paciente é investido ao passo que se torna objeto de interesse do analista, sendo um corpo que será simultaneamente objeto e lugar do sujeito. Entendemos que o processo analítico, então, corresponde a uma construção da percepção corporal em nível psíquico e sensorial. Assim, por meio da atuação do analista no campo da presença e do olhar, através da captação do rosto, devolução da imagem ao analisando, o sujeito pode vir a transformar o modo como ele mesmo se vê e se percebe.

Por meio dessa relação transferencial, do campo de presença entre o analista e seu paciente, no intervalo entre os dois, é possível fornecer apoio a uma nova montagem corporal. A corporeidade promove a inscrição do sujeito num tempo em que o futuro pode ser representado e investido.

Em 2010, no texto *Champ du regard et surgissement de la présence dans les processus créateurs*, Le Poulichet aponta que para que haja uma “tomada corporal”, isto é, uma apropriação do corpo, é necessária uma presença que assegure ao sujeito a sensação de espessura carnal, a qual dará volume ao corpo. Para isso, é fundamental que este corpo seja reconhecido no campo da visão, refletido no espelho, mas não como simples imagem. Segundo Le Poulichet (2010b):

A emergência da presença e a “tomada do corpo” são de fato aqui correlativas: a ascensão do olhar que circunda, que cobre o horizonte, faz surgir o corpo como emergência sensível. É isto que designo por “tomada do corpo”, que não pode ser reduzida à visão da imagem do corpo num espelho (p.260, trad. nossa).

Para a autora, o corpo é investido por imagens e pela linguagem, apreendido pelo campo do olhar e do desejo. Le Poulichet trata sobre esse processo de tomada do corpo, apontando que, enquanto ele não ocorre, esse corpo fica sem ancoragem e a existência do sujeito fica ameaçada. Nesse artigo, o foco parece ser justamente a saída desse processo, visando dar volume, consistência e corporeidade por meio dessa habitação corporal, conquistada através da “tomada do corpo”. Para que isso seja possível, a autora destaca que o processo analítico seria um caminho. Segundo ela, a palavra na análise gera um modo de habitação corporal e um sentimento de continuidade de existência. Assim: “é a emergência de um campo de olhar e de presença que faz falar as imagens e dá origem a palavras ancoradas

numa corporeidade” (Le Poulichet, 2010b, p.266, trad. nossa). Esse corpo tomaria um lugar no qual poderia ter uma forma e uma voluminosidade a partir da relação entre analista e analisando.

A transferência também é capaz de inscrever traços e delimitações entre um e outro, analista e analisando, em um trabalho de individuação e apropriação corporal ao mesmo tempo. O analista deve oferecer um lugar para que a travessia do informe possa ser realizada no tratamento, possibilitando que complexos movimentos de identificações e fantasias ligadas aos terrores do informe sejam reapresentados em palavras e figuras. Torna-se fundamental acolher as teorias infantis sobre aquilo que é estranho e sem forma, pois, como já destacado, são criações geradas defensivamente diante de um terror e apresentam um forte potencial de cura. A partir desses elementos, entendemos que estas saídas fantasiosas são a chave para a travessia do informe.

Ressaltamos também que a criatividade do analista também é fundamental no processo de travessia do informe. Em 2014, Le Poulichet afirma:

Cabe ao psicanalista - seguindo a intuição freudiana - afiar em parte sua própria capacidade de escuta através do contato com o campo da **criação artística** e seus laboratórios de **sensações**. Os recursos **criativos** do analista - particularmente no contexto do tratamento com adolescentes - são chamados no coração de uma sessão em que seus gestos, voz e olhar desdobram o equivalente a um **volume sensorial** dando origem a uma presença real. No campo da transferência, o analista participa então de uma nova criação de um corpo em extensão: uma passagem indispensável pela qual ele ou ela apoia a transformação das composições corporais. (2014a, p. 818, trad. nossa, grifos nossos)

O trabalho de análise ocorre no campo visual e perceptivo, uma vez que emergem imagens e percepções nas sessões tanto para o paciente quanto para o analista, havendo um trabalho de construção e montagem destas figuras de modo que elas possam ter novos sentidos e formatos. O foco parece estar na interpretação das figuras e composições do corpo, as quais parecem se aproximar a uma atividade de pensamento sonhador. Cabe ao analista trabalhar com figuras e invenções, por mais inusitadas e estranhas que pareçam. Logo, a análise é um processo de escuta não apenas das palavras, mas das figuras do corpo, as quais acompanham elementos visuais, sonoros e perceptivos.

Demonstramos, até este ponto, que Le Poulichet fala do fenômeno do informe e de suas saídas a partir de um olhar especialmente voltado para a clínica psicanalítica. No entanto, este trabalho vem indagar se é possível relacionar o aumento de manipulações e

procedimentos que incidem sobre o corpo com a busca por uma nova composição corporal dos adolescentes.

4.3 Há uma composição corporal para além da análise?

A teoria de Le Poulichet traz muitas contribuições para compreendermos certos fenômenos corporais que se apresentam na clínica. Por nossa vez, nos propomos a pensar em uma perspectiva ampliada do informe que considere as modificações corporais dos dias de hoje no campo da cultura. Não é de nosso conhecimento que Le Poulichet tenha se lançado sobre este tipo de análise, ou seja, ela não discorre sobre o informe para além da clínica e do caso a caso.

Alguns questionamentos nos levaram a tomar esse caminho. Sabemos, por exemplo, que o sujeito, diante do terror do informe, destina seu corpo para que este seja olhado e investido por um Outro (analista). Nas redes sociais, por exemplo, a postagem de fotos, as quais podem ser imagens do corpo, se tornam públicas e podem ser visualizadas por diversas pessoas. No caso das tatuagens, as marcas podem ser expostas para serem vistas. Diante disso, nos perguntamos: é possível que este corpo seja destinado também ao olhar de um Outro social/cultural? A sociedade assegura um suporte suficiente aos sujeitos para que eles possam ter uma segurança de existência e de consistência corporal?

Ademais, considerando que o corpo é a forma de nos representarmos para o mundo e para nós mesmos, como fica o corpo e sua representação na adolescência, onde há uma forte demanda de que o sujeito se reposicione frente a família e grupos sociais (Outro social/cultural)?

De certa forma, nossa sociedade caminha no sentido de uma ampliação das possibilidades de mudanças corporais. De um lado, há novas perspectivas para se repensar o gênero e a imagem corporal, possibilitando uma fluidez e uma variabilidade de corpos. De outro, existe o campo das cirurgias plásticas e procedimentos estéticos, relacionados ao culto da imagem do corpo. Nesse cenário, há diversas intervenções que visam o alcance de uma imagem ideal de beleza. Logo, muitas vezes, as pessoas não se identificam com sua imagem aparente e utilizam esses recursos acima, assim como, nas redes sociais, utilizam recursos visuais, filtros e photoshops. No entanto, aqui não se produz uma diversidade de corpos, mas sim uma padronização onde todos buscam ser iguais. Veremos alguns desses fenômenos culturais e sua possível compreensão tendo em vista a perspectiva do informe.

4.4 Tatuagens e piercings: dando bordas ao corpo

Para compreender como o informe pode lançar luz sobre as tatuagens e os *piercings*, realizamos um levantamento de trabalhos que abordam especificamente estas intervenções corporais. Selecionamos artigos que estão inseridos no campo psicanalítico e que tem como foco o período da adolescência. Encontramos muitas concordâncias entre os autores na leitura que eles realizam sobre tais intervenções sobre o corpo e, a partir desse contexto, pensamos em aproximações com a teoria do informe.

Diante da ideia de que a adolescência é um momento em que os contornos corporais se encontram instáveis devido às mudanças do corpo, e que estas mudanças geram uma necessidade do adolescente procurar um novo suporte para sua imagem corporal que se encontra abalada, Costa (2003), Moreira *et al.* (2010) e Macedo e Almeida (2019) sugerem que as tatuagens e *piercings* são uma possibilidade do adolescente obter esse suporte. Explicaremos isso adiante a partir destes trabalhos encontrados.

Lembremos que, em Le Poulichet, a instabilidade da imagem corporal aparece como a ideia de um corpo que carece de contornos e bordas, o que resulta em uma sensação de pavor e temor. No informe, a existência do sujeito é ameaçada pela sensação de um corpo que pode diluir-se. Assim, se as tatuagens e os *piercings* aparecem como um recurso para a apropriação do corpo e para marcar os contornos corporais, elas teriam um papel semelhante ao que Le Poulichet chama de atos criativos? Seriam eles uma tentativa de realizar uma nova composição corporal? A composição corporal, segundo Le Poulichet, é a condição para a travessia do informe.

Vejamos o que outros autores falam sobre as tatuagens e sobre os *piercings*. De acordo com Macedo e Almeida (2019), as tatuagens são utilizadas como um modo de dar forma e expressão às vivências dos adolescentes, através de representações que são realizadas na pele. Para os autores, o período da adolescência é caracterizado pela perda da representação que ampara o corpo. Isto ocorre devido a uma morte simbólica do outro primordial que ofereceu o suporte à imagem do corpo do infante e que agora, como adolescente, procura novos referenciais. Assim, para Macedo e Almeida (2019), há um deslocamento do campo familiar para o campo social. As marcas feitas sobre o corpo, seja pelas tatuagens ou pelos *piercings*, podem ser compreendidas como uma tentativa de obtenção de suporte para a circulação do corpo no social e como uma reapropriação do corpo por meio de inscrições a nível simbólico. Busca-se uma nova representação do corpo.

Neste contexto, sabemos que a adolescência consiste em um momento de mudanças em que o sujeito se despede de seus referenciais infantis e busca novos referenciais na sociedade, em novos grupos e lugares. As marcas no corpo geradas pelas tatuagens e *piercings*, podem ser um recurso que ancora o adolescente, oferecendo suporte para uma marca de sua singularidade. De acordo com estes autores, estas marcas corporais “permitem que os sujeitos encontrem novas ancoragens identificatórias, constituindo-se como modo de subjetivação” (p.144).

A questão de as marcas corporais oferecerem um recurso para a separação das figuras primordiais nos remete à perspectiva do informe, especialmente, quando Le Poulichet retoma a ideia de que no informe há uma falha nos limites entre o corpo do sujeito e os objetos primordiais. Esta ideia aparece quando a autora retoma a noção de Joyce McDougall de *um corpo para dois*. Assim, podemos pensar que a função da tatuagem aqui pode ser a de delimitar este corpo e de diferenciá-lo dessa simbiose (entre o sujeito e seus objetos primordiais) que se manifesta no fenômeno do informe. Assim, nossa hipótese é que há uma aproximação das tatuagens e *piercings* como um modo de compor o corpo, singularizando-o e delimitando suas fronteiras.

Para Macedo e Almeida (2019), as marcas feitas no corpo são uma tentativa de “representar o irrepresentável”(p.143), marcando os contornos corporais através de inscrições e furos. As práticas de marcar o corpo buscam a constituição de um corpo adulto, assim como a tentativa de integração, no nível psíquico, das transformações corporais da puberdade. Segundo os autores, há neste período uma falha especular no processo de passagem do corpo infantil para o corpo adulto e as marcas sobre o corpo atuam no sentido de dar suporte a essa imagem do corpo que está se transformando.

De fato, as inscrições feitas sobre a pele marcam justamente o contorno corporal, o qual delimita e diferencia o que é interno do que é externo. No informe, estes contornos são imprecisos, assim, podemos pensar que as tatuagens e *piercings* podem vir como uma defesa, permitindo que o adolescente simbolize seus contornos a fim de se sentir apropriado de seu corpo e de sua imagem. Notamos que Macedo e Almeida (2019) apontam que as mudanças corporais geradas pela puberdade resultam em uma falha especular da imagem corporal do adolescente. Se pensarmos na origem do informe, a qual Le Poulichet afirma decorrer de uma falha no que chama de processo de especularização, podemos traçar uma aproximação entre estas ideias. A lacuna entre o corpo infantil e o corpo adolescente retoma a imprecisão dos contornos na imagem corporal, ainda mais considerando a mudança de investimento que na infância era os objetos primordiais e na adolescência passam a ser outros. Talvez a diferença

seja que para Le Poulichet o informe se origina já na infância, quando haveria uma falha no investimento sobre a imagem corporal infantil por parte dos objetos primordiais. Na adolescência isto seria retomado, no entanto, agora envolvendo o complexo de Édipo. Por outro lado, para Macedo e Almeida (2019), as próprias mudanças corporais da adolescência ocasionariam esta falha especular, isto é, esta falha se originaria neste próprio período e não anteriormente. Tampouco seriam provenientes de *uma falha no investimento sobre a imagem corporal infantil por parte dos objetos primordiais*. Seria a composição corporal exclusiva de adolescentes cujos terrores do informe necessariamente foram consequência dessa *falha*? Será que apenas esses adolescentes vivem os terrores do informe?

Moreira *et al.* (2010) e Costa (2003) destacam que as tatuagens e os *piercings* marcam o corpo na tentativa de gerar bordas sobre a pele. Moreira *et al.* (2010) ainda acrescentam que há um certo masoquismo no ato de marcar o corpo, uma vez que esse processo tende a ser doloroso, mas ao mesmo tempo trata-se de um certo masoquismo constituinte de uma nova pele e forma do corpo. De acordo com Moreira *et al.* (2010): “Podemos pensar que as marcas no corpo possibilitam uma vivência sensorial que, no ato de sua criação, unem dor e prazer e criam as bordas de um eu/pele” (p.592). Para eles, as tatuagens estão intimamente ligadas às vias sensoriais e perceptivas e o tato tem a função importante de gerar a percepção do corpo como uma unidade.

No informe, como já destacado, a dor é um mecanismo que pode atuar de um modo estruturante como um envelope que traz a sensação de um corpo como uma unidade. A dor, de certa forma, traz à tona a percepção do corpo. No caso das tatuagens e dos *piercings*, podemos pensar ainda que a dor envolvida nesses procedimentos põe a pele em evidência. Diante do terror do informe, a percepção sensorial do órgão que exerce justamente o contorno do corpo talvez possa gerar um alívio frente ao terror de não sentir suas bordas.

Retornando ao trabalho de Moreira *et al.* (2010), a pele serve como uma tela que comunica a história do sujeito, representando elementos singulares que não se manifestam pela via da fala, mas sim pelo corpo. Nesse sentido, destacamos o seguinte trecho:

É pensando que tais práticas de tatuagem, *piercing* e escarificações demandam uma escuta não redutora de suas polissemias, que afirmamos ser no corpo que se inscreve, literalmente, a história do sujeito. **O sujeito se esforça para exteriorizar seus afetos, fantasias e desejos. O corpo, nesse sentido, funciona como um meio de comunicação.** A partir do excesso de informações, o bombardeio de estímulos deixa o sujeito mudo, mas seu corpo fala por meio das tatuagens, *piercings* e outras obras. (Moreira *et al.*, 2010, p.591, grifos nossos)

O corpo expressaria fantasias, afetos e desejos. Em Le Poulichet, tampouco se trata exclusivamente da via verbal. Gestos e atos, na perspectiva do informe, também participam das ficções fantásticas e criativas que abrem espaço para uma reconfiguração corporal.

Para Almeida (2001), quando o sujeito se tatua há uma noção envolvida de “tatuei-me, agora eu sou” (p.100 apud Macedo *et al.*, 2009). Assim, pensamos que a tatuagem assegura uma continuidade de existência desse corpo, o qual pode estar ameaçado devido os percalços da adolescência e a dificuldade de encontro entre o adolescente e sua nova imagem.

Por último, compreendemos que, se por um lado, as modificações corporais buscam inscrever aspectos únicos que representam a singularidade daquele sujeito, por outro lado, elas acabam por incluir o adolescente em grupos, como uma forma dele se identificar com outras pessoas e se sentir pertencente, isto é, ancorado e investido por outros. Isso parece ser uma saída para o terror de não ter forma e para a sensação de não ser visto e reconhecido, sendo uma forma de o adolescente não só compor seu corpo, mas também sua identidade. Faremos uma reflexão sobre algo muito utilizado pelos adolescentes na atualidade: as redes sociais.

4.5 Redes sociais: corpos virtuais e procedimentos estéticos

As redes sociais são hoje uma ferramenta muito utilizada, especialmente pelos jovens. Nela são feitas postagens de texto e, principalmente, de imagens. Os adolescentes expõem fotos editadas, muitas vezes com filtros que distorcem a imagem real. Ao mesmo tempo, as fotos que os adolescentes acessam são de corpos que também estão editados e modificados. Há, portanto, uma distorção das imagens que se torna tão comum, ao ponto de ser naturalizada.

Esta é uma resposta encontrada por muitos sujeitos às novas formas de mal-estar que, de acordo com Kallas (2016), tem como pano de fundo “as mudanças relativas à temporalidade, à espacialidade, ao pensamento e à linguagem” (p.55). Trata-se de um mundo que na atualidade é marcado por uma fragmentação, falta de unidade e simbolização, o que leva as pessoas a viverem com intensidade o excesso de excitações corporais, devido a insuficiência de mediadores simbólicos. Esse excesso, então, recai sobre o corpo e sobre as ações do sujeito.

Ainda conforme a autora, houve uma revolução dos laços sociais a partir dos avanços tecnológicos. Nesse contexto, as redes sociais possibilitam a vivência de fantasias no modo

online, fantasias que muitas vezes não podem ser experienciadas presencialmente. Furtado *et al.* (2016) também aponta a rede virtual como um terreno fértil para a realização de fantasias pois comporta “infinitas possibilidades e se constitui como objeto de desejo ao sujeito da insatisfação [...]” (p.34). Entendemos que a tecnologia possibilita novas construções, como a criação de avatares (personagens caricatos) em mundos paralelos, além da realização de edições visuais e sonoras e de interações rápidas que conectam pessoas de diversos lugares do mundo. Kallas (2016) complementa:

Hoje escrevemos diários em blogs, expomos nossa intimidade no Facebook, exibimos imagens das situações mais banais no Instagram, montamos um espetáculo de nós mesmos e buscamos o olhar do outro e sua aprovação por meio de curtidas. A intimidade tem se deixado infiltrar pelas redes. (p.55)

Sabemos que as pessoas possuem uma vida real e, simultaneamente, alimentam uma vida virtual. O celular é um aparelho tecnológico que dá acesso às redes sociais e que acompanha os adolescentes constantemente. Parece haver um corpo virtual (o celular) que atua como uma extensão de seu próprio corpo (real). O primeiro pode refletir uma imagem distorcida, a qual o adolescente pode apresentar dificuldades em se reconhecer e identificar.

Para Kallas (2016), a linha divisória entre o real e o virtual é muito tênue e imprecisa. As redes sociais estão no entremeio entre a realidade e a imaginação, sendo o campo virtual um lugar onde a pessoa cria, idealiza, fantasia e imagina seu corpo. Assim, compreendemos que pode haver uma dificuldade de delimitação de um corpo virtual e de um corpo real.

Podemos fazer aqui uma aproximação com a teoria do informe? Considerando a origem do informe na qual há uma falha de investimento dos objetos primordiais sobre a imagem e o corpo da criança, nos questionamos se a busca por esse reconhecimento no campo virtual seria uma tentativa de receber um investimento que lhe faltou sobre a imagem, agora de uma nova forma. Pensamos que esta é uma possibilidade, uma tentativa do adolescente ter sua imagem e corpo investido, mesmo que a nível virtual. Talvez, para alguns jovens o corpo virtual possa servir como recurso para que ele se sinta notado e reconhecido.

Pouco se sabe sobre os efeitos das redes sociais no psiquismo. Não pretendemos aqui buscar uma solução para essas questões, mas sim trazer novas ideias para outros estudos da área. O que percebemos é que há uma dificuldade de diferenciação deste corpo real e do corpo virtual, isto é, pensando nos processos-limites, há uma fragilidade entre o dentro e o fora, entre o real e virtual.

Para Sarmiento e Coppel (2016) o sujeito, na mídia, muitas vezes clama por afeto na procura de uma situação análoga à vivência edípica. Pode-se dizer que, no caso de um sujeito adolescente, além do afeto há necessidade de que seu novo corpo seja investido, agora, por novas pessoas. As mudanças corporais da puberdade demandam suporte.

Vemos que as redes sociais podem ser um recurso para que o adolescente componha seu perfil e sua imagem através de fotos e vídeos de si mesmo, sejam eles distorcidos, editados e alterados. O sujeito coloca seu corpo para ser olhado e desejado por outros. No entanto, ao se submeter ao olhar desse Outro (social), o adolescente se depara com a possibilidade de ser julgado e criticado.

Nos dias atuais, há um fenômeno denominado de *cancelamento*. O próprio nome sugere a ideia de que uma pessoa pode ser *cancelada*, isto é, aniquilada e/ou apagada. De acordo com Gonçalves e Duarte (2020) o cancelamento se refere ao: “boicote virtual dirigido àquele que, de forma voluntária ou involuntária, frustrou expectativas, traiu regras não-oficiais, ousou ser diferente em alguma medida” (p. 3). Desse modo, as redes sociais também podem ser uma ameaça à medida que podem realizar a fantasia de aniquilamento.

Existe uma notável pressão pela conformidade a um corpo ideal e uniformizado, o que leva numerosos adolescentes a buscar intervenções estéticas na busca incessante por alcançar esse padrão. De acordo com Pinho e Prudente (2021), a sociedade espetacularizada coloca a imagem como um valor supremo, tornando imperativo o esforço constante em se atingir o ideal perfeito, cada vez mais alinhado aos padrões estabelecidos, para haver aceitação e reconhecimento social. Além da influência midiática que perpetua a obsessão pelo corpo ideal, observa-se simultaneamente uma sociedade imersa no consumismo. Em resumo, vivemos em uma sociedade moldada por uma imagem espetacular, criando realidades frequentemente inatingíveis. Para Vaz e Fernandes (2021) as mulheres, em particular, tornaram-se alvos centrais de projeções ideais impostas pela indústria da beleza e amplificadas pela mídia. Como resultado das influências digitais, as mulheres enfrentam um impacto significativo, sujeitando-se a distorções na autoimagem causadas por essa revolução tecnológica.

O sujeito busca ser visto como um corpo tangível ao olhar do Outro no campo social, na mídia, nas redes sociais, espaços justamente onde nos sentimos olhados e observados na busca por um investimento. As redes sociais podem ser um recurso que tenta compor a imagem do corpo e representá-lo, correndo o risco de distorcê-lo. Produz-se uma massificação e um esvaziamento da subjetividade, eliminado o diferente e impondo um padrão.

Assim, notamos que as modificações corporais no corpo virtual e os procedimentos estéticos que visam alcançar o padrão podem facilitar distorções da percepção corporal dos adolescentes. Nossa hipótese é que as tecnologias podem acentuar a distorção da imagem do corpo, o qual pode passar a ser percebido como informe e instável, além de estar sujeito às ameaças reais do Outro-todo-poderoso que se realizam no meio virtual.

Por outro lado, a tecnologia proporciona uma série de possibilidades. Um exemplo disso são os jogos online, os quais permitem a criação de avatares para representar o usuário no mundo virtual. Segundo Gimenes e Porchat (2020), certos jogos que constroem uma realidade alternativa virtual possibilitam que o usuário se insira em um ambiente onde seu corpo (virtual) pode ser moldado e representado de acordo com suas escolhas pessoais, transcendendo as limitações do corpo real. Os autores também destacam que esses avatares podem ser alterados, não sendo fixos. O indivíduo tem o poder de determinar como deseja se apresentar perante outros usuários, podendo personalizar esse corpo virtual com base em seus gostos, vestimentas e outras características "físicas". Além disso, o anonimato pode ser utilizado, oferecendo uma liberdade na construção de um corpo virtual possivelmente mais protegido das normas morais e sociais que impõem padrões corporais. Segundo os autores, os jogos podem contribuir para a reflexão sobre questões identitárias e de gênero, especialmente durante a adolescência, período marcado por intensas angústias.

Ao nosso entendimento, cada adolescente enfrenta a necessidade de construir sua própria identidade corporal, buscando formas de se destacar e se diferenciar das figuras primordiais. Diante dessa reflexão, surge a indagação sobre se a formação da imagem corporal está restrita apenas aos casos em que ocorre uma falha no reconhecimento dessa imagem (resultando no fenômeno do informe). Será que sempre há uma falha no processo de especularização? Ou será que o fenômeno do informe pode ser considerado como um fenômeno de natureza social?

Estamos explorando a hipótese de que as modificações corporais mencionadas neste estudo sejam uma forma de busca por apoio para o corpo. Entretanto, não estamos considerando que isso implique necessariamente em um processo infantil de falta de investimento na imagem especular. Nossa sugestão é de que talvez o fenômeno do informe não seja tão incomum quanto se pensa, ou seja, não seja restrito a casos particulares. Entendemos que esse fenômeno pode ter uma dimensão social que afeta a grande maioria das pessoas, especialmente os adolescentes. Consideramos que a teoria de Le Poulichet pode retratar o fenômeno do informe como algo que só pode ser compreendido através da análise, o que pode resultar em uma tendência a particularizar uma experiência que parece ser muito

mais comum. Será que as intervenções corporais também não poderiam contribuir para uma composição corporal?

Em relação às redes sociais, identificamos duas abordagens. Por um lado, no contexto dos padrões estéticos, as edições e filtros parecem complicar o processo de composição corporal, aumentando a distorção da imagem corporal. No entanto, como mencionamos anteriormente, outras ferramentas, como a criação de avatares virtuais, podem facilitar a construção de uma representação da imagem corporal, permitindo a troca de elementos e a composição de novas figuras que representem esse corpo virtual. Vamos examinar como essas questões se relacionam com as questões de gênero.

4.6 Questões de gênero e as Composições corporais

No fenômeno do informe fica claro a presença de paradoxos. O sintoma que o adolescente apresenta, isto é, o terror do informe, leva a criação das teorias fantásticas da adolescência que aparecem como uma porta para a cura por meio dos processos criativos. Le Poulichet denomina esse processo de cura como a travessia do informe. Entendemos que isso remete à ideais de um processo de atravessamento e enfrentamento, sendo que a porta de entrada se dá justamente pelo terror. Esse processo leva a um fantasiar que coloca a possibilidade de criação de um novo corpo por meio de um trabalho de transformação através de figurações e de ressonâncias de traços identificatórios, com o objetivo de rearticular o sentido de uma história para além de uma vivência passada.

Por isso, concordamos com Le Poulichet quando ela defende que o informe não está no campo da psicopatologia e que o diagnóstico pode congelar um processo tão rico de possibilidades para a composição corporal. Logo, há um paradoxo na medida em que esse terror e as consequentes criações defensivas, ao mesmo tempo que levam ao sofrimento, representam uma potencialidade para uma nova composição corporal e para a apropriação do corpo.

A partir desse contexto, podemos refletir sobre algumas modificações corporais que têm marcado os dias de hoje. Podemos abrigá-las sob o termo guarda-chuva “experiências trans”. Se na década de 1980, 1990 e 2000 havia pessoas que se apresentavam com a necessidade de fazer tratamento hormonal e realizar cirurgias que as aproximasse do gênero auto-referido, chamadas cirurgias de redesignação sexual, e que eram denominadas de transexuais, hoje o cenário é diferente. O aumento expressivo de intervenções para as hoje chamadas cirurgias de readequação de gênero é evidente (Gonçalves; Ceccarelli, 2020), mas o

que aqui importa é o aumento do número de adultos jovens e adolescentes que se identificam como “trans” e expressam seu gênero atrelado à ideia de mudanças na aparência e no corpo, sem necessariamente aderir a um estereótipo de gênero binário. É nesse sentido que acreditamos que algumas experiências adolescentes poderiam ser pensadas como composições corporais (Maniglia; Porchat, 2024).

As questões de gênero, que Butler (1990/2003) bem sintetiza no título de seu livro *Problemas de gênero*, estão presentes na atualidade, mas instalam-se de modo preferencial no período da adolescência, em que a sexualidade aflora e coloca o corpo-gendrado (no sentido de um corpo marcado pelo gênero) em evidência. O questionamento do gênero que foi atribuído ao nascer é relatado na clínica sob diversas formas. Não apenas o corpo incomoda. Também se faz sentir o peso da observação das relações de hierarquia, dominação, submissão e violência entre homens e mulheres, aí incluídos pais e mães dos próprios adolescentes. O desconforto com o gênero é percebido no corpo, mas um corpo atravessado por concepções acerca da feminilidade e da masculinidade em relação uma à outra¹⁶.

Se observarmos os dados obtidos da pesquisa realizada pela Faculdade de Medicina da Unesp de Botucatu em 2018 e publicada em 2021, cerca de 4 milhões de pessoas no Brasil se identificam como transgêneros ou não binárias, o que corresponde a aproximadamente 1,9% da população (Spizzirri et al, 2021). Segundo Porchat (2023, p.394), se considerarmos a população jovem no estado de São Paulo, esse número equivale a cerca de 855.000 pessoas. A proporção de jovens entre 15 e 17 anos na população brasileira sugere que há aproximadamente 45.500 jovens transgêneros e não binários nessa faixa etária somente no estado de São Paulo.

Claro que se considerarmos avaliações psiquiátricas, psicológicas e endocrinológicas, apenas uma baixa porcentagem dessa população jovem se enquadraria dentro dos critérios do DSM que definem uma condição de gênero que necessita de intervenção hormonal e cirúrgica para se aproximar do gênero autoreferido, sob o risco de extremo sofrimento psíquico em caso de prolongamento de sua condição. Todavia, muitos jovens atualmente experimentam a necessidade/vontade de transicionar ou fluir em seu gênero, sem necessariamente seguir os mesmos passos das pessoas anteriormente diagnosticadas nessa situação. Dito de outro modo, percebe-se hoje diferentes modos de experienciar as identidades trans.

Trata-se de uma avaliação e apreciação delicada desse enorme contingente de jovens trans. Como avaliar o desejo de hormonização e/ou de intervenção cirúrgica de alguns desses

¹⁶ Essas observações clínicas advêm de pacientes atendidos no Centro de Psicologia Aplicada da Unesp de Bauru, em situação de estágio e de projeto de extensão ao longo de minha graduação.

jovens? Mesmo não se encaixando nos critérios do DSM, por que não os acompanhar em seu desejo? Quais os riscos? Quais os benefícios? São composições corporais, talvez definitivas? (mastectomia, por exemplo?) O que dizer dos efeitos prolongados do uso de hormônios? Porchat sugere um caminho para se refletir sobre essas questões ao inseri-las num contexto maior, o das várias possibilidades de se pensar sobre o que podemos fazer com nossos corpos.

A arte, os avanços tecnológicos e as teorias que especulam com a modernidade nos permitem considerar que as intervenções e modificações corporais podem estar a serviço de apacar a angústia, libertar-se das malhas do Outro, reduzir o sofrimento, propiciando melhores condições de exercitar a subjetividade, inventar-se a si mesmo para ser decifrado – já que a imagem com a qual se nasceu é insuficiente (Porchat, 2014, p.119)

Alguns jovens trans buscam recompor seu corpo, uma vez que, não se reconhecem em sua imagem. O corpo, antes da transição, é um corpo desapropriado e não reflete o gênero com o qual a pessoa realmente se identifica. Nesta ótica podemos fazer uma aproximação das intervenções corporais relacionadas ao gênero, com a ideia de composição corporal de Le Poulichet.

Pensamos que a transição de gênero pode ser compreendida como uma tomada do corpo por parte do adolescente através de um investimento psíquico sobre este corpo, ou seja, como uma composição corporal. A partir dessa nova composição corporal, esse ou essa jovem busca manter o sentimento de continuidade de existência por meio da transição e das modificações corporais que levam a uma maior apropriação de sua imagem. No entanto, apesar dos procedimentos envolverem o corpo físico, ou anatômico, o processo de composição se dá a nível psíquico, sensorial e da fantasia também. Há um trabalho em tentar se reconhecer em seu corpo e em se identificar com ele.

Acreditamos que o informe pode lançar luz, através da ideia paradoxal de que o terror de não se reconhecer em seus contornos corporais e em sua imagem leva a um fantasiar que, por sua vez, cria a possibilidade de um novo corpo. Em um jovem trans, o terror de não se reconhecer através do gênero atribuído ao nascimento possibilita novas construções por meio de um fantasiar sobre o seu corpo e que, nesse caso, leva a uma ação efetiva de transformação.

Sendo a fantasia no informe atrelada à dimensão sensorial, aqui podemos pensar as modificações físicas relacionadas à transição de gênero que irão afetar a sensorialidade. Se pensarmos nos hormônios masculinos utilizados no processo de hormonização, sabemos que

há o espessamento da voz, o surgimento de pelos, crescimento de determinadas regiões do corpo, aumento da libido, dentre outros efeitos que afetam não só a imagem, mas a autopercepção corporal e a sensorialidade. Podemos, desse modo, aproximar a experiência trans do terror do informe e das consequentes teorias fantásticas da adolescência relacionadas à sensorialidade. O desdobramento encontrado pelo adolescente trans seria justamente uma nova composição corporal, que aconteceria no processo de transição. Tal processo tem como papel a travessia do informe e a tomada de corpo. A saída do informe é justamente uma tomada de corpo a qual é acompanhada da possibilidade de tornar-se.

Coincidentemente, alguns psicanalistas que escrevem sobre as experiências trans, como Ceccarelli, Barreto e Gonçalves são autores que trazem a noção de *Unheimlich* para pensar em alguns elementos dessa experiência. Segundo Barreto e Ceccarelli (2015):

O descompasso entre anatomia e o sentimento de identidade sexual nesses sujeitos se apresenta como uma equação psíquica, pois recorda não apenas o estranho familiar mas também a identificação, impondo ao Eu um questionamento constante e inquietante: “Quem sou Eu?” (p.114)

Gonçalves e Ceccarelli (2020) destacam que algumas pessoas trans experimentam a sensação de serem visitantes em seu próprio corpo. Sob a perspectiva delineada na teoria freudiana do 'Infamiliar' (Freud, [1919] 2019), essa peculiar sensação torna-se evidente quando eles confrontam a disparidade entre sua anatomia sexual e sua identidade de gênero. Ainda que mantenham consciência de sua anatomia sexual, surge uma dualidade de familiaridade e estranheza (*heimlich/unheimlich*), entre o sentimento de identidade de gênero e a representação que possuem de seus corpos. Essa dualidade os acompanha em diversas circunstâncias ao longo da vida, gerando desconforto e motivando a busca por intervenções corporais. Para os autores:

Esses sujeitos, embora reconheçam possuir um corpo anatômico de homem ou mulher, experienciam uma profunda estranheza, uma inquietação, um mal-estar: o corpo lhes parece infamiliar. Para esses estrangeiros de si mesmos, anatomia não é o destino em que desejam pousar. (Gonçalves; Ceccarelli, 2020, p.142)

Tais colocações se aproximam da noção de estranhamento que Le Poulichet aponta como um elemento importante do informe. Retomemos a ideia de que no informe o sujeito

não se identifica da mesma forma com sua imagem especular, havendo o estranhamento. O terror do informe sugere o encontro com o inquietante. Nesse contexto, a experiência trans também é acompanhada de uma sensação de estranhar-se a si mesmo.

De fato, podemos pensar na pluralidade das questões de gênero que se apresentam nos dias de hoje na adolescência. Temos travestis, homens trans, mulheres trans, drags, não binários, agênero, gêneros fluidos, dentre outros. Aqui também podemos pensar nos processos-limite, uma vez que há cada vez mais a necessidade de não se restringir aos limites em uma tendência a uma fluidez dessas fronteiras. O próprio gênero fluido traz essa ideia de possibilidade de mudança, sem haver uma fixidez em um único gênero e modo de ser.

No entanto, talvez a teoria de Le Poulichet, apresente uma certa limitação para a compreensão dos fenômenos corporais das pessoas trans, pois a origem do informe está relacionada a uma falha no investimento do corpo da criança por parte dos objetos primordiais. Acreditamos que não é possível atribuir esta razão para as experiências trans de modo geral. Seria limitante atrelar as questões de gênero a esse processo, uma vez que, correríamos o risco de cair em uma certa patologização ou apontar uma “causa” para uma questão que parece dizer sobre o campo subjetivo, social e identitário, e que envolve uma ampla complexidade. Não podemos pensar na origem do informe como uma teoria da constituição da pessoa trans, sob o risco de atribuir exclusivamente aos pais a responsabilidade pela experiência trans de seus filhos. Todavia, em alguns casos, seria talvez interessante levar em conta a hipótese de Le Poulichet. Também se pode considerar o terror do informe e as teorias fantásticas num sentido mais amplo, isto é, o das composições corporais executadas pelos adolescentes, para além da análise e para além de situações em que houve falha do investimento por parte de um outro. Seria o caso de pensar as composições corporais como respostas possíveis à angústia adolescente. Entre essas respostas, estariam algumas experiências de transição de gênero.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer do trabalho, vimos que o corpo tem um papel fundamental na teoria de Le Poulichet. Nos trabalhos iniciais da autora, há maior ênfase para o processo de formação do corpo no psiquismo através de montagens de figuras intercambiáveis, que derivam da força pulsional. Logo em 1994, a autora já falava de um processo semelhante ao de composição corporal, realizado a partir do trabalho dos sonhos e da análise. No decorrer dos trabalhos algumas noções foram acrescentadas, mas ao que tudo indica, as ideias formuladas em 1994 são as raízes para, posteriormente, pensar a teoria do informe em 2003. Notamos que Le Poulichet assimila diferentes contribuições conceituais para desenvolver sua teoria, usando referências de Anzieu, McDougall, Winnicott, Lacan e Freud. Ela constrói uma teoria diversa, não se concentrando apenas em um autor específico, mas em diferentes noções e em sua experiência clínica, principalmente.

A *teoria do informe* é descrita como um fenômeno com características específicas. O corpo informe fala de um corpo percebido como plano, sem volume, sem contornos, um corpo líquido, que transborda, e cuja existência está ameaçada. Há no informe, um temor de ser desintegrado e aniquilado. Com a noção da *clínica do informe*, Le Poulichet descreve sintomas de casos muito frequentes nos consultórios atualmente e que são marcados pelo fenômeno do informe, tais como: perda temporária da percepção do rosto ou dos contornos do corpo, sensações de auto-absorção ou cadaverização parcial do corpo, além de diversos tipos de compulsões.

A origem do fenômeno do informe parte do conceito de *Unheimliche*, e se contrapõe ao estágio do espelho, sugerindo que a raiz do informe está, fundamentalmente, na *ausência de reconhecimento da imagem da criança por um outro*. Isso resulta em uma sensação de estranhamento e de falta de identificação corporal, onde o rosto emerge de forma crua, desprovido de simbolismo e da capacidade imaginativa. Ainda que seja uma experiência traumática, o eu e os mecanismos de defesa não chegam a ser completamente comprometidos. Isso ocorre porque o eu permanece enquanto instância psíquica, mesmo que vivenciado como um eu instável e ameaçado. O eu mantém-se na luta por sua sobrevivência através da busca por suportes de ancoragem. Para isso, utiliza os mecanismos de defesa para se proteger, como as fantasias presentes nas teorias infantis do informe e nas criações fantásticas da adolescência.

Vimos a importância dos conceitos de terrores do informe e de teorias infantis do informe na teoria de Le Poulichet. Os terrores do informe envolvem a desintegração da imagem corporal, gerando pavor diante da sensação de falta de forma, com sintomas como tonturas e tremores. Enquanto isso, as teorias infantis do informe são construções defensivas contra esses terrores, utilizando figuras fantásticas para preservar a existência de uma imagem especular, tentando dar sentido à precariedade da imagem de si do sujeito e do olhar do outro através de questões de invisibilidade, ilusão e virtualidade.

Vimos também que as *teorias fantásticas da adolescência* se distinguem das teorias infantis do informe ao passo que colocam em questão a dimensão erótica dos conflitos edípicos. Os adolescentes manifestam experiências sensoriais estranhas dentro desse contexto, envolvendo a elaboração de criações sensoriais paradoxais e fantasiosas. Essas teorias envolvem o eu e lidam com certos processos-limites, nos quais o corpo atua como mensageiro através de ficções que expressam conflitos internos e procuram dar significado aos limites imprecisos entre o “fora e dentro”. Elas desempenham um papel crucial na formação de uma nova relação com o mundo, servem como estratégia defensiva ou como realização de desejos inconscientes pelos adolescentes.

Retomando nossos questionamentos iniciais: É possível relacionar o aumento de manipulações e procedimentos que incidem sobre o corpo ao fenômeno do informe? Seriam estas modificações corporais uma tentativa, por parte dos adolescentes, de realizar uma nova composição corporal e de se defender da dimensão traumática que acompanha a puberdade? Podemos pensar a composição corporal para além do processo analítico?

Em nossa compreensão, as ideias de Le Poulichet nos ajudam a pensar os fenômenos corporais de hoje ao pensarmos na pele como uma superfície e demarcação corporal. Neste sentido, os adolescentes podem buscar obter alívio marcando a pele e realizando intervenções físicas. As práticas de inscrição na pele, como as tatuagens e os *piercings*, parecem buscar estabelecer uma fronteira entre o interior e o exterior do corpo, considerando a pele como um órgão que separa o mundo interno do externo. Estas práticas podem ser compreendidas como uma forma de os adolescentes obterem suporte para a construção de sua identidade, funcionando como recursos para a apropriação do corpo. A ideia é que esses adornos ajudam a singularizar o corpo e delimitar suas fronteiras, ajudando a individualizá-lo e facilitando o processo de apropriação corporal. Além disso, as tatuagens e os *piercings* estão fortemente ligadas às sensações e percepções táteis, sendo o tato essencial para que o corpo seja percebido como uma unidade coesa. Dessa maneira, eles funcionam como uma tentativa de criar limites visíveis na pele.

Identificamos que as redes sociais funcionam como um meio-termo entre realidade e imaginação, onde indivíduos idealizam e fantasiam suas imagens corporais. As tecnologias permitem a criação de avatares em mundos virtuais, edições visuais e sonoras, e interações rápidas que conectam pessoas globalmente. Para adolescentes, essas plataformas são uma forma de receber um investimento em sua imagem corporal, mesmo que virtualmente, usando fotos e vídeos, frequentemente editados e distorcidos, para criar um perfil desejado. Essas modificações podem levar a distorções na percepção corporal. Por outro lado, abre-se a possibilidade da construção de avatares virtuais que podem oferecer uma maneira de criar novas representações corporais de forma diversificada e mais consonante com os desejos e gostos do sujeito.

As questões de gênero também ampliam o olhar sobre a questão do corpo nos dias de hoje. Compreendemos que algumas pessoas trans procuram mudar seu corpo, conforme o modo que se sintam melhor e que se reconheçam em sua imagem. A transição de gênero pode ser vista como uma forma de investimento psíquico no corpo, ou seja, uma composição corporal. Com essa nova composição, jovens trans parecem buscar a manutenção da sensação de continuidade de existência, através da transição e das modificações corporais que resultam em uma maior apropriação da sua imagem corporal. Embora os procedimentos envolvam o corpo físico, o processo de composição também ocorre em níveis psíquicos, sensoriais e imaginários. Assim, há um esforço para se reconhecer e se identificar com o próprio corpo.

Considerando esse contexto, pensamos que o fenômeno sociocultural de um aumento no número de intervenções físicas no corpo pode ser um esforço inconsciente que busca uma reorganização da imagem, da forma e da propriocepção do corpo. Ao nosso ver, estas modificações procuram *refazer um corpo*, constituindo-se em uma forma de singularização do sujeito, ao produzir uma nova apropriação corporal e fortalecer uma identificação com a imagem. Ao mesmo tempo, elas têm o efeito de integrar o adolescente em grupos, permitindo que ele se identifique com outros e se sinta parte de uma comunidade.

A partir dessa pesquisa, pensamos na hipótese de que talvez o informe não seja exclusivo do processo de falha no investimento da imagem corporal do infante, mas que hoje seja um fenômeno cultural que faz parte da constituição da imagem corporal de muitos adolescentes.

Pensamos também, que o processo de composição corporal parece ser inerente a todos os sujeitos, como se o viver fosse um eterno processo de compor esse corpo, seja na infância, na adolescência ou na vida adulta. Isso se deve ao fato de que o nosso corpo está em constante transformação e há uma tendência a modificações corporais, seja na vestimenta, nas marcas

sobre a pele e em outras intervenções e alterações físicas, intencionais ou não. Há sempre uma dimensão estranha em nossa imagem, a qual podemos remeter ao *Unheimlich* freudiano, situado por Le Poulichet na origem do informe. Esse infamiliar corresponde a algo que nos parece fundamental no fenômeno constitutivo do eu e parte do desenvolvimento dos sujeitos. Assim, o fenômeno do informe seria inerente à constituição do narcisismo primário, sendo a teoria do informe, ao nosso ver, uma teoria da constituição do sujeito.

Através do presente trabalho, buscamos utilizar a perspectiva do informe para pensar no contexto atual da adolescência, considerando que cada jovem enfrenta a necessidade de construir sua própria identidade e sua imagem corporal, buscando novas formas de se colocar culturalmente e se diferenciar das figuras primordiais. Pensamos que talvez essa seja uma questão a nível social e que possa ser considerada para além da clínica. Para isso, realizamos uma reflexão que parte da teoria de Le Poulichet e se expande para contextos sociais e culturais, os quais a autora não aborda diretamente. Ampliamos assim o modo de pensar a teoria do informe, alcançando novas contribuições e aplicações desta teoria para alguns fenômenos corporais muito presentes na composição do corpo e na relação com a autoimagem corporal.

Queremos sugerir que talvez o fenômeno do informe não seja tão incomum quanto se pensa, ou seja, não seja restrito a casos particulares. Entendemos que esse fenômeno pode ter uma dimensão social que afeta a grande maioria das pessoas, especialmente os adolescentes devido à reedição do complexo de Édipo. Inclusive, essas modificações do corpo podem, muitas vezes, ser necessárias e positivas para que o corpo seja experimentado como um corpo mais consistente e conquistado pelo sujeito. Por fim, acreditamos na possibilidade de que algumas intervenções corporais possam contribuir para uma outra composição corporal, agora menos alienada em relação às imagens ideais do outro ou à ausência de seu olhar. No entanto, seriam necessários outros estudos para aprofundar estas discussões ora levantadas, haja vista a relevância desses fenômenos culturais nos dias de hoje e considerando as lacunas teóricas presentes sobre o tema.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ALMEIDA, T. U. C. et al. **Influência da comparação social na apresentação de si de adolescentes na rede social digital Instagram**. Dissertação de Mestrado. Instituto de Psicologia, Universidade Federal da Bahia, Salvador, BA, Brasil, 2022.

ANZIEU D. **O eu-pele**. tradutoras Zakie Yazigi, Rosali Mahfuz; revisora técnica Latife Yazigi. — São Paulo: Casa do Psicólogo, 1989.

ARAÚJO, B.; BRITO, J.; NETO, V. Cresce 300% o uso de nome social nas escolas públicas na última década. **CNN Brasil**, São Paulo, 13 de abril de 2022. Disponível em: < [Cresce 300% o uso de nome social nas escolas públicas na última década | CNN Brasil](#)>. Acesso em: 21 de jun. de 2022.

BACKES, C. Patricinha ou largada: as identificações na adolescência. **Revista da APPOA: Clínica da adolescência**, Porto Alegre, n. 23, p. 31-40, 2002.

BARRAULT, C. **L'adolescence à fleur de peau - se couper pour exister**. Tese de Doutorado – Université Henri Poincaré, Nancy 1, Faculté de Médecine, França, 2005.

BARRETO, O. F.; CECCARELLI, P. R.. Entre o Eu e o corpo... um estranho: reflexões sobre as transexualidades. **Reverso**, v. 37, n. 69, p. 113-119, 2015.

BENTO, B. **A reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual**. Rio de Janeiro: Editora Garamond, 2006.

BERNAL, E. P. **Considerações psicanalíticas a respeito da automutilação**. Dissertação (Mestrado em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

BOUER, J. Relatório revela aumento acentuado de jovens trans nos EUA. **UOL**. 14 de jun. de 2022. Disponível em: < [Doutor Jairo · Relatório revela aumento acentuado de jovens trans nos EUA \(uol.com.br\)](#)>. Acesso em: 21 de jun. de 2022

BRÊTAS, J. R. S. **Mudanças: a corporalidade na adolescência**. Tese (Doutorado em Enfermagem) – Escola Paulista de Medicina, Universidade Federal de São Paulo, Programa de Pós-graduação em Enfermagem. São Paulo, 2003.

BUTLER, J. **Problemas de gênero. Feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CARDOSO, M. R. DEMANTOVA, A. G.; MAIA, G. D. C. S. Corpo e dor nas condutas escarificatórias na adolescência. **Estudos de Psicanálise**, n. 46, p. 115-123, 2016.

COSTA, A. Apagando marcas: registro e endereço adolescente. **Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre**, Porto Alegre, v. 23, p. 9-17, 2002.

COSTA, A. Tatuagens e marcas corporais: atualização do sagrado. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.

DEMANTOVA, A. **Escarificações na adolescência: corpo atacado, corpo marcado**. 2017. Tese de Doutorado. Dissertação de mestrado). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

DRIEU, D.; PROIA-LELOUEY, N.; ZANELLO, F. Ataques ao corpo e traumatofilia na adolescência. **Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica**, v. 14, p. 09-20, 2011.

DSM-V. Manual de diagnóstico e estatística das perturbações mentais. **Lisboa: Climepsi Editores**, 2013.

DUMET, N.; JUTEAU, A. «On tue un fœtus, on tue un corps?»: quand anorexie et boulimie racontent l’histoire d’une destructivité intra-utérine. **Cliniques méditerranéennes**, n. 1, p. 143-158, 2013.

FERNANDES, M. H. **Corpo (Coleção Clínica Psicanalítica)**. Casa do Psicólogo, 2003./2011.

FERREIRA, F. M.S. **Ataques ao corpo na adolescência: os limites e o Eu-pele**. 2021. 142 f., il. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica e Cultura) — Universidade de Brasília, Brasília, 2021.

FONTES, I. A construção silenciosa do ego corporal. **ALTER—Revista de estudos psicanalíticos**, v. 29, n. 2, p. 83-90, 2011.

FONTES, I. Caso R—Construindo uma pele psíquica. **Cadernos de Psicanálise. Círculo Psicanalítico do Rio de Janeiro**, p. 55-71. 2004.

FORTUNE, S. A.. An examination of cutting and other methods of dsh among children and adolescents presenting to an outpatient psychiatric clinic in new zealand [Versão eletrônica]. **Clinical Child Psychology and Psychiatry**, 11(3), 407-416, 2006.

FREUD, S. (1895). Estudos sobre a histeria. In: FREUD, S. **In: Edição standard brasileira das Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, v. 2., 1990.

FREUD, S. (1905). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. **In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, v. 7, p. 117-231, 1996.

FREUD, S. (1919). O inquietante (Das Unheimliche). **In: Obras Completas de Sigmund Freud**, São Paulo: Companhia das Letras, v. 14, 2010.

FREUD, S. (1920). Além do princípio de prazer. **In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, v. 18, p. 11-154, 1996.

FREUD, S. (1923). O ego e o id. *In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, v.19, 1996.

FREUD, S. (1895). Rascunho G. Melancolia. *In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1969.

FURTADO, A. C. et al. FANTASIA, DESEJO E MÍDIAS SOCIAIS, UM OLHAR DA PSICANÁLISE. *PSIQUE-RELATOS ACADÊMICOS*, v. 1, n. 2, p. 32-42, 2016.

GALVÃO, L. A.; BOCCHI, J. C. Considerações teóricas sobre o corpo e o fenômeno da dor em Nasio e Le Poulichet: da imagem ao corpo em negativo. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, v. 26, p. e221271, 2023.

GIMENES, H.F.; PORCHAT, P. **As Experiências de Corpo e Gênero de Adolescentes na Customização de Avatares em Jogos Eletrônicos Online**. Relatório de IC PIBIC UNESP, 2020.

GOMES, D. F., S., T. R., MOITA, M. P., GONZAGA, M. J. D. Concepções da psicanálise sobre a anorexia no brasil: uma revisão de escopo. *SANARE - Revista De Políticas Públicas*, v. 19, n.1, 2020.2010.

GONÇALVES, R. C.; CECCARELLI, P. R. Unheimlich and transexualities. *Estudos de Psicanálise*, n. 54, p. 119-129, 2020.

GONÇALVES, L.; DUARTE, G. A. O homem social nas redes sociais: um estudo de caso sobre a cultura do cancelamento. *In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*, 43, 2020.

JORGE, M. A. C.; TRAVASSOS, N. P. A epidemia transexual: histeria na era da ciência e da globalização?. *Revista latinoamericana de psicopatologia fundamental*, São Paulo, v. 20, p. 307-330, 2017.

KALLAS, M. B. L. de M. O sujeito contemporâneo, o mundo virtual e a psicanálise. *Reverso*, Belo Horizonte, v. 38, n. 71, p. 55-63, jun. 2016.

LACAN, J. O estágio do espelho como formador da função do eu, Em: Lacan, J, Escritos (pp. 96-103). **Rio de Janeiro: Jorge Zahar**. Trabalho publicado em 1949.

LAPLANCHE, J. PONTALIS, J. B. Vocabulário **da psicanálise**. Santos: Martins, 2001.

LE BRETON, D. Escarificações na adolescência: uma abordagem antropológica. *Horizontes Antropológicos*, v. 16, p. 25-40, 2010.

LE BRETON, D. O risco deliberado: sobre o sofrimento dos adolescentes. *Política & Trabalho*, n. 37, 2012.

LE POULICHET, S. Les chimères du corps. De la somatisation à la création, **Aubier/Flammarion**, Paris, 2010a.

LE POULICHET, S. **O tempo na psicanálise** (1994). Tradução Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

LE POULICHET, S. **Psychanalyse de l'informe : Dépersonnalisation, addiction, traumatisme**. Éditions Flammarion, Paris, 2003.

LE POULICHET, S. **Toxicomanías y psicoanálisis: La narcosis del deseo** (1987). 2^o ed., 1^a reimp. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Amorrortu, 2019.

LE POULICHET, S. Argument - Corps, trauma et processus créateurs. **Cliniques méditerranéennes**, n. 1, p. 5-8, 2015b.

LE POULICHET, S. Champ du regard et surgissement de la présence dans les processus créateurs. **Cliniques méditerranéennes**, n. 1, p. 259-270, 2010b.

LE POULICHET, S. Compositions corporelles et actes de naissance dans le transfert. **Cliniques méditerranéennes**, n. 1, p. 41-56, 2015a.

LE POULICHET, S. Créations d'enveloppes sensorielles paradoxales. **Adolescence**, v. 32, n. 4, p. 809-820, 2014a.

LE POULICHET, S. Du trauma à la passion: quand le corps se fait question. **Adolescence**, v. 331, n. 1, p. 47-60, 2015c.

LE POULICHET, S. Espace-temps corporel et symbolisation. **Cliniques méditerranéennes**, v. 97, n. 1, p. 79-90, 2018b.

LE POULICHET, S. Formation humoristique de transfert: de la créativité du symptôme et du rêve jusqu'au rire. **Cliniques méditerranéennes**, v. 89, n. 1, p. 21-30, 2014b.

LE POULICHET, S. Le corps pensé par les images de rêve, **Champ psychosomatique**, v. 4, n. 52, p. 79-90, 2008.

LE POULICHET, S. (org.). **Les addictions**. Paris: PUF, 2000.

LE POULICHET, S. **Les poétiques du corps: actes de naissance en analyse**. Hermann, 2018a.

LE POULICHET, S. L'informe temporel: s' anéantir pour exister. **Recherches en psychanalyse**, v. 3, n. 1, p. 21-29, 2005.

LE POULICHET, S. Scènes originaires, somatisations et créations artistiques. **Champ psychosomatique**, n. 3, p. 25-34, 2007.

- LE POULICHET, S. Traversée de l'informe. **Champ psychosomatique**, n. 2, p. 57-66, 2004.
- LIRA, A. G. et al. Uso de redes sociais, influência da mídia e insatisfação com a imagem corporal de adolescentes brasileiras. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria**, v. 66, p. 164-171, 2017.
- MACEDO, S.; ALMEIDA, M. L. As transformações corporais na adolescência através de tatuagens, piercings e alargadores. **Estilos da clínica**, v. 24, n. 1, p. 134-146, 2019.
- MACIEL, C. Transgêneros e não binários são 2% dos brasileiros, revela estudo. **Agência Brasil**, São Paulo, 22 de nov. de 2021. Disponível em: < [Transgêneros e não binários são 2% dos brasileiros, revela estudo | Agência Brasil \(ebc.com.br\)](https://agencia.brazil.gov.br/noticia/novembro-2021/transgeneros-e-nao-binarios-sao-2-dos-brasileiros-revela-estudo)>. Acesso em: 21 de jun. de 2022.
- MANIGLIA, L.; PORCHAT, P. (2024). Gêneros não binários no Brasil: uma aproximação psicanalítica. **Revista Periódicus**, 1(20), 158–172. <https://doi.org/10.9771/peri.v1i20.54457> Acesso em: 10 abr. de 2024.
- MARCOS, C. M. Anorexia: uma conjugação do amor no feminino?. **Psicologia Clínica**, v. 28, n. 1, p. 105-121, 2016.
- MARINI, M. “Você poderá vomitar até o infinito, mas não conseguirá retirar sua mãe de seu interior” 1–psicanálise, sujeito e transtornos alimentares. **cadernos pagu**, p. 373-409, 2016.
- MARTINS, F. Mais de 70 Milhões de pessoas no mundo possuem algum transtorno alimentar. Ministério da Saúde. 19 set. de 2022. Disponível em: < www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/noticias/2022/setembro/mais-de-70-milhoes-de-pessoas-no-mundo-possuem-algum-disturbio-alimentar>. Acesso em: 10 jun. de 2023.
- MARTY, F. Adolescência, violência e sociedade. **Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica**, v. 9, p. 119-131, 2006.
- MATTOS, F. G. M. **Cirurgia plástica estética e adolescência**. Monografia de Especialização (Especialização em Semiótica Psicanalítica - Clínica da Cultura) - Faculdade de Filosofia, Comunicação, Letras e Artes da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2009.
- MCDUGALL, J. Um corpo para dois. In: **Conferências brasileiras: corpo físico, corpo psíquico, corpo sexuado**. 1987. p. 19-52.
- MENEGHETTI, Francis Kanashiro. O que é um ensaio-teórico?. **Revista de administração contemporânea**, v. 15, p. 320-332, 2011.
- MORAES, F. Filtros de selfie que afinam nariz e rosto incentivam racismo e cirurgias plásticas ente jovens. **The Intercept**, 19 de abril de 2022. Disponível em: <[Filtros de selfie incentivam racismo e plásticas entre jovens \(theintercept.com\)](https://theintercept.com/pt-br/2022/04/19/filtros-de-selfie-racismo-plasticas-entre-jovens/)>. Acesso em: 21 de jun. de 2022.

MOREIRA, J. O.; TEIXEIRA, L. C.; NICOLAU, R. F. Inscrições corporais: tatuagens, piercings e escarificações à luz da psicanálise. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, v. 13, p. 585-598, 2010.

MORETTO, M. L. T.; KUPERMANN, D.; HOFFMANN, C. Sobre os casos-limite e os limites das práticas de cuidado em psicanálise. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, v. 20, p. 97-112, 2017.

NASIO, J.-D. **Lições sobre os 7 conceitos cruciais da psicanálise**. Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2017.

NASIO, J.-D. **O olhar em psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1995.

NASIO, J.-D. **O silêncio na psicanálise**. Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2010.

OUVRY, O. Corpo e novidade puberal. **Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica**, Rio de Janeiro, v. 14, p. 209-223, 2011.

PINHO, C.; PRUDENTE, R. “Espelho, espelho meu...”: os impactos das redes sociais na construção da subjetividade feminina. **Cadernos de Psicologia**. v.013, n. 6, 2021.

PORCHAT, P. A transexualidade hoje: questões para pensar o corpo e o gênero na psicanálise. **Revista Brasileira de Psicanálise**, v. 48, n. 4, p. 115-124, 2014.

PORCHAT Patricia, « L’hormone ou la vie ? Les menaces genrées », *Adolescence*, 2023/2 (T.41 n° 2), p. 393-406. DOI : 10.3917/ado.112.0393. URL : <https://www.cairn.info/revue-adolescence-2023-2-page-393.htm>

SANTOS, K. M. C.; ZANOTTI, S. V. ADOLESCÊNCIA E CORPO: IDEAIS CONTEMPORÂNEOS?. **Polêmica**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 4, p. 809-820, 2013.

SARMENTO, T. A. M.; COPPUS, A. N. S. TRIPOFOBIA E UNHEIMLICHE NOS TEMPOS DO EXIBICIONISMO VIRTUAL. **PSIQUE-RELATOS ACADÊMICOS**, v. 1, n. 1, p. 102-115, 2016.

SOUZA, L. V.; SANTOS, M. A. A família e os transtornos alimentares. **Medicina (Ribeirão Preto)**, v. 39, n. 3, p. 403-409, 2006.

SPIZZIRRI, G., E., R., LIMA, M.C.P. *et al.* Proportion of people identified as transgender and non-binary gender in Brazil. **Sci Rep** 11, 2240 (2021). <https://doi.org/10.1038/s41598-021-81411-4> Acesso em: 20 de fev. 2024

TOROSSIAN, S. D. Trajetos adolescentes na construção de toxicomanias. **Psicologia em revista**, Belo Horizonte, v. 13, n. 1, p. 123-136, 2007.

UOL. Transtorno de personalidade borderline ainda é mal diagnosticado, diz psiquiatra francesa - 22/11/2022 . **UOL Notícias**. 2022. Disponível em:

<www.noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/rfi/2022/11/22/transtorno-de-personalidade-border-line-ainda-e-mal-diagnosticado-diz-psiquiatra-francesa.htm> Acesso em: 13 de set. 2023.

VAZ, L. C. S.; FERNANDES, N. C. P. V. Redes sociais e a distorção da autoimagem – um olhar atento sobre o impacto que os influenciadores digitais provocam na autoestima das mulheres. 2021.

VELANO, M. F.S.; FULGENCIO, L. Fort-da as the limit of representativeness and temporalization of experience. **Rev. bras. psicanál [online]**. 2020, vol. 54, n. 1, pp. 99-111.

VILHENA, J.; ROSA, C. M.; NOVAES, J. V. Narrando dores: a tatuagem como narrativa. **Cadernos de psicanálise (Rio de Janeiro)**, v. 37, n. 33, p. 129-154, 2015.

WINNICOTT, D. W. (1963) Comunicação e falta de comunicação levando ao estudo de certos opostos". In: Winnicott, D. W. **O ambiente e os processos de maturação**, São Paulo: Artmed, 2007.

ZORZAN, F. S.; CHAGAS, A. T. S. Espelho, espelho meu, existe alguém mais bela do que eu?: Uma reflexão sobre o valor do corpo na atualidade e a construção da subjetividade feminina. **Barbaroi**, Santa Cruz do Sul , n. 34, p. 161-187, 2011.